

ALMANACH
LITTERARIO

DE
SÃO PAULO

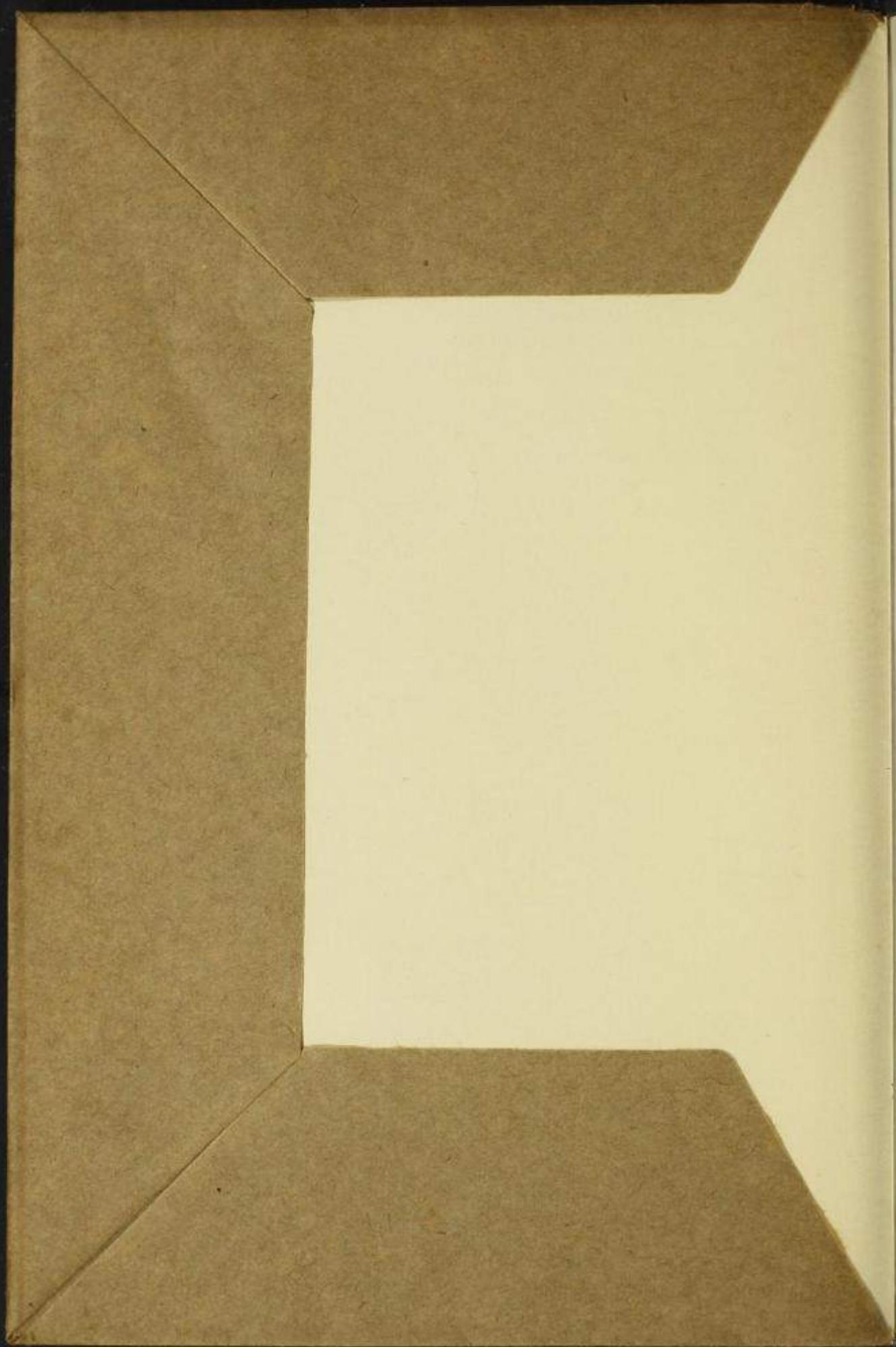
PARA O ANNO DE

1880

PUBLICADO
POR

JOSÉ MARIA LISBOA

5.º ANNO



ALMANACH LITTERARIO

DE

S. PAULO

PARA

1880

Acompanhado de uma vista photographica representando a colonia Nova-Louzã

PUBLICADO POR

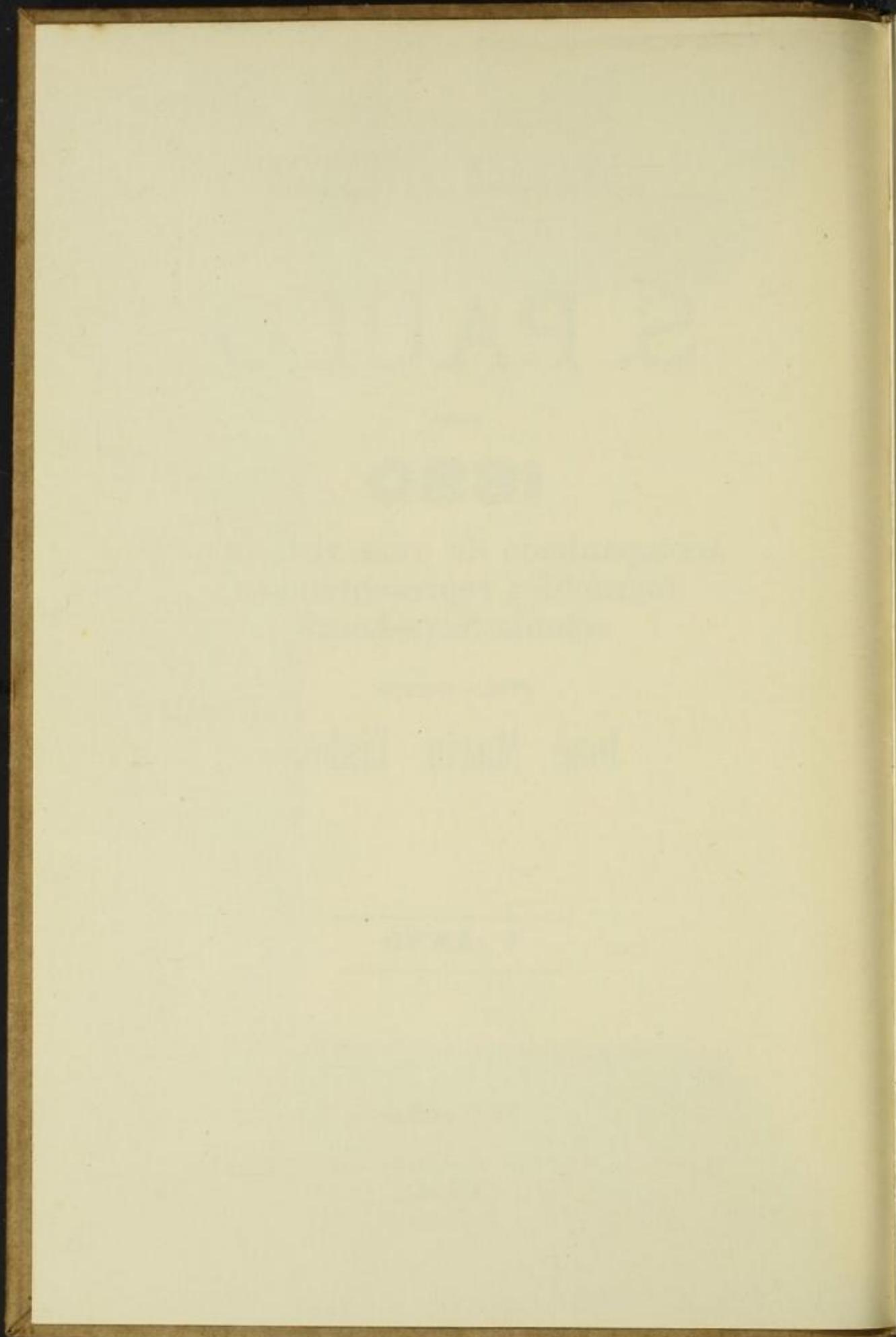
José Maria Lisboa

V ANNO

S. PAULO

TYP. DA «PROVINCIA»—RUA DA IMPERATRIZ—44

1879



AO LEITOR

Entregando á publicidade o *Almanach Litterario de S. Paulo*, para 1880, confiamos que receberá o mesmo acolhimento que tem sido dispensado aos dos annos anteriores.

Como sempre não satisfaz este livrinho as nossas vistas, em virtude da difficuldade na obtenção de artigos originaes e relativos á provincia. Conseguimos, em geral, muitas promessas, mas realisam-se poucas.

Ainda assim não nos ha faltado o concurso assiduo de alguns illustrados cavalheiros, que continuam ainda este anno a honrar as paginas do *Almanach* util e brilhantemente.

A esses, em nosso nome e no dos leitores, a quem prestam real serviço, nossa gratidão.

Na intenção de corresponder ao favor publico, pretendiamos annexar ao presente volume duas photographias, representando uma—o notavel estabelecimento agricola do sr. commendador José Vergueiro; outra, a importante colonia *Nova-Louzã*, do sr. commendador Monte-Negro.

Esta o leitor encontrará no livro, bem como um excellente artigo analogo, da primorosa penna do nosso distincto amigo dr. F. Quirino dos Santos; aquella apparecerá no proximo anno, visto que infelizmente não chegou ás nossas mãos até este momento o respectivo fac-simile.

S. Paulo, 15 de Outubro de 1879.

JOSÉ MARIA LISBOA.

INTRODUCTION

The purpose of this book is to provide a comprehensive overview of the current state of research in the field of artificial intelligence. This introduction will discuss the history of AI, its various subfields, and the challenges that remain. It will also explore the ethical implications of AI and the potential for future breakthroughs. The book is intended for both students and researchers in the field, as well as for anyone interested in the impact of AI on society.

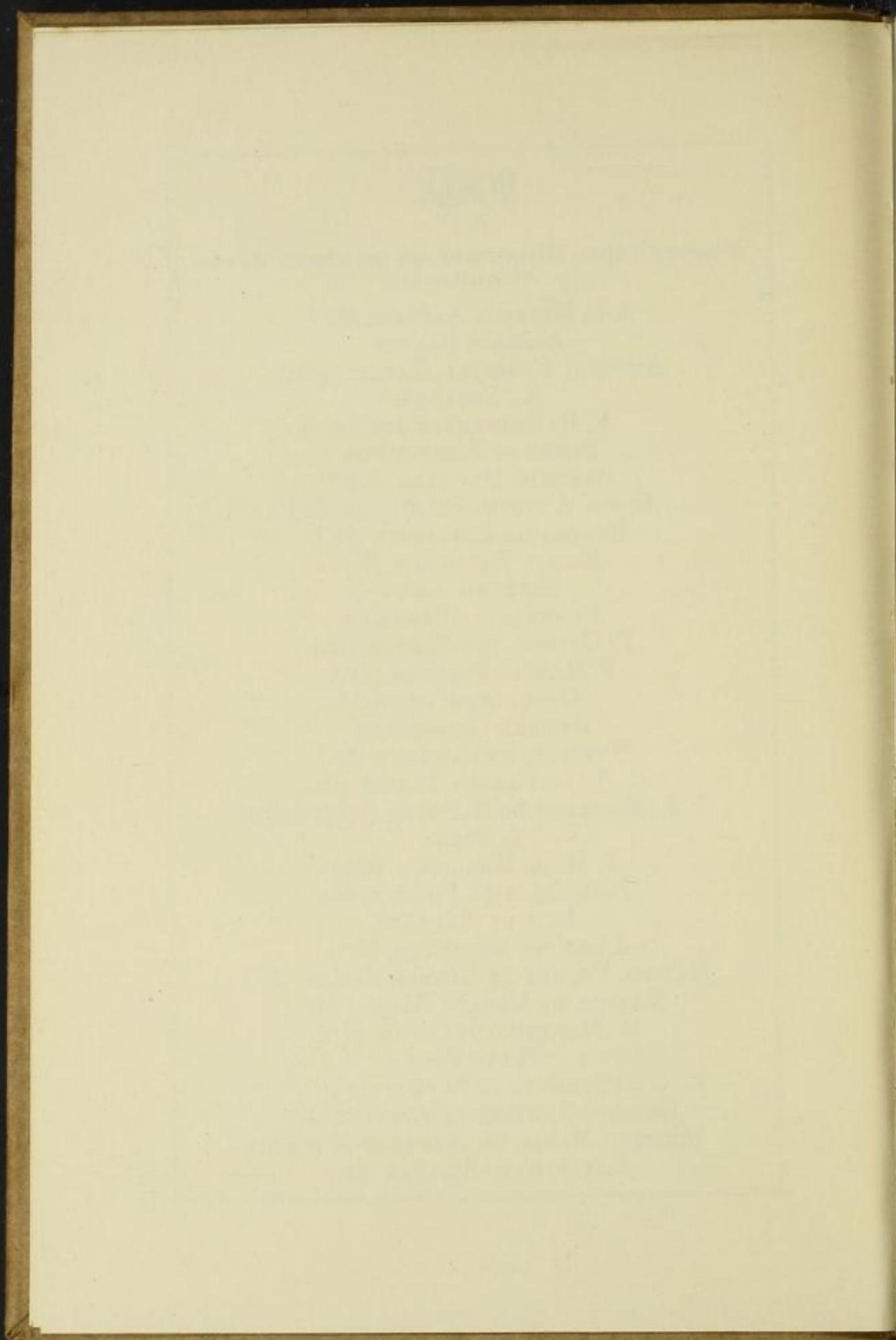
The first part of the book, Chapter 1, discusses the history of AI, from its early roots in the 1950s to the present day. It covers the development of the Turing Test, the rise of expert systems, and the emergence of machine learning. Chapter 2 provides an overview of the major subfields of AI, including natural language processing, computer vision, robotics, and game playing. Chapter 3 discusses the challenges that remain in AI, such as the need for more powerful hardware, the development of more sophisticated algorithms, and the need for better data sets. Chapter 4 explores the ethical implications of AI, including issues of privacy, security, and the potential for AI to be used for malicious purposes. Finally, Chapter 5 discusses the potential for future breakthroughs in AI, including the development of artificial general intelligence and the potential for AI to be used to solve some of the world's most pressing problems.

NOMES

DAS

Pessoas que illustram as paginas deste almanach

A. C. MIRANDA AZEVEDO (dr.)
ALBERTO SALLES
ANTONIO FERREIRA GARCEZ (dr.)
A. PEÇANHA
A. R. GUIMARÃES JUNIOR (dr.)
BARÃO DE PIRATININGA
BRAZILIO MACHADO (dr.)
DIOGO ANTONIO FEIJÓ (senador)
DOMINGUES JAGUARIBE (dr.)
EMILIA SALDANHA (d.)
ESTEVAM LEÃO
EUGENIO L. FERREIRA
F. QUIRINO DOS SANTOS (dr.)
F. RANGEL PESTANA (dr.)
GONÇALVES CRESPO
GUERRA JUNQUEIRO
HYPOLITO DE CAMARGO (dr.)
J. A. DE BARROS JUNIOR (dr.)
J. J. MACHADO DE OLIVEIRA (brigadeiro)
J. PIRES
J. R. DE MENDONÇA (dr.)
JOÃO TEBIRICÁ PIRATININGA
LUIZ DE ANDRADE
LUCIO DE MENDONÇA (dr.)
MANOEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES (dr.)
MANOEL DE MORAES BARROS (dr.)
M. MONTEIRO DE GODOY (dr.)
PAULO EIRÓ
PRUDENTE DE BARROS (dr.)
RICARDO GUMBLETON DAUNTRE (dr.)
ROBERTO MARIA DE AZEVEDO MARQUES
UBALDINO DO AMARAL (dr.)



COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero	19
Cyclo solar	13
Epacta	18
Letra dominical.	D, C

Festas moveis

Septuagesima.	25 de Fevereiro.
Cinza	11 de Fevereiro.
Paschoa.	28 de Março.
Rogações	3, 4 e 5 de Maio.
Ascensão	6 de Maio.
Pentecostes.	16 de Maio.
Dominga da SS. Trindade.	23 de Maio.
Corpo de Deus.	27 de Maio.
Coração de Jesus.	4 de Junho.
Primeira Dominga de Advento	28 de Novembro.

Temporas

Primeiras.	17, 19 e 20 de Fevereiro.
Segundas.	19, 21 e 22 de Maio.
Terceiras.	17, 19, 20 de Setembro.
Quartas	17, 19, 20 de Dezembro.

Nupcias

Todos os dias do anno, excepto desde quarta-feira de Cinza até ao 1º Domingo, depois da Paschoa, e desde a 1ª Dominga do Advento até dia de Reis, em que são prohibidas.

Estações do anno referidas ao hemispherio do sul

Outono.	Março 20, ás 2 h. 13 m. 6 s. da tard.
Inverno	Junho 20, ás 10 h. 37 m. 2 s. da tarde.
Primavera.	Setembro 22, a 1 h. 22 m. 1 s. da tarde.
Verão	Dezembro 21, ás 7 h. 26 m. 8 s. da tarde.

ECLIPSES

No anno de 1880, haverá seis eclipses, sendo quatro do sol e dous da lua.

. 11 de Janeiro. . .

I. Eclipse total do sol; invisível no Rio de Janeiro. Entra a terra na penumbra, ás 5 h. 7 m. e 9. s. da tarde. Sahe a terra da penumbra, ás 10 h. 15 m. e 2 s. da tarde.

22 de Junho

II. Eclipse total da lua, invisível no Rio de Janeiro. Entra a lua na penumbra, ás 8 h. 25 m. e 5 s. da manhã. Entra a lua na sombra, ás 9 h. 22 m. 2 s. da manhã. Começa a totalidade ás 10 h. 39 m. 1 s. da manhã. Meio do eclipse ás 10 h. 57 m. 5 s. da manhã. Termina a totalidade ás 11 h. 15 m. 9 s. da manhã. Sahe a lua da sombra ás 0 h. 32 m. 8 s. da tarde. Sahe a lua da penumbra a 1 h. 29 m. 5 s. da tarde.

Grandeza do eclipse—J 063.do.diametro lunar.

7 de Julho

III. Eclipse annullar do sol. Entra a terra na penumbra ás 7 h. 50 m. 4 s. da manhã. Sahe a terra da penumbra ás 0 h. 44 m. 8 s. da tarde.

1 e 2 de Dezembro

IV. Eclipse parcial do sol, invisível no Rio de Janeiro. Entra a terra na penumbra, no dia 1 ás 11 h. 52 m. 1 s. da tarde. Sahe a terra da penumbra, no dia 2, ás 0 h. 45 m. da manhã.

Maior grandeza do eclipse—0,04 do diametro solar.

16 de Dezembro

V. Eclipse total da lua, invisível no Rio de Janeiro. Entra a lua na penumbra ás 9 h. 38 m. 9. s. da manhã. Entra a lua na sombra ás 10 h. 51 m. 9 s. da manhã. Começa a totalidade ás 0 h. 1 m. 4 s. da tarde. Meio do eclipse ás 0 h. 46 m. 2 s. da tarde. Termina a totalidade a 1 h. 31 m. da tarde. Sahe a terra da sombra ás 2 h. 40 m. 5 s. da tarde. Sahe a terra da penumbra ás 3 h. 53 m. 5 s. tarde.

Grandeza do eclipse—1.390 do diametro lunar.

JANEIRO



PHASES DA LUA

- ☾ Mingoante, a 5, ás 5 h. 56' da manhã.
- ☉ Nova, a 11, ás 7 h. 48' da tarde.
- ☾ Crescente, a 19, ás 3 h. 48' da manhã.
- ☽ Cheia, a 27, ás 7 h. 20' da manhã.

1. Quinta, ✠ CIRCUMCISÃO DO SENHOR.
2. Sexta, s. Isidoro, b. m.
3. Sabbado, s. Antero.
4. DOMINGO, s. Gregorio.
5. Segunda ☾ s. Simeão Estellita.
6. Terça, ✠ DIA DE REIS.
7. Quarta, s. Theodoro, monge.
8. Quinta, s. Lourenço Justinaiano.
9. Sexta, s. Julião, m.
10. Sabbado, s. Paulo, 1º eremita.
11. DOMINGO, ☉ s. Hygino, p. m.
12. Segunda, s. Satyro, m.
13. Terça, s. Hilario, b.
14. Quarta, s. Felix, m.
15. Quinta, s. Amaro, ab.
16. Sexta, s. Marcello p.
17. Sabbado, s. Antão, ab.
18. DOMINGO, o SS. NOME DE JESUS.
19. Segunda, ☽ s. Canuto, rei da Dinamarca.
20. Terça, ✠ s. Sebastião, m.
21. Quarta, s. Ignez, v. m.
22. Quinta, s. Vicente.
23. Sexta, s. Raymundo de Penaforte.
24. Sabbado, s. Timotheo.
25. DOMINGO DA SEPTUAGESIMA, Conversão de S. Paulo.
26. Segunda, s. Polycarpo, b. m.
27. Terça, ☽ s. João Chrysostomo, b.
28. Quarta, s. Cyrillo, b.
29. Quinta, s. Francisco de Salles, b.
30. Sexta, s. Martinho, v. m.
31. Sabbado, s. Pedro Nolasco.

FEVEREIRO



PHASES DA LUA

- ☾ Mingoante, a 3, ás 0 h. 46' da tarde.
- ☽ Nova, a 10, ás 8 h. 25' da manhã.
- ☾ Crescente, a 18, ás 0 h. 54' da manhã.
- ☽ Cheia, a 25, ás 10 h. 30' da tarde.

1. DOMINGO DA SEXAGESIMA, s. Ignacio, b. m.
2. Segunda, ✕ PURIFICAÇÃO DE N. SENHORA.
3. Terça, ☾ s. Braz, b. m.
4. Quarta, s. André Cursino, b. c.
5. Quinta, s. Agueda, v. m.
6. Sexta, s. Dorothea, v.
7. Sabbado, s. Romualdo, ab.
8. DOMINGO DA QUINQUAGESIMA, s. João da Matta.
9. Segunda, s. Apollonia, v. m.
10. Terça, ☽ s. Escolastica, v.
11. Quarta, s. Lazaro.
12. Quinta, s. Eulalia, v. m.
13. Sexta, s. Gregorio II, p. s.
14. Sabbado, s. Valentim, m.
15. DOMINGO, s. Faustino.
16. Segunda, s. Porphyrio, m.
17. Terça, s. Faustino.
18. Quarta, ☾ s. Theotonio.
19. Quinta, s. Conrado, f.
20. Sexta, s. Eleutherio B.
21. Sabbado, s. Maximiano, b.
22. DOMINGO, s. Margarida de Cortona.
23. Segunda, s. Pedro Damião, b. e c.
24. Terça, s. Pretextato.
25. Quarta, ☽ s. Mathias, ap.
26. Quinta, s. Cesario.
27. Sexta, s. Torquato, m., arc. de Braga.
28. Sabbado, s. Leandro, arc. de Sevilha.
29. DOMINGO, s. Romão, ab.

MARÇO



PHASES DA LUA

- ☾ Mingoante, a 3, ás 8 h. 14' da manhã.
- ☀ Nova, a 10, ás 9 h. 55' da tarde.
- ☾ Crescente, a 18, ás 9 h. 58' da tarde.
- ☀ Cheia, a 26, ás 10 h. 31' da manhã.

1. Segunda, s. Adrião, m.
2. Terça, s. Simplicio, p.
3. Quarta, ☾ s. Marinho, soldado m.
4. Quinta, s. Casimiro, s. Lucio, p. m.
5. Sexta, s. Theophilo, b.
6. Sabbado, s. Olegario b.
7. DOMINGO, s. Thomaz d'Aquino, dr. da igreja.
8. Segunda, s. João de Deus.
9. Terça, s. Francisca Romana, viuva.
10. Quarta ☀ s. Militão e 39 comp.
11. Quinta, s. Candido, m.
12. Sexta, s. Gregorio, p. e dr. da igreja.
13. Sabbado, A. B. Sanchas, inf. de Portugal.
14. DOMINGO, trasl. de s. Boaventura.
15. Segunda, s. Zacarias, p., s. Longuinho, soldado.
16. Terça, s. Cyriaco, m.
17. Quarta, s. Patricio, ap. da Irlanda.
18. Quinta ☾ s. Gabriel Archanjo.
19. Sexta, s. José.
20. Sabbado, s. Martinho Dumiense, arc. de Braga.
21. DOMINGO DE RAMOS, s. Bento, ab.
22. Segunda, s. Emygdio, m.
23. Terça, s. Felix e seus companheiros, mm.
24. Quarta, s. Marcos, m.
25. Quinta ✕ ENDOENÇAS.
26. Sexta ✕ ☀ PAIXÃO DE NOSSO SENHOR.
27. Sabbado, Alleluia, s. Roberto, b.
28. DOMINGO DE PASCHOA, s. Alexandre, m.
29. Segunda, s. Victorino e seus companheiros mm.
30. Terça, s. João Climaco.
31. Quarta, s. Benjamin, diacono m.

ABRIL



PHASES DA LUA

- ☾ Mingoante, a 2, ás 3 h. 21' da manhã.
- ☽ Nova, a 9, aos 0 h. 15' da tarde.
- ☾ Crescente, a 17, ás 4 h. 12' da tarde.
- ☽ Cheia, a 24, ás 7 h. 58' da tarde.
- ☾ Mingoante, a 30, ás 8 h. 1' da tarde

1. Quinta, s. Macario.
2. ☾ Sexta, s. Francisco de Paula.
3. Sabbado, s. Pancracio.
4. DOMINGO, s. Isidoro.
5. Segunda, Nossa Senhora dos Prazeres.
6. Terça, s. Marcellino, m.
7. Quarta, s. Epiphanio.
8. Quinta, s. Amarino.
9. ☽ Sexta, Trasladação de Santa Monica.
10. Sabbado, s. Ezequiel, p.
11. DOMINGO, s. Leão I.
12. Segunda, S. Victor Portuguez.
13. Terça, s. Hermenegildo, m.
14. Quarta, os ss. Tiburcio e Valeriano, mm.
15. Quinta, as ss. Basilissa e Anastacia, mm.
16. Sexta, s. Engracia, v. m.
17. Sabbado, ☾ s. Aniceto, papa, m.
18. DOMINGO, s. Gualdino, b.
19. Segunda, s. Hermogenes, m.
20. Terça, s. Ignez de Montepoliciano, v. d.
21. Quarta, s. Anselmo, arc. de Cantuaria.
22. Quinta, os ss. Sotero e Caio.
23. Sexta, s. Jorge, m. defensor do imperio.
24. Sabbado, ☽ s. Fiel de Segmaringa.
25. DOMINGO, fugida de Nossa Senhora para o Egypto.
26. Segunda, S. Pedro de Rates, m. 1º b. de Braga.
27. Terça, s. Tertuliano.
28. Quarta, s. Vital.
29. Quinta, s. Pedro Martyr.
30. Sexta, ☾ s. Catharina de Sena.

MAIO



PHASES DA LUA

- ☾ Nova, a 9, ás 3 h. 24' da manhã.
- ☾ Crescente, a 17, ás 7 h. 32' da manhã.
- ☾ Cheia, a 25, ás 3 h. 47' da manhã.
- ☾ Minguante, a 30, ás 8 h. 1' da tarde.

1. Sabbado, s. Filippe e s. Thiago.
2. DOMINGO, MATERNIDADE DE N. SENHORA.
3. Segunda, Invenção da S. Cruz.
4. Terça, s. Monica.
5. Quarta, conversão de s. Agostinho.
6. Quinta, ✠ ASCENSÃO DE NOSSO SENHOR.
7. Sexta, s. Estanisláu.
8. Sabbado, apparição de S. Miguel Archanjo.
9. DOMINGO, ☉ s. Gregorio.
10. Segunda, s. Antonino.
11. Terça, s. Anastacio, m.
12. Quarta, s. Joanna.
13. Quinta, N. Senhora dos Martyres.
14. Sexta, s. Bonifacio, m.
15. Sabbado, s. Isidorø, lavrador.
16. DOMINGO, ESPIRITO-SANTO.
17. Segunda, ☽ s. Paschoal Baylão.
18. Terça, s. Venancio, m.
19. Quarta, s. Pedro Celestino.
20. Quinta, s. Bernardino de Sena.
21. Sexta, s. Manços, m., 1º bispo de Evora.
22. Sabbado, s. Rita de Cassia.
23. DOMINGO DA SANTISSIMA TRINDADE.
24. Segunda, ☉ Nossa Senhora Auxiliadora.
25. Terça, s. Gregorio VII.
26. Quarta, s. Felippe Nery.
27. Quinta, ✠ CORPO DE DEUS.
28. Sexta, S. Germano, B.
29. Sabbado, s. Maximo.
30. Domingo, ☾ s. Fernando, rei de Castella.
31. Segunda, s. Petronilha.

JUNHO



PHASES DA LUA

- Nova, a 7, ás 7 h. 3' da tarde.
- ☾ Crescente, a 15, ás 6 h. 59' da tarde.
- ☉ Cheia, a 22, ás 10 h. 54' da manhã.
- ☽ Mingoante, a 29, ás 7 h. 5' da manhã.

1. Terça, s. Firmo, m., s. Fortunato, presbytero.
2. Quarta, s. Marcellino, m.
3. Quinta, s. Paula, v. m.
4. Sexta, O SS. CORAÇÃO DE JESUS.
5. Sabbado, s. Marciano, m., s. Bonifacio, b. m.
6. DOMINGO, N. Senhora Mãe dos Homens, s. Norberto.
7. Segunda ● s. Roberto, ab.
8. Terça, s. Salustiano, s. Severino, b.
9. Quarta, ss. Primo e Feliciano, mm.
10. Quinta, s. Margarida, rainha da Escossia.
11. Sexta, s. Barnabé, ap.
12. Sabbado, s. João de S. Fagundes.
13. DOMINGO, s. Antonio de Lisboa.
14. Segunda, s. Basilio Magno, b. e dr. da egreja.
15. Terça ☽ s. Victo, m., s. Abrahão, abb.
16. Quarta, s. João Francisco Regio.
17. Quinta, A. B. Thereza, viuva.
18. Sexta, ss. Marcos e Marcellino, irmãos martyres.
19. Sabbado, s. Juliana de Falconeri, v.
20. DOMINGO, s. Silverio, p. m.
21. Segunda, s. Luiz Gonzaga.
22. Terça ☉ s. Paulino, b.
23. Quarta, s. João, sacerdote, s. Edeltrudes.
24. Quinta ✠ s. JOÃO BAPTISTA.
25. Sexta, s. Guilherme, ab., s. Febronia, v. m.
26. Sabbado, s. João e s. Paulo, irmãos martyres.
27. DOMINGO, s. Ladisláu, rei da Hungria.
28. Segunda, s. Leão II, p.
29. Terça ✠ ☽ s. Pedro e s. Paulo.
30. Quarta, s. Marçal, b.

JULHO



PHASES DA LUA

- ☉ Nova, a 7, ás 10 h. 29' da manhã.
- ☾ Crescente, a 15, ás 3 h. 24' da manhã.
- ☽ Cheia, a 21, ás 6 h. 9' da tarde.
- ☾ Mingoante, a 28, ás 8 h. 48' da manhã.

1. Quinta, s. Theodorico, ab.
2. Sexta, visitação de Nossa Senhora, s. Maria, m.
3. Sabbado, s. Jacintho, m., s. Heliodoro.
4. DOMINGO, s. Isabel, rainha de Portugal.
5. Segunda, s. Athanasio, m.
6. Terça, s. Domingas, v. m.
7. Quarta ☉ s. Pulqueria, v.
8. Quinta, s. Procopio, m.
9. Sexta, s. Cyrillo, b. m.
10. Sabbado, s. Januario e seus comp. martyres.
11. DOMINGO, Nossa Senhora do Patrocínio, s. Sabino.
12. Segunda, s. João Gualberto, ab.
13. Terça, s. Anacleto, p. m.
14. Quarta, s. Boaventura, b. e cardeal.
15. Quinta ☽ s. Camillo de Lellis.
16. Sexta, Nossa Senhora do Monte do Carmo.
17. Sabbado, s. Aleixo.
18. DOMINGO, O ANJO CUSTODIO DO IMPERIO.
19. Segunda, ss. Justa e Rufina, mm.
20. Terça, s. Jeronymo Emiliano, s. Elias, propheta.
21. Quarta ☉ s. Praxedes, v.
22. Quinta, s. Maria Magdalena.
23. Sexta, s. Apollinario, b. m.
24. Sabbado, s. Christina, v. m.
25. DOMINGO, s. Anna, mãe da mãe de Deus.
26. Segunda, ss. Symphronio, Olympio e Theodulo, mm.
27. Terça, s. Pantaleão, medico martyr.
28. Quarta ☾ s. Innocencio, p.
29. Quinta, s. Martha, v.
30. Sexta, SANTA ANNA MÃE DA MÃE DE DEUS.
31. Sabbado, s. Ignacio de Loyola, conf.

AGOSTO



PHASES DA LUA

- ☾ Nova, a 6, 0 h. 56' da manhã.
- ☾ Crescente, a 13, ás 9 horas 50' da manhã.
- ☾ Cheia, a 20, ás 2 horas 22' da manhã.
- ☾ Mingoante, a 27, a 1 h. 27' da manhã.

1. DOMINGO, s. Pedro.
2. Segunda, N. Senhora dos Anjos.
3. Terça, Invenção de s. Estevam, proto martyr.
4. Quarta, s. Domingos.
5. Quinta, N. Senhora das Neves.
6. Sexta, ☉ transfiguração de Christo.
7. Sabbado, s. Caetano.
8. DOMINGO, s. Cyriaco.
9. Segunda, s. Romão, soldado.
10. Terça, s. Lourenço, m.
11. Quarta, s. Tiburcio, m.
12. Quinta, s. Clara.
13. Sexta, ☽ s. Hyppolito.
14. Sabbado, s. Eusebio.
15. DOMINGO, Assumpção de Nossa Senhora.
16. Segunda, s. Roque.
17. Terça, s. Mamede, m.
18. Quarta, s. Clara de Monte Falco.
19. Quinta, s. Luiz, b. t.
20. Sexta, ☼ s. Bernardo, ab.
21. Sabbado, s. Joanna Francisca.
22. DOMINGO, s. Joaquim, pae N. Senhora.
23. Segunda, s. Felipe Benicio.
24. Terça, s. Bartholomeu, ap.
25. Quarta, s. Luiz rei de França.
26. Quinta, s. Zeferino, p. m.
27. Sexta, ☾ s. José de Calazans.
28. Sabbado, s. Agostinho, b.
29. DOMINGO, O SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA.
30. Segunda, s. Rosa de Lima.
31. Terça, s. Raymundo Nonnato.

SETEMBRO



PHASES DA LUA

- ☉ Nova, a 4, ás 2 h. da tarde.
- ☾ Crescente, a 11, ás 3 h. 23' da tarde.
- ☽ Cheia, a 18, aos 0 h. 37' da tarde.
- ☾ Mingoante, a 26, ás 8 h. 17' da manhã.

1. Quarta, s. Egydio, ab.
2. Quinta, s. Estevam, rei da Hungria.
3. Sexta, s. Eufemia, v. m.
4. Sabbado, ☉ s. Rosa de Viterbo.
5. DOMINGO, s. Antonino, m. a.
6. Segunda, s. Libanio, v. a.
7. Terça, s. João, m. s.
8. Quarta, ✠ NATIVIDADE DE N. SENHORA.
9. Quinta, s. Sergio, p. a.
10. Sexta, s. Nicoláu Tolentino.
11. Sabbado, ☾ s. Theodora Penitente.
12. DOMINGO, SANTISSIMO NOME DE MARIA.
13. Segunda, s. Felippe.
14. Terça, Exaltação de Santa Cruz.
15. Quarta, s. Domingos.
16. Quinta, s. Vicente, m.
17. Sexta, s. Pedro d'Arbues.
18. Sabbado, ☉ s. José de Cupertino.
19. DOMINGO, FESTA DAS DORES DE N. SENHORA.
20. Segunda, s. Eustaquio.
21. Terça, s. Matheus, ap.
22. Quarta, s. Mauricio, m.
23. Quinta, s. Lino.
24. Sexta, N. S. das Mercês.
25. Sabbado, s. Firmino.
26. DOMINGO, ☾ s. Cypriano.
27. Segunda, s. Cosme.
28. Terça, s. Wencesláu, duque da Bohemia.
29. Quarta, s. Miguel Archanjo.
30. Quinta, s. Jeronymo.

OUTUBRO



PHASES DA LUA

- ☉ Nova, a 4, a 1 h. 51' da manhã.
- ☾ Crescente, a 10, ás 9 h. 44' da tarde.
- ☽ Cheia, a 18, a 1 h. 34' da manhã.
- ☾ Mingoante, a 26, ás 4 h. 8' da manhã.

1. Sexta, s. Verissimo.
2. Sabbado, Os Anjos da Guarda.
3. DOMINGO, S. ROSARIO DE N. SENHORA.
4. Segunda, ☉ s. Francisco de Assis.
5. Terça, s. Placido.
6. Quarta, s. Bruno.
7. Quinta, s. Marcos, p.
8. Sexta, s. Brigida.
9. Sabbado, s. Dyonisio, b. de Paris.
10. DOMINGO, ☾ N. Senhora dos Remedios.
11. Segunda, s. Firmino, b.
12. Terça, s. Cypriano.
13. Quarta, s. Eduardo.
14. Quinta, s. Calixto.
15. Sexta, s. Thereza de Jesus.
16. Sabbado, s. Martiniano.
17. DOMINGO, N. Senhora dos Remedios.
18. Segunda, ☽ s. Lucas Evangelista.
19. Terça, s. Pedro de Alcantara.
20. Quarta, s. João Cancio.
21. Quinta, s. Ursula.
22. Sexta, s. Maria Salomé.
23. Sabbado, s. João de Capistrano.
24. DOMINGO, s. Raphael Archanjo.
25. Segunda, s. Chripim.
26. Terça, ☾ s. Evaristo.
27. Quarta, s. Elesbão.
28. Quinta, s. Simão.
29. Sexta, s. Feliciano, m.
30. Sabbado, s. Serapião.
31. DOMINGO, s. Quintino, m.

NOVEMBRO



PHASES DA LUA

- ☉ Nova, a 2, á 1 h. 3 m' da tarde.
- ☾ Crescente, a 9, ás 5 h. 28' da manhã.
- ☽ Cheia, a 16, ás 5 h. 47' da tarde.
- ☾ Mingoante, a 24, ás 11 h. 13' da tarde.

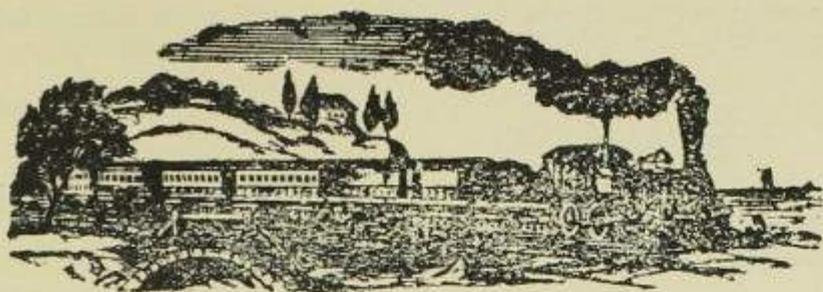
1. Segunda ✠ FESTA DE TODOS OS SANTOS.
2. Terça ☉ Commem. dos fiéis defuntos.
3. Quarta, s. Malaquias, b.
4. Quinta, s. Carlos Borromeu, arc.
5. Sexta, s. Zacarias e s. Isabel.
6. Sabbado, s. Severo, b. m.
7. DOMINGO, s. Florencio.
8. Segunda, s. Severiano.
9. Terça ☾ Ded. da Basilica do Salvador, em Roma.
10. Quarta, s. André Avelino, conf.
11. Quinta, s. Martinho, b.
12. Sexta, s. Martinho, p.
13. Sabbado, s. Estanisláu Kostka.
14. DOMINGO, Patrocínio de Nossa Senhora.
15. Segunda, s. Gertrudes Magna.
16. Terça ☉ S. Valerio, m.
17. Quarta, s. Gregorio Thaumaturgo, b.
18. Quinta, s. Romão, m.
19. Sexta, s. Isabel.
20. Sabbado, s. Felix de Valois.
21. DOMINGO, Apresentação de Nossa Senhora.
22. Segunda, s. Cecilia, v. m.
23. Terça, s. Clemente, p. m.
24. Quarta ☾ s. João da Cruz, c.
25. Quinta, s. Catharina do Monte Sinay.
26. Sexta, s. Pedro Alexandrino, b. m.
27. Sabbado, s. Margarida de Saboia, v.
28. DOMINGO, s. Gregorio III, p.
29. Segunda, s. Saturnino, m.
30. Terça, s. André, ap

DEZEMBRO



PHASES DA LUA

- ☉ Nova, a 2, ás 0 h. 4' da manhã.
 - ☾ Crescente, a 8, ás 3 h. 46' da tarde.
 - ☽ Cheia, a 16, ás 0 h. 44' da tarde.
 - ☾ Mingoante, a 24, ás 4 h. 5' da tarde.
 - ☉ Nova, a 31, ás 11 h. 4' da manhã.
1. Quarta, s. Eloy, b.
 2. Quinta ☉ s. Bibiana, v. m.
 3. Sexta, s. Francisco Xavier.
 4. Sabbado, s. Barbara.
 5. DOMINGO, s. Giraldo, arc.
 6. Segunda, s. Nicoláu.
 7. Terça, s. Ambrosio, b.
 8. Quarta ✠ ☽ N. SENHORA DA COMCEIÇÃO.
 9. Quinta, s. Leocadia, m.
 10. Sexta, s. Melquiades, p. m.
 11. Sabbado, s. Damaso, portug.
 12. DOMINGO, s. Justino, m.
 13. Segunda, s. Luzia, v. m.
 14. Terça, s. Angelo, ab.
 15. Quarta, s. Eusebio, b. m.
 16. Quinta ☽ As Virgens d'Africa, mm.
 17. Sexta, s. Bertholomeu de s. Geminiano.
 18. Sabbado, N. Senhora do O'.
 19. DOMINGO, s. Fausta.
 20. Segunda, s. Domingos de Silos, ab.
 21. Terça, s. Thomé, ab.
 22. Quarta, s. Honorato, m.
 23. Quinta, s. Servulo.
 24. Sexta ☾ s. Gregorio, m.
 25. Sabbado ✠ N. NASC. DE N. SENHOR JESUS CHRISTO.
 26. DOMINGO, s. Estevam.
 27. Segunda, s. João, ap. e evangelista.
 28. Terça, os ss. Innocentes, mm.
 29. Quarta, s. s. Thomaz, arc. m.
 30. Quinta, s. Sabino, b. m.
 31. Sexta ☉ s. Silvestre, p.



PREÇOS DAS PASSAGENS

DAS DIVERSAS

Linhas ferreas da provincia

COMPANHIA INGLEZA	1. Classe	2. Classe	Ida e volta
DE S. PAULO A			
Braz.....	550	220	830
S. Bernardo.....	1\$980	770	2\$970
Rio-Grande.....	3\$850	1\$650	5\$780
Alto da Serra.....	4\$840	2\$200	7\$260
Raiz da Serra.....	5\$830	2\$750	8\$760
Cubatão.....	6\$600	2\$860	9\$900
Santos.....	7\$700	3\$300	11\$550
DE S. PAULO A			
Agua-Branca.....	660	220	1\$000
Perús.....	2\$310	1\$100	3\$480
Belém.....	3\$850	1\$650	5\$780
Jundiahy.....	6\$600	2\$750	9\$900
COMPANHIA PAULISTA			
DE JUNDIAHY A			
Louveira.....	1\$562	660	2\$343
Cachoeira (Rocinha).....	2\$310	1\$100	3\$465
Vallinhos.....	3\$102	1\$430	4\$653
Campinas.....	4\$400	1\$980	6\$600

	1ª	2ª	Ida
	Classe	Classe	e volta
DE CAMPINAS A			
Boa-Vista.....	880	440	1\$320
Rebouças.....	2\$530	1\$100	3\$806
Santa Barbara.....	3\$762	1\$760	5\$654
Tatú.....	4\$950	2\$200	7\$425
Limeira.....	6\$138	2\$750	9\$207
Cordeiro.....	7\$227	3\$300	10\$846
Rio-Claro.....	8\$910	3\$960	13\$365
Araras.....	9\$757	4\$400	14\$696
Goabirola.....	11\$077	5\$060	16\$566
Manoel Leme.....	13\$607	6\$160	20\$416
COMPANHIA MOGYANA			
DE CAMPINAS A			
Anhumas.....	1\$000	500	1\$500
Tanquinho.....	2\$000	1\$000	3\$000
Jaguary (ent.).....	3\$200	1\$600	4\$800
Resaca.....	4\$640	2\$300	6\$900
Mogy-mirim.....	6\$200	3\$100	9\$300
Mogy-guassú.....	6\$800	3\$400	10\$200
Mattosecco.....	9\$200	4\$600	13\$800
Caldas.....	10\$400	5\$200	15\$600
Sertão-sinho.....	11\$000	5\$500	16\$500
Casa-Branca.....	13\$000	6\$500	19\$500
DE CAMPINAS A			
Jaguary (ent.).....	3\$200	1\$600	4\$800
Pedreira.....	4\$000	2\$000	6\$000
Coqueiros.....	4\$800	2\$400	7\$200
Amparo.....	5\$400	2\$700	8\$100
COMPANHIA ITUANA			
DE JUNDIAHY A			
Itupeva.....	2\$200	1\$540	3\$300
Quilombo.....	3\$300	2\$200	4\$950
Itaicý (entr.).....	4\$400	2\$860	6\$600
Salto.....	5\$940	3\$850	8\$910
Itú.....	6\$800	4\$400	9\$900

	1ª Classe	2ª Classe	Ida e volta
DE JUNDIAHY A			
Itaicy (ent.).....	4\$400	2\$860	6\$600
Indaiatuba.....	5\$060	3\$300	7\$590
Monte-mór.....	7\$480	4\$620	11\$220
Capivary.....	9\$350	5\$720	14\$025
Mombuca.....	11\$000	6\$600	16\$500
Rio das Pedras.....	12\$540	7\$590	18\$810
Piracicaba.....	14\$300	8\$800	21\$450
COMPANHIA SOROCABANA			
DE S. PAULO A			
Baruery.....	3\$080	2\$200	4\$620
S. João.....	5\$390	3\$850	8\$085
S. Roque.....	6\$600	4\$620	9\$900
Piragibú.....	8\$800	6\$160	13\$200
Sorocaba.....	11\$000	7\$700	16\$500
Ypanema.....	12\$650	8\$800	18\$980
ESTRADA DO NORTE			
DE S. PAULO A			
Penha.....	900	500	1\$400
Lageado.....	2\$200	1\$100	3\$300
Mogy das Cruzes.....	4\$400	2\$200	6\$600
Guararema.....	6\$100	3\$100	9\$200
Jacarehy.....	7\$700	3\$900	11\$600
S. José dos Campos.....	8\$800	4\$400	13\$200
Caçapava.....	10\$500	5\$300	15\$800
Taubaté.....	12\$100	6\$100	18\$200
Pindamonhangaba.....	13\$200	6\$600	19\$800
Roseira.....	13\$800	7\$000	20\$700
Apparecida.....	14\$300	7\$200	21\$500
Guaratinguetá.....	14\$900	7\$500	22\$400
Lorena.....	15\$400	7\$700	23\$100
Cachoeira.....	16\$500	8\$300	24\$800
Rio de Janeiro.....	29\$000	14\$800	44\$200

Observação

Os bilhetes de primeira classe dão direito a 50 kilogrammas de bagagem gratis.

Os de segunda 30 kilogrammas.

Bilhetes de ida e volta valem por 7 dias e não dão direito a bagagem gratis.

As creanças até 3 annos têm passagem gratis, de 3 a menos de 12 pagam meia passagem.

Os bilhetes de ida e volta para a Côrte valem por 30 dias.

De outras estações á Côrte e do Norte á Cachoeira por 8 dias.

Entre as estações da estrada de ferro do Norte por 3 dias.

Os passageiros que quizerem seguir para o Rio de Janeiro no mesmo dia devem partir de S. Paulo no expresso das 5 horas da manhã, que chega á Cachoeira ás 12 h. e 16' da tarde.

Ha nesta estação uma demora de 32 minutos que dá para os viajantes tomarem sua refeição. A's 12 e 48' parte o trem da estrada de ferro de Pedro II, chegando á Côrte ás 8 e 11' da noite.

Os passageiros que forem no trem mixto, que sahe de S. Paulo ás 7 h. e 20' da manhã e chega á Cachoeira ás 5 h. e 20', pernoitam neste ponto, e seguem a viagem no trem que parte dahi ás 7 h. e 20' da manhã, chegando á Côrte ás 6 h. e 9' da tarde.



HORARIO

Das

LINHAS FERREAS DA PROVINCIA

Variam constantemente os horarios. Actualmente a hora da partida dos trens das principaes estações, é a seguinte:

De S. Paulo para Santos ás 7 e 30 minutos da manhã e 12 horas e 15' minutos da tarde.

De S. Paulo para Jundiahy ás 6 horas e 15 minutos da manhã e 12 da tarde.

De Jundiahy para Campinas ás 9 e 10 minutos da manhã e 1 hora e 25 minutos da tarde.

De Campinas para o Rio-Claro ás 2 horas e 55 minutos da tarde.

De Campinas para Casa-Branca ás 2 horas e 15 minutos da tarde.

De Jundiahy para Itú e Piracicaba a 1 hora e 30 minutos da tarde.

De S. Paulo para Ypanema ás 6 1/2 da manhã.

Aos domingos e dias santos ha um trem mixto entre São Paulo e Jundiahy, partindo de S. Paulo ás 9 horas e 30 minutos da manhã.

De S. Paulo para a Cachoeira os trens partem ás 5 1/2 e 7 1/4.

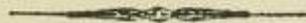


Tabella dos preços dos carros de aluguel nas ruas e praças da capital

CARROS DE QUATRO RODAS

Das 6 horas da manhã às 10 da noite

Estação da estrada do Norte, no Braz; igreja da Luz e Consolação, Riacho, Lavapés, Arouche, Campo Redondo, Morro do Telegrapho, chacara do conselheiro Falcão, na Moóca, chacara do capitão Benjamim, estrada de Santo Amaro.

Para largar o passageiro.....	2\$000
Pela primeira hora.....	2\$000
Cada uma das que se seguirem.	1\$000

Marco da Meia Legua, estrada do Braz, depois da estação da estrada do Norte, Ponte Grande, na Luz, Cemiterio da Consolação, Gloria, Palmeira, Carvalho, Encruzilhada de Santo Amaro, Caminho de ferro, na Moóca, varzea de Santo Amaro.

Para largar o passageiro.....	2\$500
Pela primeira hora.....	3\$000
Cada uma das que se seguirem.	1\$500

Antes das 6 horas da manhã e depois das 10 da noite, o preço é ajustado, vigorando o da tabella na falta de ajuste.

Fóra dos pontos de aluguel o preço é ajustado.

Nas noites de espectaculos ou qualquer divertimento publico os preços são os da tabella para os carros que ahí se acharem.

A hora principiada é contada como inteira.

O conductor de vehiculo estacionado, não se póde recusar ao serviço de quem o fôr alugar.

O passageiro é rigorosamente obrigado ao preço da tabella ou do ajuste, salvo se por culpa do cocheiro houver inconveniente na viagem.

LIVROS PUBLICADOS

POR

JOSÉ MARIA LISBOA

Cousas e Lousas , (escriptos humoristicos) 1 vol., 2ª edição augmentada.....	1\$000
Pelo correio registrado.....	1\$500
Almanach de Campinas para 1871 , 1 vol. (extincto).	
Almanach de Campinas e Amparo para 1872 , 1 vol. (extincto).	
Almanach de Campinas e Rio-Claro para 1873 , 1 vol. contendo a biographia de Corrêa de Mello (existem alguns exempla- res)	1\$500
Almanach Litterario Paulista para 1876 , de collaboração com os srs. Abilio Marques e J. Taques, (extincto).	
Almanach Litterario de S. Paulo para 1877 , (extincto).	
Lições de Historia Patria , 2ª edição, (1 grosso vol.	4\$000
Almanach Litterario de S. Paulo para 1878 , contendo, além de variados artigos scientificos, historicos e litterarios, de dis- tinctos escriptores contemporaneos, em sua maior parte paulistas, UMA MIMOSA WALSA do festejado maestro Elias Alvares Lobo, e uma carta geographica da provincia.....	2\$000

Todos os pedidos destes livros devem ser dirigidos ao edi-
tor—José Maria Lisboa, S. Paulo, accrescentando ao preço
dos exemplares 500 rs. para registro.

Em porção faz-se abatimento.

LIVRO PUBLICADO

EDITADO POR

DE

1950

EDITADO POR

DE

1950

EDITADO POR

DE

1950

EDITADO POR

DE

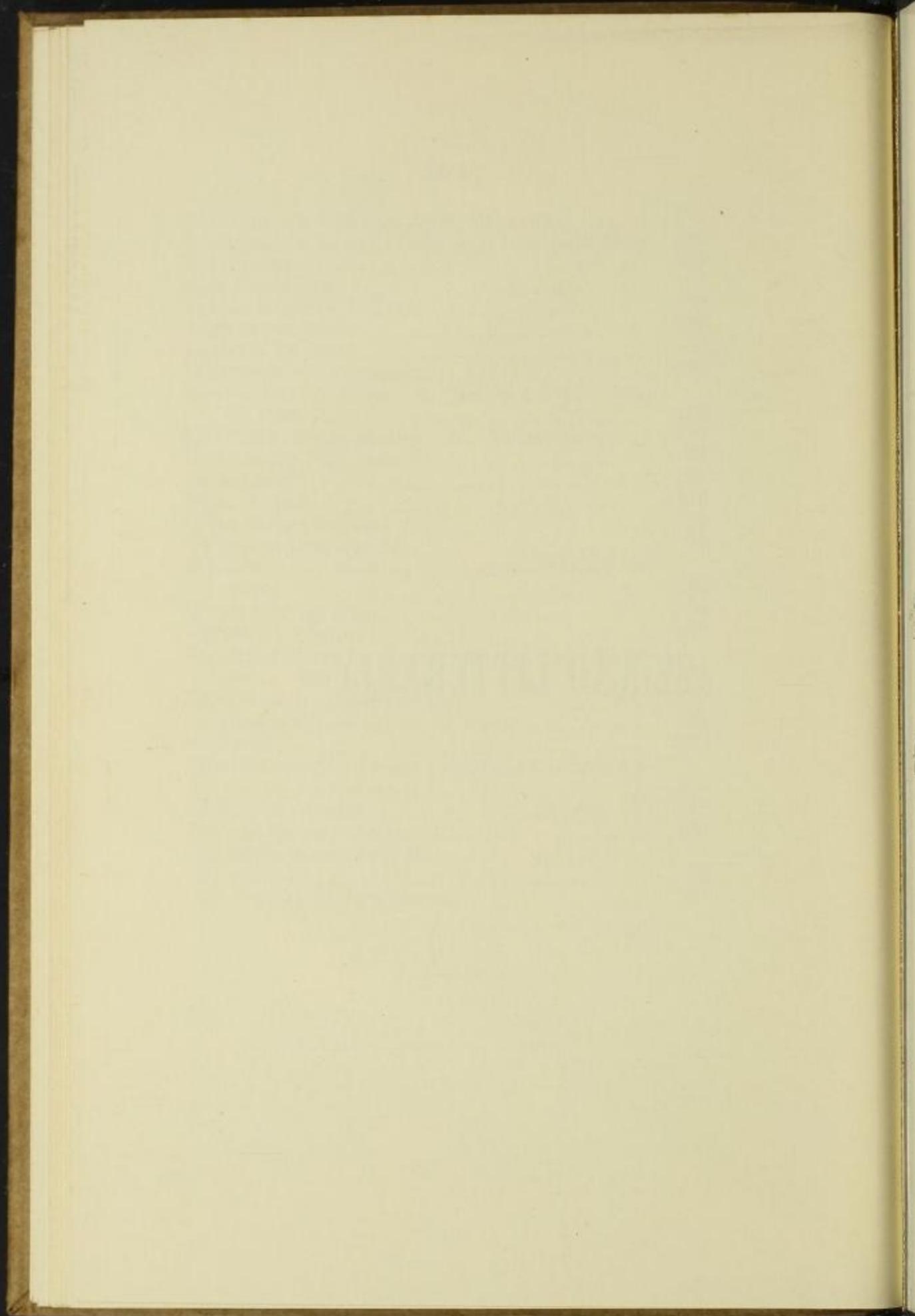
1950

INDICE

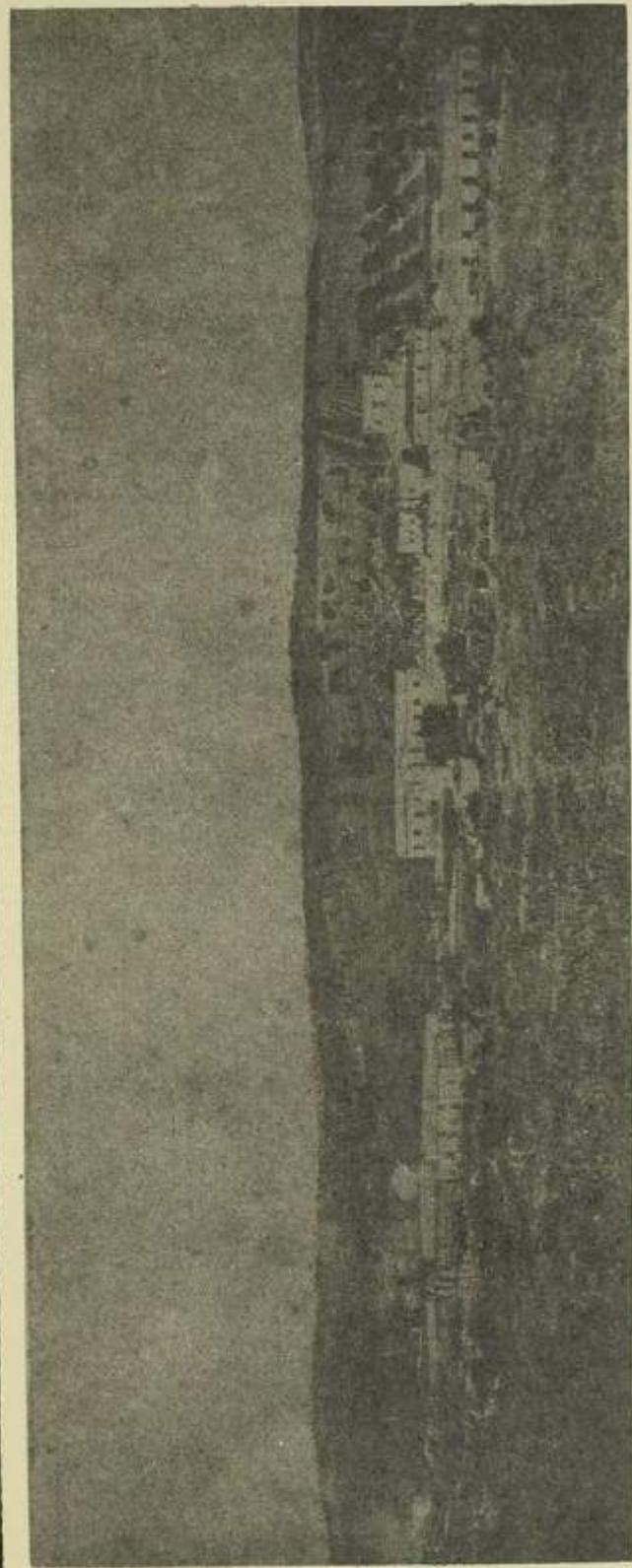
A luta.....	6
A politica da monarchia.....	15
Algumas considerações sobre o clima d'Oeste desta provincia.....	20
A um boticario.....	26
A respeito das Mães.....	48
A' morte d'um libertando.....	63
A Beata.....	70
A proposito das lições de Historia Patria....	78
Amorosa.....	119
A lei dos tres Estados.....	123
A uma velha.....	131
A Caré Bebê.....	180
Amizade.....	195
As eras.....	171
A' Italia (poesia).....	96
A Poesia.....	218
Aromathographia.....	211
Barra de Santos (poesia),.....	46
Barão de Souza Queiroz (traços biographicos). .	133
Canto de Anchieta (poesia).....	99
Chuva em S. Sebastião.....	157
Costumes indigenas.....	165
Como o clima da provincia de S. Paulo influe no character de seus habitantes,.....	173
Derradeiro voto (soneto).....	9
Duas poesias.....	94
Dôr de viuva.....	197
Estatistica da provincia de S. Paulo em 1832.	28
Especies de plantas.....	45
Extasi.....	69
Entomolithas.....	104
Estradas de ferro paulistas.....	187
Frederico Foom (biographia).....	81
Flôr do Ipê.....	163
Formação geologica do municipio de Pinda-mõhangaba.....	203
Historia de um pala (poesia).....	141
Frei Gaspar da Madre de Deus.....	220

Ingenuos da comarca de S. Sebastião.....	103
Instincto da propriedade ou a luta pela vida.	159
Innocencia.....	220
José Maria Rôa.....	10
Jayme da Silva Telles.....	62
Jogo interessante.....	120
Lavoura de café.....	65
Libertação de escravos.....	129
Movimento popular em Santos a 9 de Junho de 1821.....	199
Martinho Prado Junior, dr. (biographia)....	189
Numero do Intermezzo.....	64
Na espera.....	121
Nova Louzã.....	142
O teu olhar (soneto).....	19
Os velhos braços.....	74
O retrato do homem de honra e verdadeiro sabio.....	107
O passado (poesia).....	94
Pedras do sino.....	118
Reminiscencias de Campinas, bairro, fregue- zia e villa.....	34
Receita para conservar flôres.....	122
Seminario Episcopal de S. Paulo.....	55
S. Paulo.....	209
Significação dos nomes indigenas das cachoei- ras do rio Tieté.....	215
Trovas populares..... 47 73 117	140
Tumulo da engeitada.....	130
Um poeta desconhecido.....	1
Um soneto.....	32
Um numero do Intermezzo.....	54

SECÇÃO LITTERARIA



PROVINCIA DE S. PAULO
(Brazil.)



Atelier Phot. de Reproduções

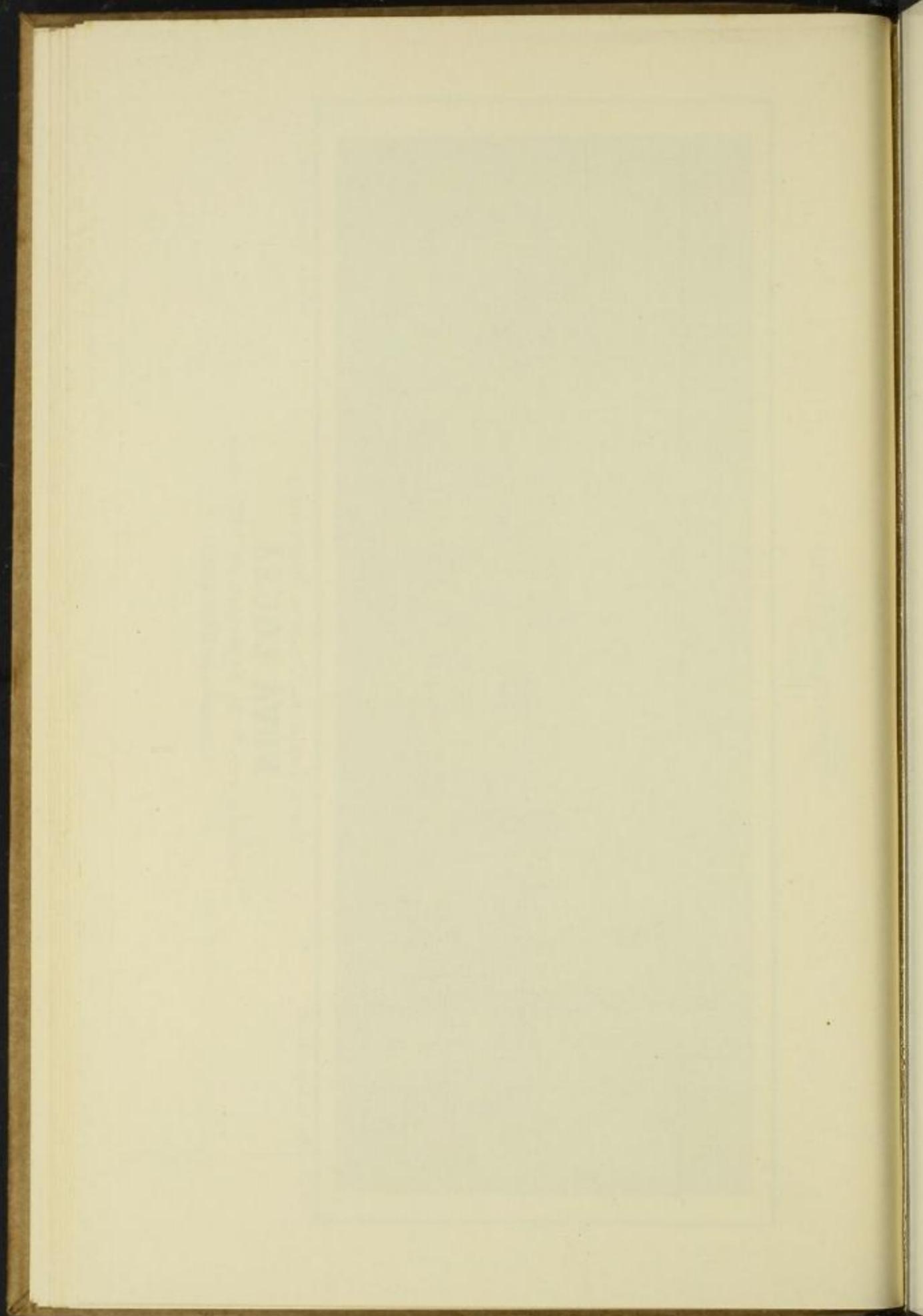
VISTA GERAL DA COLONIA PORTUGUEZA

NOVA LOUZA

Fundada em 6 de Fevereiro de 1867, pelo

Comendador MONTENEGRO.

de J. de S. Paulo.



Um poeta desconhecido

Manoel Seraphim residia em pequeno sitio entre S. Roque e Cotia. Era de estatura alta, fronte larga, cabeça erecta, côr branca, um tanto queimada pelo sol, olhos pardos, cabellos castanhos e revoltos, rosto comprido e cavado, nariz e labios grossos e mãos cabelludas como as de Esaú.

De dia arroteava as suas terras e á noite, á pallida luz de fumarento candeeiro, cultivava a poesia.

Arrastado pelo ardor de sua imaginação impressionavel—*agarrava* todas as mulheres—moças ou velhas—que a boa ou má fortuna lhe deparava em seu caminho.

D'ahi lhe vieram inimisades, altercações, lutas em que tomava e dava pancadas, mas nada o demovia de proseguir nas suas ousadas conquistas.

Dahi lhe veio a alcunha de—Manoel Agarra.

O poeta, tratando deste appellido, assim se exprime:

« Si outros tocam birimbáu,
eu canto como a cigarra,
e só por gostar de moças,
me chamam Manoel-Agarra.

Pois que sim, digo a verdade,
das moças ando na pista ;
e na cacada das pombas
sou gallo de espora e crista. »

Os versos de Manoel Agarra, que apenas conhecia as primeiras lettras, eram frouxos, incorrectos, ás vezes duros, e não tinham outra arte senão a singela espontaneidade da natureza vasada no molde do sentimento, mas frequentemente inspirada pela musa ovidiana.

Uma das melhores das suas produções é a que se prende ao seguinte episodio :

Em fria noite de Junho, Florencio e Joaquim, filhos do poeta, foram á cacada de tatús.

A lua disferia melancholicos reflexos sobre as arvores do deserto, despidas da verde folhagem e crestadas pela geada.

O poeta aquecido pelo fogo que sua mulher não deixava amortecer, tinha a fronte apoiada na dextra—e, enquanto esperava a volta dos filhos, pensava nos seus dous amores—a poesia e as moças.

Profundo era o silencio dentro e fóra da choupana.

Subito resoou nos ares o sinistro grasnar de um corvo, pousado nas franças de vetusta figueira, que ensombrava o terreiro, e soluços plangentes vieram ferir os ouvidos dos pobres paes.

Aberta a porta entram dois vultos. Um é Florencio—o primogenito, com os cabellos hirtos, as vestes rasgadas, o desespero no olhar desvairado, tremulo, confuso como Adão ao apresentar-se ante o Creador depois de haver provado o fructo prohibido.

O outro é Joaquim—o filho mais moço—a alegria daquelle tugurio.

Estava calmo, tranquillo, como Mariz e Barros, tinha as roupas ensanguentadas ; segurava na es-

querda a sua mão direita mutilada e do braço amputado borbotavam esguichos de sangue

O rubro clarão do fogo alumiaava com sinistras chispas esta scena horrorosa.

Florencio conta como tendo seu irmão segurado pelo rabo a um tatú que ia afundando em um buraco, elle desfechára um golpe de foice, e, em vez de ferir a caça, cortára a munheca do irmão.

Joaquim o defende, e demonstra que o facto foi casual e inevitavel.

A pobre mãe—beija a mão separada do braço; esconde-a no seio palpitante, como pa a reanimá-la ao calor do coração; grita, arranca os cabellos, e lava a ferida do filho amado com as santas lagrimas do amor materno.

O infeliz pae, com a fronte sulcada de rugas, os cabellos encanecidos em um momento, e o coração a verter lagrimas de sangue, liga fortemente a extremidade do braço amputado; applica pó de carvão comprimido sobre a ferida, e, mediante estes meios hemostaticos—consegue estancar a hemorrhagia.

Depois enxugando o frio suor que lhe inunda a testa, e assentando-se junto de tosca mesa, *stereotypa* este tocante episodio com o sublime sentimento da dôr immensa e indiscriptivel do homem que não póde chorar.

Fôra longo reproduzir integralmente estes versos, dos quaes nos limitamos a transcrever um ou outro.

.
ouvi longe a gargalhada
do negro rei—urubú,
que com escarneo dizia :
teu filho foi o tatú.

.

Pequei, Senhor, muitas vezes,
mas agora sou punido
no que tenho de mais caro,
no meu filho mais querido !

.
Não grites, mulher, não grites,
que foi Deus que assim o quiz !
Qual de nós—Deus é quem sabe
qual é o mais infeliz !

.
Nesta composição o poeta roçou algumas vezes
pelas fimbrias do sublime, porque a sua alma estava
enlutada de fundas tristezas.

—Alguns excerptos de suas poesias eroticas.
A uma esquiva :

« Menina dos olhos verdes,
porque tens medo de mim ?
Dos anjos ninguem tem medo,
e eu sou um seraphim. (1)

.
A um marido zeloso :

« Porque tremes, homem besta ?
Que foi que te apavorou ?
O forte Manoel Agarra
por tua porta já passou ?

(1) O poeta allude ao seu nome.

« Quando elle por lá passar,
se estiver tua porta aberta,
oh ! nem que rezes ao diabo,
a tua desgraça é certa. »

A uma devota :

« Se amar fosse peccado,
eu seria teu confessor,
e desde já te absolvo
dos peccadinhos de amor. »

Uma linda sirigaita aperreada pelo ciume do seu Othélo, responde :

« De só por ir á janella
tantas penas me motiva ;
arre-lá, senhor, me deixe
que não sou sua captiva.

Arre lá, senhor, me deixe
que arrenego de mecê,
que só faz carinho á gente
quando quer bem sei o quê.

Pelo que ahi fica, verá o leitor que se Manoel Agarra tivesse alguma cultura, talvez legasse ás lettras patrias um nome que ficou ignorado.

S. Roque—Maio de 1879.

BARÃO DE PIRATININGA.



A Lula

Este notavel mollusco, pertencente ao genero dos cephálopes e á familia dos decápodes, e muito conhecido dos antigos, é encontrado em grande abundancia no mar da ilha de São Sebastião, nesta provincia, fazendo-se notar pelo seu avultado tamanho.

Ao passo que no norte do Brazil as lulas não passam de cinco centimetros, tenho-as visto, em Villa Bella da Princeza, de mais de trinta centimetros, e asseguram habitantes dalli que as ha de muito maior dimensão.

Desde a primeira vez que vi uma lula, que não passava de quatro centimetros, e tive occasião de observar esse curioso mollusco, causou-me impressão a particularidade muito singular ou o capricho da natureza, que se revela na combinação dos dous predicados—uma vesicula cheia de um liquido negro, a que o povo chama o *tinteiro* e uma penna— que se encontram reunidos no organismo desse bonito habitante do mar.

E me aventuro a affirmar que, mais do que pela sua especial conformação e sua qualidade de alimento substancial e appetitoso, é por conter em si aquelles dous objectos que se tem o mencionado mollusco recommendado á attenção dos naturalistas.

Consiste a penna, a que nos referimos, em uma substancia cornea e transparente, que constitue a

vertebra do animal em todo o seu comprimento, e assemelha-se, mais ou menos, a uma pequena penna de ganso.

O liquido negro contém-se em uma pequena vesicula, que se encontra perto do coração do molusco, e é perfeitamente semelhante á tinta preta; delle me tenho servido para escrever, e diz-se que na Europa é empregado nas artes.

Esses dois objectos são causa de, em alguns logares, dar-se ao curioso animal, e não sem muita propriedade, o nome de *escrivão* ou *escrevente*.

Os francezes o chamam *calmar*, do latim *calmaris*, tinteiro em forma de corno, ou *calamarium*, cousa pertencente a penna de escrever; tambem em alguns pontos do sul da França o chamam *corniche*, *cornet*, tinteiro, por causa dos tinteiros de chifre, muito conhecidos dos escolares de ha trinta annos.

A lula tem ainda uma propriedade muito notavel; como muitos outros animaes, cuja fraqueza parece que quiz a natureza proteger, dotando-os de promptos meios de defesa, que em si proprios encontram, no caso de ataque, á semelhança do ouriço cacheiro que lança contra seus inimigos as finas púas que lhe revestem a pelle, e do zorrilho, que expelle de si um liquido fedorentissimo com que afugenta pela asphixia a quem, illudido pela sua formosura e mansidão, tenta approximar-se-lhe, assim a lula, ao ver-se perseguida pela voracidade dos peixes mais fortes do que ella, lançando de si a tinta negra a que já nos referimos, e toldando com ella as aguas, escapa ás vistas de seus crueis perseguidores.

Os pescadores aqui apreciam muito as lulas para isca, no que as empregam, como aos camarões, de preferencia a qualquer outra.

São muito abundantes, especialmente nos mezes de Fevereiro, Março e Abril.

Ordinariamente as lulas vêm nas redes, nas pescarias feitas á noite.

Emquanto estão vivas appresentam uma côr alaranjada, que se vae desvanecendo pouco a pouco até tornar-se esbranquiçada quando morrem.

Nadam para traz com extrema rapidez, agitando em confusão os dez longos pés que a natureza implantou-lhes na cabeça.

Entre nós são mais conhecidas tres especies de lulas, pertencentes á classe dos cephalopodes e debranchios, que comprehendem os choccos, os nautylos, argonautas e outros curiosos habitantes das immensas e profundas regiões do mar.

No oceano Pacifico são conhecidas nove especies classificadas por d'Orbigny.

As lulas não escaparam ás investigações romantico-scientificas do incansavel e fecundo Julio Verne, que no seu conhecido romance *Vinte mil leguas submarinas* as qualifica de animaes singulares, e, descrevendo-as, acrescenta que foram na antiguidade particularmente estudadas pelos naturalistas e forneceram numerosas metáforas aos oradores dos passados tempos, sem que por isso deixassem de figurar como excellente prato na mesa dos cidadãos ricos.

Entre nós, e nestes bons tempos de nivellamento democratico, comem-nas ricos e pobres, e sua carne de sabor igual á do camarão, ainda que um pouco mais rijá, é muito substancial e geralmente apreciada como um alimento sadio e succulento.

A medicina popular não podia deixar de aproveitar a lula ; sua penna torrada e em infusão é applicada no tratamento das hemorragias dos partos e tambem no da asthma.

Para nós, porém, o seu verdadeiro merito con-

siste na singularidade do seu organismo, em que se encontram reunidas a tinta de escrever de que acima fallamos e a penna que, embora não possa ser applicada a esse effeito, não concorre menos para justificar o nome expressivo de *escrivão* que lhe dá o povo, sempre racional e logico no seu bom senso pratico de dar nome ás cousas.

S. Sebastião, 23 de Abril de 1879.

A. FERREIRA GARCEZ.

Derradeiro voto

Brilha mais puro ainda, azul celeste !
Oh sol, junca de rosas o oriente !
Sobre o tumulo meu, e a cinza quente
Homem não se debruce, nem cypreste.

E'-me doce o morrer ! Do ermo terrestre
Basta já de pizar a arêa ardente :
Q'importa a vida a quem rasgada sente
Das castas illusões a pulchra veste ?

Antes porém, Senhor, que eu volva ao nada,
Dá-me o que a ave te pede : mais um dia
Para entoar seu cantico á alvorada.

Virá talvez mais placida a agonia
Si eu tiver a cabeça reclinada
No teu seio divino, oh Poesia !

PAULO EIRÓ.

José Maria Rôa

Este nome obscuro, apenas conhecido de meia duzia de pessoas existentes em S. Paulo, e hoje talvez inteiramente esquecido, pertenceu a um velho typographo, a um homem verdadeiramente virtuoso e raro pela sua paciencia e probidade, pela sua brandura e resignação, e pelo infortunio que lhe foi o companheiro fiel de toda a sua vida.

Natural da Cisplatina e, ao que parece, oriundo de familia pauperrima, José Maria era o que se costuma chamar—um homem do povo, em toda a accepção da palavra.

Pelo pouco que se lhe ouvia, parece que militára na guerra em que figurou como cabeça o famigerado Oribe. Como quer que seja, o que é exacto, é que, José Maria Rôa appareceu em S. Paulo ahi pelos annos de 1832 a 1834, conservando-se na capital até uma idade muito avançada.

Alguem saberá mais do que eu a este respeito, outros conhecerão mesmo muito maior somma de detalhes ácerca de sua obscura e triste existencia; mas, como o meu intento não é fazer-lhe a biographia, que, de resto, nada tem de notavel,—passemos adiante.

* * *

Esta carcassa desconjunctada e flexivel que se chama —o homem —é sujeita a tantas e tão variadas

contingencias que, por mais que não queiramos, está a fornecer-nos sempre materia ás mais pungentes e detidas reflexões.

Muitas vezes ponho-me a pensar nos destinos da humanidade, isto é, nessa estupenda desigualdade que se nota na partilha do homem, e sinto-me tão acachapado, tão desnordeado que, afinal, acabo por não pensar cousa alguma!

Nessas occasiões, como que vejo desfilar, (em mente, já se vê) os sumptuosos salões de Versailles, Luiz XIV com toda a sua insolencia, com toda a sua depravação e despotismo; o seu serralho de amantes, cobertas de pedraria e de infamia; a récova de cortesãos abjectos, tôrpes, corrompidos até á medula, a rastejar-se em torno de toda aquella podridão brilhante, e, de par com essa revoltante opulencia que era a summa das lagrimas de uma grande nação — José Maria Rôa, com os seus setenta annos, *catacég*, de oculos, debruçado sobre a caixa dos typos, desde o alvorecer até ao cahir da tarde, supportando com a angelica paciencia de que era dotado o peso dos proprios pensamentos e o máo humor de um ou outro companheiro menos complacente; calado sempre, sem jámais soltar um queixume, brando, resignado, infeliz... e acode-me então ao pensamento esta reflexão:

—O que teria o Creador em mente, mandando ao mundo o José Maria? Quaes podem ter sido os seus projectos, ao infundir a divina centelha naquelle sua creatura, que no entanto possuia, como Luiz XIV, um coração, um cerebro, um systema nervoso, um organismo emfim, com todas as suas exigencias e necessidades, capaz de sentir, de reflectir, de desejar, de comparar, etc.?

José Maria nunca teve um sorriso do destino !

Desde muito cedo entrou para a luta da vida, mas para uma luta sem tregua, terrível, cruel, e o que é mais, silenciosa, desconhecida, ignorada ; a inflexível mão do destino reteve-o, até á morte, nesse circulo de ferro e de lagrimas que se chama a *extrema pobreza*, a pobreza que passa despercebida, silenciosa, que não pede, que se não lastima, e da qual ninguem dá fé !

Quem ha ahí capaz de imaginar os transe repassados de angustia, de dôres fundas, os escuros momentos porque passou aquella alma sensível, aquelle bem formado coração ! Ninguem ; porque José Maria nunca ariculou uma só queixa, um só lamento. As lagrimas, se as derramou, como é licito presumir, foi no recesso da familia, de portas a dentro, escondendo-se para que ninguem o visse chorar.

Entretanto, momentos ha, de um soffrer tão entranhado, tão violento, que o homem, ainda o mais tenaz em occultar a sua desventura, não os póde abafar.

Um desses agudissimos transe estava reservado ao misero José Maria, nos ultimos annos de sua desditosa existencia

Até hoje confrange-se-me o coração (e já lá vão 26 annos!) ao recordar essa scena que foi talvez, por outros, presenciada com indifferença.

José Maria tinha em sua companhia duas ou tres filhas, já moças, unicas luzes que ainda allumiavam aquella escurentada alma. Uma dellas fôra ao que parece, seduzida por um malvado, que, ao cabo de algum tempo, abandonou-a. Vendo-se a infeliz sem amparo, reduzida á ultima miseria, coberta de vergonha e de remorso pelo amargo calix que ao desventurado pae fizera tragar,— enfermou gra-

vemente, e em tal estado mandou alguém a implorar o seu perdão.

O que o infelizmente velho soffreu, ao receber o recado da filha, ninguém o soube, porque elle se não lastimava; mas o que os visinhos viram, foi elle recolhe-la, sempre indulgente e resignado, para vê-la expirar ao cabo de alguns dias!

* * *

Até esse fatal momento, José Maria nunca dissera cousa alguma a seus companheiros. Ninguém sabia das amarguras que lhe iam n'alma. Pelo contrario, escravo do dever e do trabalho, era o primeiro a apresentar-se na officina, e o ultimo a retirar-se della. Calmo, calado, triste, resignado - era sempre aquillo! Ninguém suspeitou os atrozes tormentos daquelle pobre coração!

De uma incapacidade que tocava as raias do grotesco, e devida mais á muita idade, do que a ineptidão natural; apesar de uma inalteravel constancia, e de extremo esforço, ainda assim o desventurado não apresentava, no fim do dia, a quarta parte do trabalho de seus companheiros, em geral moços e em todo o vigor de suas faculdades.

* * *

Uma manhã José Maria não appareceu á hora do costume. O facto mereceu reparo pela raridade; todavia cada um começou o seu trabalho, e ninguém pensou mais no pobre velho. Seriam, porém, 9 ou 10 horas do dia, quando o infeliz D. Pepe (assim lhe chamavamos então) titubeante, tremulo, comprimindo os soluços e amparando-se ás paredes, chegou até á sala da composição, e n'um choro que

lhe vinha do intimo d'alma, dorido, fundo, commovente, e com as lagrimas a correrem-lhe a fio, disse:

Algun dos meus collegas quererá fazer-me uma esmola para eu enterrar minha filha ?!

.
O que então experimentei, vendo aquelle mal-aventurado velho a chorar, foi como uma especie de deslumbramento. O curvado e venerando vulto de José Maria como que transfigurava-se a meus olhos. Todo o seu doloroso passado mostrou-se-me em uma só linha. Comecei então a reflectir nos soffrimentos todos d'aquella grande e nobre alma, no real merecimento daquelle raro character, na mansidão e proverbial bondade d'aquelle coração de ouro, em toda essa enorme somma de infortunio e de merito..., e esse homem, que em meu conceito merecia já uma veneração profunda pela sua notavel humildade, pela sua paciencia sem limites e por sua inflexivel probidade, assumiu nesse instante, a meus olhos, o porte augusto de um santo, isto é, do homem verdadeiramente justo e bom

—E ha um Deus que vê isto ?! disse o companheiro que me estava ao lado, com os olhos rasos de lagrimas.

—Ha, affirmei eu, sem saber o que dizia, tal era a minha emoção.

* * *

Entretanto, para o mundo, quem era o Zé Maria ?

Um pobre diabo.

E quem era Luiz XIV ?

Um grande rei.

Ora ahi está !

Santos—Julho—1879.

R.

A politica da monarchia

Convem trazer o povo de sobreaviso contra certos preconceitos, que a má fé de alguns politicos tem arditosamente engendrado em proveito exclusivo do despotismo e em pura perda da soberania popular, a unica legitima nas sociedades modernas.

Convem abater, de uma vez para sempre, a mascara da hypocrisia, para que a face descarnada do falso apostolo da liberdade seja exposta, tal qual é, em toda parte, onde quer que appareça, á contemplação do povo.

Vae nisso o cumprimento de um dever, que jámais deverá ser esquecido pelos democratas sinceros e convictos.

Encontramos em um dos melhores livros de Macaulay, que o sophisma ordinariamente invocado para defender os maus governos, resume-se nisto: —E' preciso que o povo fique na escravidão, porque a escravidão tem-lhe inculcido todos os vicios dos escravos. Visto que elle é ignorante, é preciso que continue sujeito a um poder que o tem tornado ignorante e que o conserva na ignorancia; visto que o mau governo o tem tornado feroz, é preciso que elle seja eternamente mal governado.

E' este exactamente o invariavel sophisma de que ainda hoje se servem os adeptos da monarchia, aqui como em toda parte, para se opporem aos progressos da idéa democratica, assim como a todos os planos de reformas uteis e salutaes.

Para elles o povo brasileiro, além de não ser apto para o gozo da liberdade, porque não tem attingido ao nivel intellectual que garante a comprehensão dos direitos e deveres peculiares a cada cidadão na communhão social, é ainda indigno dos beneficios da emancipação politica, porque a corrupção dos costumes, a fraqueza do character e a ausencia da dignidade pessoal tem feito da despotica tutela governamental uma condição de sua existencia.

Fundados nestes falsos principios, os representantes do poder perseveram tenazmente na conservação desse artefacto social, que outra cousa não é, na ordem das organizações politicas, senão a mais poderosa barreira opposta ao desinvolvimento dos generosos impulsos que porventura ainda pudessem levantar o espirito publico e conduzi-lo resolutamente aos gloriosos tentames do progresso.

E á perfidia do sophisma elles accrescentam a traição e a deslealdade dos actos.

Collocada assim a sociedade entre os apertados laços que a opprimem, ou são conservadas inalteraveis as más instituições, a despeito do pronunciamiento energico da opinião ; ou então a vontade suprema, que impera sobre todos os poderes, chega a permittir que ellas sejam reformadas, de modo, porém, que a engenhosa estructura do absolutismo não venha a perder uma só das peças elementares do seu formidavel mechanismo.

A organização judiciaria e o systema eleitoral constituem valiosos exemplos, os mais salientes talvez, da falta de criterio, independencia e lealdade mesmo da parte dos legisladores no modo de conduzir e realisar as reformas.

Essa parte da legislação, destinada por certo a regular e garantir o exercicio dos mais importantes direitos do cidadão, tendo passado successivamente

por diversas modificações, conserva entretanto sempre aberta a porta para todos os abusos e franco o acesso á violencia e ao arbitrio do poder.

Desta extraordinaria anomalia, que aliás reside na propria natureza do systema monarchico, resulta que as leis votadas por um parlamento, que antes de ser a genuina representação nacional é simplesmente uma chancellaria imperial, nunca trazem na execução pratica os grandiosos beneficios que dellas se esperava no periodo da propaganda doutrinaria.

Tal tem sido a sorte astuciosamente preparada pelo poder para todas as reformas, que elle tem sido constringido a realisar em certas épocas; simulando, porém, acceita-las, mais para frustrar os seus intentos do que para acolher com lealdade as manifestações da opinião.

Mas, por isso mesmo que os resultados da experiencia nunca podem corresponder ás lisongeiras previsões da theoria, os politicos astuciosos, interessados em defender todos os abusos do seu systema colhendo os fructos da propria traição, levantam o alarma, condemnam o principio e chegam até a proclamar a necessidade do regresso!

Exemplo:

O paiz acaba de ver que os liberaes fizeram uma camara unanime com essa lei que os conservadores nos deram, promettendo especialmente a efectiva representação do elemento opposicionista no ramo temporario do parlamento. Pois bem; o paiz em breve verá que os conservadores saberão tomar a desforra, fazendo, se o quizerem, uma camara unanime á sombra dessa mesma lei que os liberaes nos offerecem como a *ultima ratio* da genuina expressão da liberdade do voto.

E o voto directo, condemnado pelos resultados da experiencia, será erigido por sua vez em argu-

mento de facto contra a realisação dos principios democraticos.

Assim, evitando astuciosamente confessar que a fonte dos abusos reside na propria lei e que a corrupção procede das instituições e não do caracter nacional, os politicos ideologos virão ainda uma vez dizer nesse mesmo tom de fingida convicção:—A liberdade é, sim, o nosso ideal politico; mas como quere-la realisada no momento, se a corrupção do povo é um obstaculo permanente á pratica de todas as boas instituições?... E' cedo ainda: esperemos a oportunidade.»

Em substancia, tomando o effeito pela causa querem elles que o povo seja eternamente mal governado, por isso mesmo que o mau governo tornára-se um elemento de resistencia contra toda a idéa de progresso!

Porque, pois, hypocritas e traidores, não tendes a coragem de chegar ás ultimas consequencias dos vossos principios, proclamando francamente a necessidade do absolutismo?

Assim terieis ao menos o merito da lealdade e da logica.

Se os governados são os corrompidos e os ignorantes, e se a pureza dos costumes, o patriotismo e a sabedoria tornaram-se nesta infeliz terra o apanagio exclusivo dos governantes, destrui de uma vez para sempre o burlesco artefacto do systema representativo e deixae que o rei governe commodamente, só com os seus validos.

Mas, se é possivel ainda que uma restea de luz do sincero patriotismo venha illuminar a vossa consciencia, lembrae-vos deste sabio conceito de Buckle:

« O progresso não póde ser real se elle não é expontaneo. O movimento para ser effectivo deve vir de um impulso intimo e não estranho: é pre-

ciso que elle proceda de causas geraes actuando sobre todo o paiz e não da unica vontade de alguns individuos poderosos. »

CAMPOS SALLES.

O teu olhar

Não é quando em vago aneio
tu scismas ao pé do lar,
quando as ondas de teu seio
vem a esperança agitar ;

nem quando, as mãos encruzadas,
te ouço balbuciar
as orações encantadas...
que eu adoro o teu olhar !

Mas quando, triste criança,
o véo desdobra a lembrança,
e uma lagrima descae...

e tu soluças baixinho
fitando ao longe o caminho,
com saudades de teu pae.

Julho de 1879.

B.

Algumas considerações sobre o clima do Oeste desta provincia

O Oeste da provincia de S. Paulo é formado por um immenso plano inclinado, tendo por pontos mais baixos os valles do Paranapanema e do Paraná, e elevando-se para as divisas de Minas Geraes e para a serra do Japy, no começo do planalto da cidade de S. Paulo. Começando a menos de trezentos metros acima do mar, na confluencia do Paranapanema, no Paraná, eleva-se gradualmente até novecentos e poucos metros nas divisas de Minas e a setecentos e tantos no Japy.

O pequeno canto encostado á Serra do mar, de Sorocaba á Faxina, fórma uma pequena dobra de leste a oeste.

Nesta immensa região apenas accidentada por fortes collinas que mal merecem o nome de serras, reinam nos annos regulares os ventos de sueste e noroeste, o primeiro de Março a Setembro, e o segundo no outro semestre. Algumas vezes começa o inverno, ou antes o frio, mais tarde e termina egualmente mais tarde; ha atraso de estação. Tem-se visto durar o calor, que é sempre trazido pelo noroeste, até principios de Agosto, e depois, em compensação chegar o frio até Dezembro com o sueste, vento frio e secco por ter depositado toda a sua humidade na serra do mar e o resto no planalto de S. Paulo em finas garças, que são conhecidas dos habi-

tantes desta cidade, onde ellas duram frequentemente até ás 10 horas do dia.

O sudoeste ou pampeiro do Rio da Prata, raramente nos visita, e quando o faz é quasi sempre com temporaes medonhos, mas passageiros, não durando mais que alguns minutos a uma hora.

O nordeste poucas vezes apparece; dura poucos dias e muda para noroeste quasi sempre. Algumas vezes traz chuvas, e, se no inverno, assaz frias sobretudo para a zona visinha de Minas, de cujas altas montanhas nos traz o frio.

O vento sul, que creio ser o minuano do Rio da Prata, é o terrivel gerador das nossas grandes geadas. Felizmente sopra raramente, e em poucos invernos, precisamente os calamitosos.

Esta vasta região recebendo durante todo o verão, mas principalmente de fins de Dezembro a Março, os vapores quentes e humidos que nos vêm das regiões quentes e humidas das margens do Paraná e com mais força do Paraguay e seus vastos pantanaes e alagadiços, condensam-se em chuvas frequentes e torrencias, acompanhadas de fortes e repetidas descargas electricas, que fecundam o seu fertil sólo, e torna esta parte do imperio uma das regiões mais felizes do mundo.

Segundo o dizer de um intelligente lavrador da Leopoldina, em Minas as chuvas não são tão pesadas como aqui e nem acompanhadas dos fortes phenomenos electricos, que nos são communs. Assim devia ser chegando lá os ventos bastante alliviados de sua maior dóse de vapor.

Ao contrario do verão, o inverno é temperado e secco; raras vezes e por poucas horas desce o thermometro centigrado abaixo de zero. Os dias são quentes, as tardes frescas e as manhãs frias, phenomenos devidos á altura acima do nivel do mar que torna o ar um tanto rarefeito, e por isso per-

mitte a perda do calor em maior d'ose; á falta de chuvas ou de vapores aquosos, que concentram o calor recebido do sol.

Este ultimo facto é devido aos ventos frios e seccos que atravessam a serra do mar e o planalto de S. Paulo e vêm depois absorver e carregar os vapores da nossa região para o oeste remoto.

Este clima quente e humido no verão e secco e frio no inverno é a causa principal, unida á fertilidade de nossos terrenos, da nossa espantosa producção de café.

Não é só pelo facto de facilitar o clima os trabalhos da colheita e do seccamento do café, é sobretudo a influencia sobre a florescencia devida á frieza e secura do inverno, que enfraquecendo os cafeeiros os dispõe a florescer abundantemente, e ao verão quente e humido que faz aproveitar a bella florescencia nutrindo abundantemente os fructos.

Este feliz concurso de circumstancias só se dá em nossa provincia, no imperio, e provavelmente em poucos logares na Africa austral e no Mexico, onde semelhantes combinações são *possiveis* pela latitude e pelas elevações acima do nivel do mar.

Reconhecem os horticultores e maior parte dos lavradores observadores, que as arvores ou partes de arvores de excessivo vigôr pouco fructo produzem; o que fez dizer a um auctor que li e de cujo nome agora não me recordo, « que Hercules e Venus não podiam viver em harmonia »—ne faisaient pas bon ménage.

Por isso empregam os horticultores todos os meios para enfraquecer as arvores ou ramos muito vigorosos, podando os rebentões para empregar a seiva na producção de muitos galhos lateraes, os quaes enfraquecendo o rebentão os dispõem á florescencia e producção de fructos; encurvando-os para baixo para diminuir-lhes o accesso de seiva, pois

que é sabido que as plantas tendem sempre a tomar a posição vertical, na qual crescem com mais vigor, cortando algumas raízes para diminuir a produção da seiva; e, quando possível, diminuindo as regas etc.

Estes meios mais ou menos artificiaes o nosso inverno secco e frio dispensa-os, em grande vantagem dos lavradores que deixam de empregar enorme trabalho.

Não quer isto dizer que não haja conveniencia da poda em nossos cafesaes, mas esta deve se limitar á eliminação dos galhos estragados para provocar o crescimento de novos com o devido vigor, e cortar os rebentões para obriga-los a galhar com mais utilidade.

Isto que acabo de expôr é o que se passa nos annos mais ou menos normaes. Quando o inverno é muito frio e este continuado, sem mesmo haver grande geada, os cafesaes falham; o frio os despoja da maior parte da folhagem, e portanto os enfraquece demais.

Na volta do calor a pouca vitalidade dos cafeeiros mal dá para o revestimento dos arbustos em folhas, e as flores, se as ha, fenecem sem fructificação.

Quando o frio falta no inverno, justamente como está acontecendo, e só vem de Agosto a Dezembro, como talvez venha a acontecer, e como teve lugar o anno passado, as funcções do florescimento dos cafeeiros se acham contrariadas, e a colheita mais ou menos falha como aconteceu geralmente este anno, em que só os cafeeiros mais novos e mais vigorosos produziram boa carga.

As muitas chuvas em Setembro e Outubro, como teve lugar o anno passado, tambem contrariam as colheitas, lavando o pollen, ou materia fecundante das flores. Neste caso egualmente falha a

colheita em maior ou menor grão e parcialmente, porque este phenomeno não é geral, por não chover no mesmo dia em todos os logares, e por não florescerem os cafesaes no mesmo dia.

Além do que acabo de expôr sobre as chuvas ha ainda o enfraquecimento das plantas pelas excessivas chuvas, que, como o frio, ainda que por motivos differentes enfraquecem as plantas, como creio ter explicado nos trabalhos agronomicos que ha pouco acabei de publicar.

Voltando ao clima da provincia, pouco mais me resta a dizer. A temperatura nos mezes mais quentes do anno oscilla entre 25 a 28 grãos centigrados, e raramente sóbe mais alto, e isto mesmo em occasões de seccas com vento noroeste, attingindo algumas vezes em raros annos a 35 grãos centigrados.

As sêccas do verão são quasi sempre occasionadas pelos ventos de sudoeste, que então reinam fóra dos tempos normaes nos annos irregulares.

E' geralmente sabido, que a terra no seu movimento annual á roda do sol passa duas vezes pelo Equador ou meio do mundo em 21 de Marco no equinoxio do inverno e a 23 de Setembro no do verão; e que neste movimento elle chega no sul á constellação do Capricornio e no norte á do Cancer, chamando os astronomicos estes pontos de tropicos.

Demonstram os physicos que o sol aquece tanto mais a terra quanto mais verticalmente se acha sobre ella, porisso os pontos successivamente collocados debaixo do zenith são os mais aquecidos pelo sol em sua marcha para qualquer dos tropicos.

Egualmente demonstram as experiencias dos physicos, que o ar aquecido sóbe, por se tornar mais leve, e é substituido pelo ar menos quente ou frio.

Estes dous phenomenos explicam as chuvas

tropicaes, principalmente pelos movimentos que produzem na atmospheria, pela sua perturbação durante o dia e a noite, e pela mistura de diversas camadas de ar differentemente aquecidas.

Indo o sol do sul para o norte, as regiões aquecidas por elle nos dias proximamente passados se acham mais quentes que as regiões que elle tem de aquecer nos dias immediatamente proximos. Deste facto vêm os pequenos atrasos das estações que não convem confundir com os grandes, devido a causas geraes.

Feitas estas explicações, vamos a ver o que acontece quando o sol se acha em suas quatro posições de dous equinoxios e dous solsticios, ou de sua chegada a qualquer dos tropicos.

Quando o sol está para chegar a qualquer dos tropicos os movimentos do ar occasionados por elle são do equador para o tropico; quando pelo contrario elle volta do tropico para o equador o movimento nas camadas de ar aquecidas é em sentido inverso do primeiro, isto é, do tropico para o equador; dahi vêm as perturbações occasionadas na atmospheria, e os phenomenos resultantes de ventos fortes em direcções diversas, e a sua consequencia—as chuvas, que duram mais ou menos tempo, conforme o abalo atmospherico. Tanto isto é assim que qualquer poderá observar que a mudança do tempo é quasi sempre depois dos solsticios, isto é, fins de Junho, entre S. João e S. Pedro, como dizem nossos roceiros, e em Janeiro, como é ainda mais conhecido pela intensidade das chuvas.

Por occasião dos equinoxios o sol passando a aquecer um hemispherio logo depois de deixar o outro produz egualmente abalos, que occasionam chuvas.

Neste caso, como nos solsticios, as mudanças de tempo ou são posteriores ao equinoxio, ou muito

proximas, e em todo o caso *continuam* por mais tempo e com mais intensidade depois.

Destas considerações resulta que os mezes mais seccos são os intermediarios entre os solsticios e os equinoxios, e é precisamente o que tem logar. O mez mais secco é Agosto. depois logo vem egualmente Novembro e Abril. Se o mez de Fevereiro não é secco é por ser intermediario entre Janeiro e Março, época das chuvas. Não obstante nos annos seccos é elle menos chuvoso que os de Janeiro e Março.

Tambem se póde inferir, conforme a intensidade do abalo atmospherico em qualquer das quatro épocas do anno, a continuação ou não das chuvas por maior ou menor tempo, o que é preciosissimo para a lavoura.

Mais uma vez se vê que, mesmo nas sciencias que nem uma relação parecem ter com o nosso bem estar, se encontram uteis indicações para a nossa felicidade.

Resaca, 22 de Julho de 1879.

JOÃO TIBIRIÇA' PIRATININGA.

A um boticario

«Que é que fazes boticario
que tão são vos conservais?
—Faço bifes para mim
e remedios para os mais.»

J. PIRES.

Estatística da população da provincia de S. Paulo, no anno de 1832

	LIVRES		ESCRAVOS		TOTAL
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	
Bananal	637	321	1.327	894	3.179
Aréas	3.614	2.889	2.684	1.300	10.487
Lorena	2.339	2.550	1.211	775	6.925
Guaratinguetá	1.746	2.638	2.912	1.595	8.891
Cunha	1.005	1.009	947	626	3.577
Taubaté	3.820	4.473	1.427	1.099	10.819
Pindamonhangaba	2.499	2.339	1.257	836	6.931
S. Luiz	1.640	1.552	733	484	4.409
Somma	17.350	17.771	12.498	7.609	55.228

1. Comarca

3. Comarca

S. José dos Campos	1.464	1.651	269	194	3.578
Jacarehy	2.479	2.658	516	364	6.017
Parahybuna	1.074	1.070	483	293	2.920
Mogy das Cruzes	3.334	3.314	739	730	8.117
Santa Isabel	751	832	253	188	2.024
S. PAULO	7.318	8.432	3.151	2.694	21.595
Santo Amaro	897	847	156	164	2.064
Parnahyba	2.710	2.790	774	632	6.906
Bragança	5.365	5.269	1.471	1.007	13.112
Atibaia	3.387	3.593	1.201	986	9.167
	28.779	30.456	9.013	7.252	75.500

3. Comarca

Jundiaby	2.170	2.097	1.051	917	6.235
S. Carlos (Campinas)	2.053	2.105	3.601	1.486	9.245
Mogymirim	5.251	5.206	2.375	1.231	14.063
Franca	4.385	4.238	2.435	1.651	12.709
	13.859	13.646	9.462	5.285	42.252

4.ª Comarca	Itú	2.557	2.871	3.131	2.004	10.563						
	Capivary	370	393	976	289	2.028						
	Porto Feliz	1.917	2.051	1.600	914	6.482						
	Constituição (Piracicaba)	2.487	2.422	2.657	1.128	8.694						
	Araraquara	866	847	177	132	2.022						
	Pirapora (Tieté)	551	567	906	462	2.486						
	S. Roque	827	915	401	329	2.472						
	Sorocaba	4.640	5.317	1.787	1.431	13.175						
	Itapetininga	4.031	4.285	1.266	737	10.319						
	Itapeva da Faxina	1.539	1.623	444	313	3.919						
	Apiaby	696	683	250	228	1.857						
		<u>20,481</u>	<u>21,974</u>	<u>13,595</u>	<u>7,967</u>	<u>64,017</u>						
5.ª Comarca	Castro	2.400	2.492	750	711	6.353						
	Palmeiras	682	629	313	303	1.927						
	Coritiba	4.786	4.939	587	576	10.888						
	Principe	2.070	2.039	309	308	4.726						
	Guaratuba	453	440	075	075	1.043						
	Paranaguá	2.788	3.081	778	712	7.359						
	Antonina	1.797	1.816	590	474	4.677						
		<u>14,976</u>	<u>15,436</u>	<u>3,402</u>	<u>3,159</u>	<u>36,973</u>						

Comarca	3.166	3.045	1.382	1.134	8.727
Igaupe	459	563	212	201	1.435
Cananéa.	389	431	138	129	1.089
Conceição de Itanhaem	188	208	221	144	761
S. Vicente	1.731	1.943	1.817	1.114	6.605
Santos	1.402	1.539	865	738	4.544
S. Sebastião	1.222	1.294	771	583	3.870
Villa Bella	1.739	1.822	1.212	816	5.589
Ubatuba					
	105.296	10.845	6.618	4.859	32.618
Resumo total	105.741	110.128	54.588	36.131	306.588

Nesta época a provincia tinha 45 villas e uma cidade que era a capital.

A 5.ª comarca mencionada nesta estatística faz hoje parte da provincia do Paraná.

Em 1854 a população de S. Paulo era estimada em 564.374 habitantes, e em 1861 em 677.248.

Pelos ultimos recenseamentos feitos, a actual população da provincia eleva-se a 1.200.000 habitantes.

UM SONETO

O admiravel soneto, que abaixo transcrevemos, prende-se a um doloroso romance no gôsto do famoso *Werther*, de Gœthe.

Não nos lembra agora o nome do herôe, nem exactamente em que revolução franceza appareceu ; o certo é que era um republicano e que em defeza da sancta causa foi mortalmente ferido, talvez em uma barricada. Por seu mal, recolhido á casa de Victor Hugo, alli foi tractado e... ferido por golpe não menos profundo e desastroso : apaixonou-se doudamente pela mulher do poeta, mas, como já indicámos, de uma paixão extreme, sem esperança e sem mácula, como a do triste amator de Carlota. Só depois da morte do desventurado, encontrou-se o soneto.

Podemos fazer aos magnificos versos o alto elogio de dizer que não foram indignos da mulher de Victor Hugo. Junctamos uma pallida traducção nossa unicamente para os que não puderem gozar o encanto de lêr no original. Sabemos que ha do soneto uma versão de Pedro Luiz, mas não temos a felicidade de conhecê-la.

LUCIO DE MENDONÇA.

Ma vie a son secret, mon âme a son mystère :
Un amour éternel en un moment conçu.
Le mal est sans espoir : aussi, j'ai dû le taire,
Et celle qui l'a fait n'en a jamais rien su.

Hélas ! j'aurai passé près d'elle inaperçu !
Toujours à ses côtés et pourtant solitaire !
Et j'aurai jusqu'au bout fait mon temps sur la terre
N'osant rien demander et n'ayant rien reçu !

Pour elle, quoique Dieu l'ait faite douce et tendre,
Elle suit son chemin, discrète, et sans entendre
Ce murmure d'amour élevé sur ses pas.

A l'austère devoir pieusement fidèle,
Elle dira, lisant ces vers tous remplis d'elle :
«Quelle est donc cette femme?» et ne comprendra pas!

— — —
VERSÃO

Tenho um mysterio n'alma e um segredo na vida :
E' um eterno amor nascido em um momento.
E' mal que não tem cura : assim, nenhum lamento
Jámais o revelou á candida homicida.

Por ella passarei, sombra despercebida,
Sempre a seu lado, sempre, e em mudo isolamento!
E ha de chegar assim meu ultimo momento
Sem nenhuma ventura ousada ou recebida !

Creou-a meiga Deus, e bôa e carinhosa,
Mas, ai ! segue, discreta, e surda á voz anciosa
Deste amôr que murmura a seus pés, onde está.

Fiel ao seu dever, que austéramente zela,
Dirá talvez, ao lêr meus versos cheios d'ella :
«Que mulher será esta ? » e não comprehenderá.

Reminiscencias de Campinas,--Bairro Freguezia e Villa

(CONCLUSÃO)

Tendo crescido assim rapidamente em importancia, a freguezia de Campinas, já contando mais de sessenta *homens bons*, aptos para os cargos publicos, ou *republicanos*, como então eram chamados, para os distinguir da massa; os seus habitantes, afinal, em data de 16 de Novembro de 1797, foram attendidos pelo capitão general—o malfamado *Pilatos* (Antonio Manoel de Castro Mello e Mendonça), apenas excedido nos annaes paulistas, no rigor de seu desapiedado despotismo pelo presidente Tavares Bastos, que então baixou uma provisão ordenando a erecção da freguezia em villa; porém em honra de um príncipe recém-nascido e que pouco viveu, mudou o nome para *S. Carlos*, que o municipio conservou até 1842, quando, tornando-se a villa em cidade se deu a esta o nome primitivo da povoação.

A provisão recebeu execução a 12 do mez de Dezembro, assistindo as auctoridades de Jundiahy, e neste dia teve logar a eleição dos officiaes da camara que deveriam entrar em exercicio no dia 1.º de Janeiro de 1798, e foi designado o logar do Pelourinho e da cadêa.

O logar de primeiro juiz ordinario do novo concelho coube, e merecidamente, ao nobre capitão José de Camargo Paes (pae do capitão mór Floriano)

que já em S. Paulo havia occupado cargos da república (linguagem de então), e como ouvidor pela lei, havia assistido ao processo do musico Caetano, cujo infortunio foi dramatisado pelo dr. Paulo do Valle.

Não tardou que o jubilo dos novos villanos fosse nublado, e teve logar um successo que agourou a procellosa vida que por longo tempo devia perturbar a esperada felicidade municipal.

Tratava-se de preencher o importante posto de capitão-mór. Na escolha intervinha o elemento popular, facto que estranharão muitos incuriosos sabios de hoje. O conselho mandava ao capitão general uma lista triplice, da qual este tirava o nome que merecia preferencia.

Se alguma vez o executivo procurava e obtinha falsificar a expressão da vontade popular na organização da lista, não foi senão a antecipação de semelhante marcha em tempos de parlamentarismo constitucional.

Foi o que tentou o capitão general, quanto á formação da primeira lista para o logar de capitão mór de S. Carlos, e a que com um civismo (hoje difficil de encontrar) resistiu com denodada valentia o senado da camara.

Entre os então moradores do novo municipio contava-se o sargento-mór Raymundo Alves dos Santos Prado Leme, oriundo de uma nobre familia dos Algarves, e pertencente a varios troncos de apurada nobreza da capitania.

Este distincto paulista era homem de grande cultivo litterario, e convivera desde moço com os capitães generaes e com a melhor sociedade da capital. Residia em Jundiahy (antes de sua mudança para S. Carlos) onde possuia um sobrado (que depois veio a pertencer ao sr. José Pereira de Queiroz) em cujo quintal cresceu o primeiro pé de cafezeiro,

conhecido a este lado de S. Paulo, presente a elle do capitão general.

Sobre o sargento mór Raymundo queria pois o capitão general que recaisse a eleição do conselho, afim que o pudesse escolher.

Com tal desejo, porém, não se importaram os distinctos cidadãos que compareceram á camara. Já a familia Teixeira Nogueira (irmãos do primeiro vigario frei Antonio) mineiros, e occupando elevada posição social, e já casados em S. Paulo, fez valer a sua popularidade, e apresentou como candidato o muito intelligente e emprehendedor capitão Philippe Nery Teixeira, cujo nome com aquelles de outros dous cidadãos de menos aptidão, e com a exclusão do nome do sargento mór Raymundo, formou a lista triplice enviada ao governo.

O capitão general annullou a proposta e ordenou que fosse reformada. Isto fez a camara incluindo sempre o nome do capitão Philippe, excluindo aquelle do amigo de s. exc^a.

Continuou por algum tempo este jogo de troca de annullações e de novas propostas entre o irado capitão general e os heroicos representantes do povo de S. Paulo, até que s. exc. pôz termo ao conflicto, mandando presos para a barra de Santos os cidadãos que na occasião occupavam os cargos do conselho, a quem elle aggregou como maior criminoso, o presumido assessor da camara, o dr. José Barbosa da Cunha (fundador do fôro de Campinas), e aceitando de seus successores uma lista em que não vinha nem um e nem outro dos nomes que collidiram, e desta elle tirou para capitão-mór, o capitão que foi de ordenanças em Parnahyba, João Francisco de Andrade; e nomeou para sargento-mór o cunhado deste (alferes na Cotia) e a, depois capitão-mór Floriano de Camargo Penteado.

A prisão dos membros da vereança foi de al-

guns mezes, porém aquella do sempre encaiporado accessor foi de dous annos e meio.

Deste advogado eu vi uma netta pedir esmolas de vintens pelas ruas de Campinas!

Serenada esta tempestade, e sob o governo mais brando do general Horta, o municipio continuou a prosperar, e gozou de regular secego até o começo da lucta que resultou na separação do então reino do Brazil daquelle de Portugal.

Poucos são os factos a rememorar deste intervallo.

Nessa época era numerosa a população do municipio, devido isto ao numero de aggregados que os proprietarios toleravam em seus terrenos, e cujos descendentes quasi todos se foram emigrando para o sertão, depois que a cultura do café abriu os olhos dos proprietarios ao valor real de suas terras.

Durante annos deste periodo existiu um relogio de sol no pateo da egreja matriz, facto que abona muito a civilidade dos costumes dos menores, pois posteriormente nem por oito dias seria por estes respeitado um objecto desta ordem.

Pessoa fidedigna contou-me que nessa época trouxeram em rede o corpo de um caipira para ser recommendado na egreja, e depois sepultado. Descançaram o corpo á porta da egreja até vir o sacristão e o padre, quando o supposto morto voltou do lethargo em que estava, e horrorisado com seu estado de sepultando correu pelo pateo fóra amortalhado, como viera da roça.

Em 1812 foi o tenente coronel Joaquim de Camargo Araanha nomeado pela camara administrador das obras da nova matriz por fallecimento do capitão Philippe Nery Teixeira, o primeiro director.

Não faltavam nesse tempo os meios de instrucção primaria e secundaria em S. Carlos. Os sacer-

dotes eram numerosos e varios delles se dedicavam ao ensino. Entre estes primava o padre Diogo Antonio Feijó, que para cá viera da Parnahyba, e em sua chacara ensinava as humanidades e a philosophia.

A medicina e a cirurgia eram exercidas por *experientes*, dos quaes o primeiro lembrado era de Minas, como fôram alguns de seus successores, e por ex-ajudantes de cirurgia do exercito, e licenciados do proto-medicato, alguns destas duas ultimas classes como o insigne cirurgião paulista Francisco Alvares Machado, e o não menos insigne medico mineiro Candido Gonçaves Gomide, se havendo instruido na escola anatomico-cirurgica, então existente em S. Paulo, dirigida pelo delegado do physico mór do reino e pelos cirurgiões môres do exercito.

Tendo tocado neste assumpto seria o cumulo da injustiça deixar de mencionar o nome do respeitavel clinico Luiz Antonio Patricio da Silva Mancio, cujos vastos conhecimentos scientificos e litterarios, e cujos arrojados sentimentos politicos tornaram-o uma das notabilidades brazileiras.

Filho de Santos, de lá veio em Março com seus paes, que possuiram em Campinas um engenho de canna, sendo seu pae notavel pintor, cujas obras se vêm na matriz de Ytú, e difficilmente seriam egualadas hoje. Pae e filho morreram em Campinas. A irmã do cirurgião Patricio empregava-se no ensino de meninas, e mereceu a confiança de muitos chefes de familia.

Circumstancias especiaes de seu nascimento, e a perda de seu unico filho varão tornaram Patricio misantropo e monomaniaco. Em represalia a um attentado imputado a elle foi afinal assassinado em seu cafezal, encerrando assim uma existencia tornada infeliz por nimia cultura intellectual, e habi-

litação a uma posição social superior áquella que os preconceitos da época lhe permittiam gozar.

O primeiro doutor em medicina que habitou Campinas, estabeleceu-se aqui no periodo a que se refere nossa chronica, e foi este o dr. Mello Franco, homem formado em Gattingen, casado com uma senhora hanoverianna, nobre, de cujo consorcio teve varios filhos. Era este medico filho de outro do mesmo nome, que foi medico do paço e auctor de um livro sobre hygiene.

Os primeiros artistas—carapinas, ourives, selheiros, etc., eram quasi todos mineiros, ou ituanos. O officio de pedreiro se limitava ao serviço de reboco, não se empregando pedra ou tijollo nas construcções, e existindo mui poucas braças de ruas calçadas.

Importante melhoramento na industria assucreira foi a introdução do machinismo horisontal para a moagem da canna por cilindros de ferro.

O primeiro *Engenho deitado* que trabalhou em Campinas, foi da fazenda do prestimoso lavrador Joaquim José dos Santos Camargo, que mandou vir da Bahia o mestre, não havendo em S. Paulo quem fizesse a obra.

Em Inda'atuba já tinha havido um destes engenhos em ponto pequeno, feito por Joaquim Gonçalves Bicudo, quasi o ultimo dos paulistas dos tempos heroicos; porém os cylindros eram de pau, e por elle mesmo confeccionados.

Este Bicudo foi irmão de Pedro Gonçalves Meira. Tinha sido bandeirante; era versadissimo no conhecimento das virtudes medicinaes das plantas indigenas, e perfeito mestre da lingua guarany.

Os senhores de engenho nesse tempo tiveram em grande desprezo a cultura do cafeeiro, que reputavam ser um ramo apenas de quitanda, não obstante a boa acceitação que em pontos da provin-

cia do Rio de Janeiro esta nova lavoura tinha adquirido.

Em Campinas, os primeiros pés foram plantados pelo tenente coronel Antonio Francisco de Andrade, mas o plantio do arbusto tomou mais sérias proporções ás mãos do fallecido pae do sr. barão dos Tres Rios, Francisco Egydio de Souza Aranha, a instancias de seu sogro e tio, coronel Joaquim de Camargo Aranha.

O desfavor com que certos lavradores, então muito importantes, receberam esta cultura influiu desastradamente sobre a fortuna e condição social de seus descendentes, assim como fez a falta de conhecimento da qualidade das terras em relação ás familias de muitos dos primeiros povoadores.

Para o fim deste periodo, tractamos da época incluída no reinado de d. João VI, — fez-se a actual cadêa e paço da camara, cuja primitiva construcção importou em 1.400\$000, sendo o encarregado o então procurador da camara Bento de Abreu, precedendo á construcção grande conflicto quanto á escolha do logar; um partido querendo edifica-la em terreno do concelho na rua, hoje, do general Osorio, fazendo esquina no largo do Rosario, de cuja pretensão tiveram de retroceder.

Nos primeiros annos desse periodo, depois da vinda da rainha e familia real ao Brazil, teve logar a edificação de uma serie de ranchos de taipa para pousio dos viandantes, desde S. Paulo até Goyaz. Coube um destes a S. Paulo, sendo situado no largo de Santa Cruz, e só mui recentemente foi demolido.

Foi uma instituição humanitaria, e satisfazia necessidades da viação da época. Pelo governo foram cedidos alguns paramentos e alfaias que haviam pertencido á companhia de Jesus, e ainda existem varias peças na sachristia da matriz, da actual parochia da Conceição.

Durante a regencia de d. João foi que vieram a S. Carlos, onde se aboletou um na fazenda de cada um dos principaes lavradores, os casaes de ilhéos que o governo da rainha mandou vir dos Açores para ensinar processos aratorios e aperfeiçoamentos de lavoura aos proprietarios paulistas ! !

O unico resultado pratico que me consta desse tentamen civilizador, foi que os ditos casaes logo ficaram senhores de bons quinhões de terras á custa dos patronos.

O governo recommendava as doações, e os proprietarios, quer para se verem livres dos incommodos hospedes preceptores, quer levados pelo espirito de docil submissão á vontade de tudo quanto é governo, foram cedendo cortes de sitio a gosto e a contento destes ilhéos. Uma qualidade teve esta gente, e foi a de custar a morrer.

Salvas raras excepções, todos ficaram nonagenarios ; varios eu conheci que completaram cem annos ; e um, Bernardo dos Santos Carnaxides viveu 114 annos.

Chegamos agora á época da retirada do rei para Lisboa, e inicia-se aqui uma época tormentosa na vida publica campineira, que perdurou por largos annos.

Com a effervescencia do periodo da chamada independencia, acharam-se em frente um do outro em S. Carlos, o partido *Corcunda* que queria a desligação dos dous reinos, mas não queria a comedia do constitucionalismo,—o partido exaltado e que queria ser patriota por excellencia, que adheria á causa das côrtes revolucionarias e ultra-liberaes de Lisboa,—e o partido moderado, ao qual pertencia Feijó, os prestantes cidadãos alferes Raymundo Alvares dos Santos Prado Leme, (filho do paulista do mesmo nome de que já se tratou), major Miguel Ribeiro de Camargo, capitão Francisco de Paula

Camargo, etc. Membro notavel do primeiro foi o tenente coronel Pedro Taques de Almeida, homem instruido, neto do grande chronista Pedro Taques, mas muito engenheiro e excentrico.

Este cidadão teve durante alguns annos vida muito amargurada, soffrendo mil pirraças e contrariedades, acontecendo-lhe ser n'um domingo á tarde arrastado sobre o chão por soldados desde a sua morada na rua Lusitana até á cadêa, por ordem da auctoridade, que era o exaltado cirurgião mór Thomaz Gonçalves Gomide.

Existe tambem um assento no livro mais antigo da guarda nacional de S. Carlos, em que na occasião do primeiro alistamento foi declarado que o tenente coronel Pedro Taques não era alistado como guarda nacional por ser indigno de fazer parte da sociedade brasileira !

Cito este revoltante escandalo para dar uma idéa do estado dos animos por muitos annos a partir de 1820.

Todavia, não obstante tal exacerbação de espirito, e a guerra que mui directamente lhe foi aberta, o capitão mór Andrade não soffreu violencia alguma como á quasi totalidade dos capitães móres succedeu.

Foi elle accusado ao governo provisorio ; este ordenou uma syndicancia confiada a pessoas amigas e ficou elle victorioso confundindo os contrarios. Teve elle um velho e constante amigo no governo, o grande paulista padre João Gonçalves Lima, vigario de Parnahyba, e padrinho do padre Feijó. Eis o que o salvou.

Durante todo o tempo decorrido entre a retirada do rei e o mallogrado movimento de 1842 Campinas foi um dos principaes centros de exaltação politica. Aqui tinham ramificações as sociedades secretas que pullulavam do imperio, e muito espe-

Cialmente aquella *dos Invisíveis*, que tamanha parte teve em promover os successos que levaram o sr. d. Pedro I a abdicar.

Não é pois de admirar que o projecto do appello ás armas em 1842 achasse aqui muita acceitação entre os liberaes, posto que o elemento saquarema e portuguez era tambem bastante forte para garantir ás auctoridades o exercicio de suas funcções na povoação.

Ao governo coube a posse da villa, mas grandes forças se conservaram em varias fazendas de importantes lavradores á espera do signal da reunião. Não poucos campineiros foram a Sorocaba incorporar-se á força principal destinada a conquistar a capital.

Resolvendo os chefes do movimento em Campinas medir suas forças com as do governo, foram reunindo seu povo no sitio conhecido pelo nome de Venda Grande, na estrada da Limeira, distante cerca de uma e meia legua de Campinas. Alli as tropas do governo promptamente as assaltaram, sem deixar-lhes o tempo preciso de se organizar, de modo que a victoria foi facil e ingloria. Grande atrazo ao municipio foi a consequencia immediata desta ultima e mal planejada manifestação da moralidade e das recordações da antiga quasi independencia paulista contra a centralisação e a corrupção carioca democratica. Varios chefes de familia tiveram de homisiar-se por um praso assas longo. Outros soffreram prisão e muitos vexames, soffrendo a lavoura todos os prejuizos naturaes de tal estado de cousas.

Um facto que vou relatar mostrará a brutalidade e selvageria dos agentes do governo do Rio de Janeiro.

Commandava a mesquinha artilheria paulista no infeliz combate da Venda Grande um paulista

da mais apurada nobreza—Amaral e Camargo—por nome Boaventura Soares do Amaral. Era capitão de 2ª linha e durante annos militou nas campanhas do sul contra os castelhanos.

Melhor do que elle niuguem conhecia a impossibilidade de lutar com vantagem com o governo, porém preso por sentimentos exageados de gratidão ao brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, elle acudiu ao chamado deste, acceitou o commando das peças, e marchou como o paciente ao cadafalso.

Houve a debandada dos provincianos, mas o capitão Boaventura não cuidava em si, recusou abandonar seu posto, e quando se viu cercado pelo inimigo quiz constituir-se prisioneiro de um official cujo camarada d'armas fôra no sul, afim de assim obter a garantia de sua vida. Elle offereceu sua espada ao referido official, e o infame, rindo-se virou as costas deixando o paulista á mercê da tropa.

Prenderam o, e no acto propositalmente feriram-o, levando-o para a casa da antiga fazenda que era sobrado. Ahi atiraram-o a uma cama e na mesma noite os soldados assassinaram-no a sangue frio.

Infelizmente ignoro o nome do official que fez o asqueroso papel narrado, mas consta-me que morreu lazarento.

Este capitão Boaventura Soares do Amaral era homem de character mui elevado, e um typo de antigo paulista.

O estabelecimento do correio em Campinas data do anno de 1822, mais ou menos. Por muito tempo foi o serviço da remessa e da distribuição das cartas feito gratuitamente, sendo o primeiro encarregado o benemerito brasileiro adoptivo Bento José de Abreu. Passados annos foi remunerado, porém mal, e em todo o periodo de que se trata era instituição muito acanhada.

No começo o correio não seguia em direitura para S. Paulo, mas reunia-se em Ytú com o correio de Sorocaba e de lá partia.

Durante o reinado das côrtes em Lisboa, quando o povo ituano exigio ao sr. d. Pedro de Bragança a sua permanencia no Brazil como seu defensor perpetuo, e instituiu a federação das villas, esta de S. Carlos exposou a causa, cujo estandarte fôra hasteado por Ytú, collocando-se em opposição ao grupo republicano portuguez da capital, e nomeou para seu delegado no conselho das villas colligadas o preclaro cidadão reverendo dr. Miguel Archanjo Ribeiro de Camargo.

Dou aqui por encerrados os apontamentos sobre o passado e o desenvolvimento deste municipio, que prometti. De época posterior á elevação a cidade não é conveniente ainda tocar, por ser historia por demais contemporanea. Não peço desculpa pelo desalinho, e por alguma confusão na ordem chronologica que caracterizam este escripto. Não é trabalho voluntariamente feito, mas sim realisado em obediencia a instancia á qual não pude furtar-me de attender. Vae sem que eu pudesse rever uma unica linha, pois a pressa, e as atrapalhações de minha vida profissional pelo tempo que absorvem, e o cansaço que resulta, me inutilisam para quasi tudo o mais que requer attenção séria e contínua.

Campinas, 29 de Julho de 1879.

R. G. D.

Especies de plantas

As especies de plantas até agora conhecidas, montam, segundo os maiores calculistas, a 44,000.

Barra de Santos

Praia q' o mar brandamente
Repelle ou acaricia,
Em que as auras vêem carpir-se
A' volta do meio dia,
E á tarde espalhar frescura,
Sombras e melancolia ;

Linda praia, debruada
De alvejante, fina arêa,
Porque só tua lembrança
O espirito me encadêa ?
Quem te deu tamanho encanto ?
Onde está tua serêa ?

A' solidão de minh'alma
Chega teu som lastimoso,
Echo prolongado e triste
De cavo buzio lustroso
Meu coração todo abála
Qual voz de amigo extremoso.

Vejo a ti, pégo infinito,
Como a um captivo sultão,
Que óra com patrios cantares
Suavisa a escravidão ;
Ora escumando se atira
Contra as grades da prisão.

Vejo-te a face qu'ò posto
Sol doura, avermelha, inflamma,
E o horizonte que se ignora
Onde repousa, onde clama,
Qual um segundo oceano
Que sobre ti se derrama.

Vejo, surgindo das aguas,
A solitaria « Moella » ;
O cabo que se adianta,
E ao longe perdida vela...
Vejo a « terra da saudade » !
Das praias vejo a mais bella !

PAULO EIRÓ.

Trovas populares

(1ª VERSÃO)

Passarinho do coqueiro
Dae-me novas do meu bem,
Que meus olhos estão cansados
De chorar por quem não vem.

(2ª VERSÃO)

Passarinho do coqueiro
Dae-me novas do meu bem,
Se está vivo, se está morto,
Se está nos braços de alguém.

A respeito das mães

Quaesquer que sejam as exigencias da morte, as necessidades de todos os seres, seus instinctos e ferocidades, o amor materno fica vencedor sobre o globo que elle renova ; para elle toda a planta se resume na semente, todo o insecto no ovulo, todo o animal nos filhos ; elle é ao mesmo tempo a fonte da vida e o limite de sua destruição.

AIMÉ MARTIN.

A mulher que é a obra mais perfeita da criação foi escolhida por Deus para conceber, nutrir e criar o homem, ella é a fonte de toda a felicidade, e berço da humanidade porque é em seu seio que se reproduz a semente das diversas raças que fazem a sociedade e perpetuam o genero humano e a sua grandeza.

Tornando-se mães, são as mulheres a obra prima do universo, porque ellas criam os homens de character, os genios, e dão origem a outras tantas mães que fazem a cadeia com que se prende o passado de trevas e captivo ao presente de conquistas e liberdade.

E' em seu coração que pulsa o amor materno, que é o maior thesouro que se conhece, o bem mais puro, o motor mais forte de todos os grandes heroismos ; a unica cousa no mundo que se eleva a um

sanctuario, e que nem a ignorancia, nem as crenças dos diversos povos, nem os instinctos dos animaes ferozes podem negar, offuscar, ou desprezar !

Seu imperio é como o do sol que illumina o mundo, sempre brilhante e sempre puro, pois não são as impurezas nem os maus instinctos capazes de tirar d'elle a menor porção de seu enorme valor.

Felizes os que têm uma mãe para amar e adorar e della receberem a educação ; felizes os povos que conseguirem ter entre si mães capazes de bem educar seus filhos, porque a nação que tiver mães preciosas em seu seio caminha na vanguarda de todos os povos.

Do mesmo modo que se avalia a therapeutica do corpo pelo thermometro, assim tambem pelas boas mães de familia se pódem avaliar as nações ; ellas não são só o thermometro social, mas ainda o espelho que reflecte a grandeza ou decadencia de um paiz.

A criancinha no mundo só tem o arrimo de sua mãe, esta é quem a veste, quem a nutre, quem a sustenta em seus braços e lhe ensina os primeiros passos e são estes que se vão fortificando e fazendo o homem ; é a mãe quem dá a fôrma do futuro cidadão, e elle será todo ao seu molde ; della provém o character de seus filhos e destes a importancia de sua patria.

Que grandeza em sua nobre missão !

Quem ha de nutrir a criancinha que acaba de vir ao mundo para se tornar bom cidadão ?

Quem a livrará de tantas cousas que a cercam, como que de proposito para a consumir e ao mesmo tempo para experimentar o valor da reacção da guarda a quem a natureza confiou a pequena semente ?

Uma mãe. Eis pois onde começa a sua missão e a sua grandeza.

Deu-lhe o creador dois seios, é n'elles que ella tem o alimento, e só delles que póde viver a pobre-sinha; para que ella sugue o leite, que é quasi o sangue materno, que logo depois vae ser sangue do filho, é preciso que ella o colloque em seus braços, que olhe, na posição mais sublime da mulher, o fructo de seu ventre, que no acto do aleitamento, pelo qual vae de seu seio para o corpo do filho o proprio sangue e a propria vida, ella veja o valor de suas forças e deste modo a sua intelligencia para o filho se concentra e, nem ha, que se conheça, meio mais poderoso da criação da amisade!

Como diz eloquentemente o dr. Brochard, « uma das mamas está collocada sobre a região precordial, afim de que a mãe não possa amamentar seu filho sem o apertar sobre o seu coração, sem lhe ensinar, sorrindo, a conhece-la e ama-la. »

O grande Napoleão dizia sempre que a futura conducta, boa ou má de uma criança, dependia unicamente da mãe.

Dizia Samuel Smilles que ninguem tinha a menor influencia sobre aquelle grande homem a não ser sua mãe, que, entermeiando a ternura com a severidade e a justiça, soube fazer-se amar e respeitar por elle, e conseguiu ensinar-lhe a virtude e a obediencia.

Conversando uma vez com a sra. Campou Napoleão Bonaparte disse que o velho systema de educação não servia para nada, o que falta para que se eduque o povo convenientemente?

—A mãe, respondeu a sra. Campou.

—Sim, disse elle impressionado, incumba-se pois de formar as mães de modo que ellas saibam educar seus filhos.

Ah! se todas as mães podessem fazer isso.

Como é tristê ver-se o obituario de algumas cidades do interior, como a do Rio Claro, onde mo-

ramos, onde em cem casos de morte mais de sessenta são de innocentes criancinhas até a idade de cinco annos !

Não será isso devido á ignorancia de algumas mães, que desconhecem a utilidade da boa nutrição, agua, ar, e principalmente o inconveniente do aleitamento artificial do qual se abusa de modo admiravel.

Não é uma critica que fazemos, pois só desejamos ser util, mas como diz um escriptor : « A mãe, que desconhece estas leis, só achará a recompensa de seu amor materno no tamanho de seu filho. »

Jorge Herbert dizia « que uma boa mãe vale por cem mestres » e Smilles « que o amor materno é a providencia visivel da nossa raça, a sua influencia é constante e universal, e começa com a educação do homem no principio da vida, prolongando-se durante toda ella, por virtude dessa poderosa influencia que as mães exercem sobre seus filhos, e quando estes mais tarde entram no mundo para partilharem os trabalhos, inquietações e provanças, toda vez que se acham em alguma difficuldade, ou soffrem qualquer dôr, ainda voltam os olhos para sua mãe, senão para pedirem conselhos ao menos em busca de consolação. »

Santo Agostinho não era catholico, mas as virtudes, exemplos e piedade de sua mãe Monica o converteram ; tanta foi a influencia que ella exerceu sobre elle, que só aos exemplos de sua educação attribuia o sabio santo os seus futuros successos.

Póde a mãe ser pauperrima ; nem por isso ella se poderá esquivar de fazer com que seu filho seja rico e um homem de bem que lhe venha a servir de conforto e amparo na velhice; tudo depende de seus conselhos e exemplos, pois ella não deve se enver-

gonhar de acompanhar os passos de seu filho, de ser energica na applicação da vigilancia, e na correccão de suas faltas, e desde que ella esteja attenta para os seus divertimentos e trabalhos, não dispensando o carinho com que o filho deve ser tratado, pois nem depois de uma reprehensão convem que o seu e o espirito do filho guardem rancor.

Foi assim que a mãe de Miguel Angelo o encaminhou na sua gloriosa vida, e elle soube desde mocinho trabalhar para o seu e o sustento della.

A mãe ensina ao filho o desejo de trabalho e só ella póde criar nelle o desejo de ser grande; é guiando-o em casa dos bons cidadãos, dando-lhe a companhia e o exemplo que ella faz os triumphos do filho, pois o proprio Miguel Angelo vendo que precisava trabalhar em casa, porque as horas da officina não lhe chegavam para seus lucros garantirem uma posição independente, começou a trabalhar á noite com a assistencia de sua mãe, e tão notavel se tornou na esculptura, que um dia vindo um poderoso de Roma visitar uma estatua sua, e como o artista lhe fallasse do trabalho que teve para dar mais saliencia em alguns membros, mais sombra e mais expressão em outros, atalhara a conversação o poderoso senhor dizendo : isto são miudezas ; ao que replicou o artista : é verdade que são miudezas, mas não vos esqueçaes de que as miudezas fazem a perfeição e a perfeição bem longe está de ser uma miudeza. (*)

Eis ahí o caminho do estímulo das mães, para que seus filhos conquistem a gloria.

Washington tinha onze annos quando morreu seu pae, e sua mãe soube de tal sorte ensinar ao

(*) Esta citação assim como algumas outras encontramos no livro—O Character.

filho o modo de ajuda-la no governo de seus negocios, ensinou lhe uma energia e honradez tal, que ella antes de morrer pôde ver as glorias do filho dilecto, que sempre reconheceu a influencia da educação materna em todos os seus actos.

Quando um dos presidentes dos Estados-Unidos, o sr. Adams, assistia aos exames em um collegio, impressionado pelos bons resultados da educação da professora, disse :

« Coube-me a maior das felicidades que pôde tocar a um homem, a de ter uma mãe solícita e capaz de formar o character de seus filhos. »

Foram as mães de Gœthe, Schiller, Scott, Southey, Gray, que fizeram com que seus filhos tomassem as vocações de poeta e escriptores, e seus biographos exaltam as qualidades que os distinguiram.

Narra Samuel Smilles em seu immortal livro o *Character*, que um escriptor conversando com a mãe de Gœthe, dissera : agora comprehendo como Gœthe tornou-se o homem que é.

Se é por este caminho que se conquista a gloria o que fazem as mães brazileiras que não se unem e criam sociedades para desenvolver o espirito da educação da familia, com o qual não se reformam só os costumes, mas as sociedades e as nações ?

Assim como os immensos rios que cortam nosso grande paiz levam a fertilidade pelos terrenos que elles regam, alimentando as frondosas matas que não têm rivaes no mundo. assim tambem as mães de familia. isoladas, representam pequenos mananciaes de educação de seus filhos, e unidas ellas se tornam oceanos de instrucção, que hão de derramar luzes e progressos por toda parte onde haja população, porque tambem esta será a imagem dellas.

Havendo começado um livrinho com o titulo : *Arte de formar homens de bem*, e não tendo tempo

de escrever, especialmente para corresponder ao convite que nos fez v. julgamos que lhe enviando o primeiro capitulo não só correspondemos aos seus desejos, senão também valendo-nos da geral acceitação do seu *Almanach*, prevenimos as mães de familia, que quando apparecer o livrinho o acceitem como dedicado a ellas.

Rio Claro, 21 de Junho de 1879.

DR. DOMINGOS JAGUARIBE.

Um numero do « Intermezzo »

O' doce amada minha, quando, um dia,
Tu te fôres deitar na campã fria,
Irei nella deitar-me ao lado teu.

Beijo, abraço-te muito, ardentemente,
E tu, pallida, muda, indifferente...
Grito, estremeço e morro também eu.

Ouve-se meia noite... os enterrados
Erguem-se e dançam, grupos nebulosos...
E estreitamente unidos como esposos
Ficamo-nos no tumulto deitados.

Eis o dia da ira! convocados,
Erguem-se os mortos para a dôr e os gózos...
E nós, do eterno premio descuidosos,
Deixamo-nos ficar, bem abraçados.

LUCIO DE MENDONÇA.

O Seminario Episcopal de S. Paulo

Neste abençoado torrão dos paulistas, tão belamente fadado pela mão bemfazeja do Creador, poderam erguer-se, apesar da invasão dos principios revolucionarios, os monumentos mais edificantes da fé e da caridade.

Com effeito, ao lado das innumeradas instituições do erro; ao lado de muitas e muitas lojas maçonicas, officinas de impiedade, abrigadas sob o manto de uma phi'antropia pagã; ao lado das famigeradas escolas nocturnas, propagadoras do virus anti-scientifico da irreligião e da indifferença, contemplamos os templos erguidos pelo sôpro catholico.

Nesta capital, o *Seminario das Educandas*, berço de futuras esposas e mães de familia, confiado aos cuidados das zelosas irmãs de S. José.

Em Ytú, o *Collegio S. Luiz de Gonzaga*, ostentando uma pujança nunca vista, dirigido pelos jesuitas, para cujo gremio afflue a mocidade, ávida de haurir nos ensinos de mestres sabios e venerandos as lições da sciencia antiga e moderna, alliada á fé e á rasão.

Na mesma fidelissima cidade, o *Collegio do Patrocinio*, sob a direcção tambem das exemplares irmãs de S. José.

A' testa do novo *Collegio do Bom Conselho* em Taubaté, estão as mesmas boas irmãs, aperfeiçãoando a obra devida á iniciativa possante do immortal capuchinho frei Caetano de Messina, e concluida.

pelos esforços do illustrado e virtuoso monsenhor José Pereira da Silva Barros, secundado de modo efficaz pelo nosso amado bispo diocesano.

Si fosse intento meu enumerar os beneficios derramados por todos estes estabelecimentos catholicos ; si quizesse analysar as disposições, os regulamentos, os methodos de ensino que nelles estão vigorando, e fazer resaltar a immensa vantagem que encerram, mui longa seria a minha tarefa, nem quadraria com as dimensões do *Almanach Litterario*.

Limitar-me-hei a dizer alguma cousa sobre o Seminario Episcopal de S. Paulo, adduzindo breves considerações, suggeridas pelo assumpto.

O Seminario Episcopal, vasto edificio, podendo accommodar com facilidade muitas centenas de alumnos ; aformoseado por um jardim, o mais bello talvez de nossa cidade, está situado em excellente posição, bem arejado, em bairro salubre, e é digno de uma capital que prima entre suas irmãs por já adiantada civilisação. Actualmente, em nada desmerece dos fóros que gozou em tempos idos.

A baba pestilenta da inveja e da calunnia não o tem poupado, e eu estive no caso de presenciar, nas localidades do nosso interior, a campanha contra elle urdida por espiritos mesquinhos e por pensadores-livres, inimigos da liberdade de pensamento.

Na verdade, não sei em que se fundam os nossos zoilos para assim assaltarem a honra de uma casa, onde se têm formado tão lúcidas intelligencias e tão bellos caracteres.

Quem não se lembra da louca exclamação de um republicano tido como austero, levantando a voz

para abençoar, em nome do futuro, a mão que primeiro lançasse fogo áquella Bastilha do erro? l...

Bem entendida tolerancia!

Dos factos apontados para marear-se o brilho do Seminario de S. Paulo, não ha um só que resista a uma critica severa e que apresente-se como verosimil.

Será causa de tamanho odio o porque o ensino do Seminario é muitissimo superior ao das casas de instrucção leiga, as quaes, curando mais do corpo do que da alma, e collocando os interesses materiaes acima dos espirituaes, acima dos que tendem á nossa eterna salvação, são mais compatíveis com o positivismo brutal da nossa época?

Si fôssemos estabelecer um parallelo entre o ensino civil e o ensino religioso, entre o ensino leigo e o denominado *congreganista*, é certo que não lucrariam muito com tal comparação os estabelecimentos que repellem de si o elemento religioso.

As provas as temos em nosso paiz. Em nossa propria provincia. Sem ir tão longe, pergunto: onde achareis um corpo docente melhor, em intelligencia, em virtudes e illustração, em tudo emfim, melhor do que o dos jesuitas que tomam conta do collegio de Ytú?

Não quero deprimir a nobre classe dos professores publicos nem a dos de nossas Faculdades, mas quem poderá negar a enorme superioridade moral e intellectual dos estudantes sahidos dos Seminarios?

Tomemos um exemplo em casa. Consideremos a nossa Academia de Direito. O que vêmos?

Nos annos do curso superior estiveram e estão matriculados estudantes que frequentaram o Seminario Episcopal, que figura brilhante não têm elles feito em *actos*, em lições e em sabbatinas! Honram aos frades e á Academia, honrando-se a si mesmos.

Francamente, é um facto que não soffre contestação.

Jorros de luz sobre a decantada questão do ensino congreganista veio derramar a renhidissima discussão sobre os projectos de lei do cidadão Julio Ferry, ministro da instrucção publica em França. E os legisladores de Versalhes pensaram matar o ensino das ordens religiosas, desfecendo golpe mortifero nas universidades catholicas.

Na Belgica. a universidade jesuitica de Louvain é um dos pharóes que illuminam o continente europeu. E os seus inimigos são homens do porte de Laurent e Tiberghien.

Mas voltemos ao nosso Seminario Episcopal.

Passou elle ultimamente por uma transformação que deu logar a muitos e variados commentarios.

Para poder-se julgar da reforma operada, faz-se mister attendermos ás consequencias da mesma. Avalia-se da bondade da arvore pela doçura dos fructos.

Soffreu o Seminario com a modificação? Diminuiu sensivelmente o numero de seus alumnos? Desceu elle no conceito publico? Não merecem inteira confiança os directores e o corpo docente actuaes?

São questões estas que não me compete aventar e muito menos resolver, assim, de momento.

Sendo o bispo diocesano a auctoridade suprema na materia, tudo quanto s. exc. revdm. fizer em relação ao seu Seminario, devo presumir será bem feito. Quem conhece de perto a nobreza de character, a pureza de fé e elevação de vistas do sr. D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, não póde

conservar a menor duvida sobre a rectidão de seus actos relativos ao Seminario.

Não serei eu quem desconheça as virtudes, os talentos, os serviços dos frades capuchinhos que possuem o Seminario Episcopal.

Basta dizer que foi dalli que sahio, para ir sentar-se no solio episcopal de Olinda, o gigante Vital Maria Goncalves de Oliveira.

Basta dizer que alli assomavam no pulpito Fr. Eugenio de Rumilly e Fr. Firmino de Centelhas; que alli cogitou sobre as revoluções celestes Fr. Germano d'Anuecy; que alli pugnava uma phalange de heróes, que não recuaram diante do martyrio nem diante do perdão.

Alli, ergueu-se, a doutrinar, um verdadeiro apostolo, um missionario de ferro, que á firmeza unia a doçura evangelica; o padre Carlos Maria Terrier. Nome caro á juventude, levita do Senhor, que nos deixou, em demanda de plagas inhospitas e selvagens.

Sim! si preciso fôra registrar os ensinios e os feitos dos homens que por alli passaram, desde o santo—Fr. Francisco, até o philosopho,—Fr. Thomaz.. eu não me sentiria com as forças necessarias para continuar, e exclamaria, cheio de saudade e de gratidão:

—Missionarios da divina palavra! Heróes do catholicismo! embora de longe, eu beijo a fimbria de vosso burel, eu beijo o pó de vossas sandalias!

No dia 20 de Abril de 1879, Domingo *in albis*, tendo antecipado as férias do anno escolar por motivo de reparações, exigidas para conservação e melhoramento do edificio, reabriu-se o Seminario Episcopal.

S. exc. revm. o sr. bispo diocesano solemnizou o acto por missa pontifical, com assistencia do illm. e revm. cabido, e pela consagração do estabelecimento ao Sagrado Coração de Jesus.

Está encarregado de gerir os interesses temporaes do Seminario, o revm. sr. conego penitenciario, João Alves Coelho Guimarães; da vice-reitoria, o revm. padre-mestre Manuel Vicente da Silva.

Está constituido do modo seguinte o corpo docente :

Historia ecclesiastica

Arce-diago dr. Francisco de Paula Rodrigues.

Theologia moral e Direito canonico

Conego Ezechias Galvão de Fontoura.

Theologia dogmatica

Conego Francisco Jacintho Pereira Jorge.

Philosophia, geometria e physica

Padre-mestre Manuel Vicente da Silva.

Historia universal

Conego Ezechias Galvão de Fontoura.

Rhetorica e poetica

Conego Francisco Jacintho Pereira Jorge.

Arithmetica e algebra

Padre-mestre José Valois de Castro.

Geographia

Padre-mestre Alberto José Gonçalves.

Latim (1.ª classe)

Padre-mestre Avelino Marcondes e Silva.

Latim (2ª classe)

Padre-mestre Elisiario Paulino Bueno.

Lingua nacional

O revm. Antonio do Nascimento Castro.

Frances

Padre-mestre Augusto Cavalheiro e Silva.

Inglez

Padre-mestre Julio Marcondes e Silva.

Director espiritual

Padre-mestre João Evangelista Braga.

Cada um destes nomes constitue uma recomendação.

Encarecerei os meritos do revm. dr. Francisco de Paula Rodrigues? Quem não sabe que o revm. Manuel Vicente é uma cabeça fortemente organizada, e o revm. João Evangelista Braga um luctador incansavel, digno companheiro de um Candido Rosa?

Os nomes dos revms. conegos Pereira Jorge, Ezechias e João Alves são bem conhecidos do publico.

O que falta, pois, ao Seminario Episcopal de S. Paulo para tornar-se cródor das sympathias geraes?

Apenas um pouco de boa vontade por parte dos paes de familia, que devem vigiar os filhos e cerrar os ouvidos ás falsidades e ás calumnias. *Vigilate.*

O nosso refugio está no ensino religioso, porquanto a religião catholica é a grande escóla do respeito.

Auxiliemos os que tanto trabalham por nós. E nisto não vae tanto do interesse delles como do nosso proprio.

O mundo está perdido, si as gerações que devem governar não se christianisam. A questão é de defesa social. E não devem admirar-se de procurarmos organizar-nos, aquelles que, por toda a parte, invadem a nossa esphera de acção.

Bem dizia o conde Alberto de Mün:

Nós estamos em um caso de legitima defesa, porquanto, sendo o clericalismo, nós somos o inimigo.

S. Paulo, 11 de Agosto de 1879.

ESTEVAM LEÃO.

Jayme da Silva Telles

Dos apontamentos que devemos á amizade do finado conego dr. Ildefonso Xavier Ferreira sobre os importantes acontecimentos políticos que se deram nesta provincia em 1821—1824. extrahimos um facto notavel, talvez geralmente esquecido.

Ei-lo :

Em 1824, o coronel Francisco Ignacio, encarregado da gerencia da casa do finado brigadeiro Luiz Antonio, mandou o capitão Jayme, seu guarda-livros, para inspeccionar e dirigir os engenhos de Piracicaba e Campinas, pertencentes á casa do dito brigadeiro.

Chegando Jayme a Piracicaba, o juiz ordinario suspeitando que elle fôra para sublevar a escravatura, o prendeu e remetteu *encorrentado* para S. Paulo, dando parte ao dr. Medeiros, ouvidor de Ytú.

Este, logo que recebeu a communicacão, mandou ordem, que se tirasse a corrente do preso, mas o portador não n'o alcançou.

Jayme entrou pela capital, *fardado de capitão, e com a corrente ao pescoço!*

Quem, como nós, contou o capitão Jayme entre os seus amigos; quem lhe conheceu a intelligencia e o caracter nobre e elevado dos antigos paulistas, melhor do que outros poderá apreciar como naquelles bons tempos se respeitavam os direitos do cidadão neste paiz americano, onde a liberdade ensaiava timidamente os seus primeiros vôos.

S. Roque—Maio de 1879.

BARÃO DE PIRATININGA.

A' morte de um libertando ⁽¹⁾

Foi-lhe na vida a liberdade um sonho !
Miragem que uma noite funeraria
Dissipou entre os ultimos adenses !...
Mas... foi livre su'alma solitaria !

Sim ! Foi livre... deixando aqui na terra
Sobre os hombros de pedra de um *senhor*
O manto esfarrapado, vil, nojento
Da negra escravidão que causa horror !

Manto vil dos opprobrios—neste seculo !
Qual tunica de *Nessus* que consome,
Que lacera, espedaça e martyrisa
O captivo que soffre sede e fome !

Assim... sobre esses hombros senhoris
Essa tunica negra dos mysterios
Sempiterna será *pieuvre* maldita
Arrastando-o p'ra os fundos cemiterios.

Brotas—Junho de 1872.

J. A. DE BARROS JUNIOR.

(1) Fallecido um dia depois de receber a liberdade.

Numero do « Intermezzo »

H. HEINE

E' domingo : o burguez deixa os asphallos
Dando o braço á burgueza
Procura o campo, e ao ve-lo exclama aos saltos :
—Oh, filha, que lindeza !

E pasma do verdor febril, romantico,
Da múrmura floresta !
E a sua longa orelha absorve o cantico
Da passarada em festa.

Eu que não saio, escondo a gelosia
Com negros cortinados
E recebo a visita, em pleno dia,
Dos espectros amados.

E aquelle amor que eu vi morrer outr'ora
No meu quarto apparece !
Senta-se ao pé de mim, beija-me e chora,
E o meu ser desfallece.

GONÇALVES CRÉSPO.

Lavoura de café

O café deve ser plantado em terra *queimada*, ou em terra *crua*?

Em geral queima-se primeiro a roçada com o fim de destranca-la e facilitar o serviço para depois alinhar o terreno, abrir as covas, e plantar o café.

Poucos, levados por espirito de innovação e melhoramento, são os que preferem a terra *crua*: e estes ou fazem o serviço do fogo destrancando o terreno á força de braços, o que dá um trabalho immenso; ou esperam do tempo um e mais annos o apodrecimento do mato roçado para, assim destrancado e, o que é mais, estrumado o terreno, poderem fazer a plantação; o que demanda muito trabalho pelas repetidas vezes que é preciso roçar e muita paciencia de esperar o apodrecimento.

Mas, qual a melhor practica?

Por muito tempo entendi que devia-se plantar em terra *crua*: que a grande quantidade de estrume proveniente do mato roçado, promettendo aos cafeeiros crescimento, viço, producção e duração maiores, era vantagem que compensava de sobra o muito

trabalho, que exigia a plantação assim feita - vantagens que entendia não poder dar o terreno previamente queimado. Era-me tão firme este modo de pensar que sustentava ser vantajoso praticá-lo mesmo em terreno de primeiro fogo, ou de mata virgem, embora fosse preciso esperar por quatro, cinco ou mais annos o apodrecimento das madeiras para poder, ainda assim com muito custo, fazer a plantação.

Posteriormente ainda vieram confirma-lo os bem escriptos e interessantes artigos do dr. Luiz Pereira Barreto, na *Provincia*, sobre a terra rôxa e lavoura do nosso oeste.

Dirigindo minha lavoura de conformidade com este pensar, sempre que tive de plantar café em *capoeiras* fil-o sem queimar a roçada, mas o resultado parece nunca haver compensado tamanho accrescimento de trabalho.

No correr do anno de 1875 mandei roçar por tres vezes um terreno de dez alqueires (50 mil braças quadradas) coberto de *capoeira* alta, tendo *paus de machado* para planta-lo sem queimar. Mas quiz o accaso que se queimasse quasi metade da roçada, ficando o terreno litteralmente varrido pelo fogo, o que então reputei prejuizo consideravel.

Em principio de 1876 fiz a plantação nos 10 alqueires, sendo com muito trabalho na parte não queimada por estar ainda muito trancada.

Veja-se agora o resultado.

Percorrendo-se hoje esse cafezal, nota-se uma differença tão sensivel que percebe-se claramente a divisa entre o terreno queimado e o não queimado, estando os cafeeiros naquelle muito mais crescidos, frondosos e escuros do que neste, tendo-se agora colhido os primeiros fructos d'aquelles ao passo que nada houve a colher destes.

O terreno é o mesmo na qualidade e na face ou exposição ao sol. As mudas plantadas, foram melhores na parte não queimada.

Ao principio explicava-se essa differença pela differença do tratamento, porque a parte queimada e varrida pelo fogo foi naturalmente melhor tratada que a parte não queimada e cheia de páos deitados e de cêpos. Porém, ha mais de anno que essa tranqueira desapareceu apodrecendo e que o tratamento é egual sem que os cafeeiros ahí cresçam e vicem como seus visinhos, quando deviam frondar e crescer mais por estarem em terreno muito estrumado.

Esta experiencia parece decisiva.

Referindo o caso a um amigo, fazendeiro na capella de Santa Maria deste municipio, respondeu-me com este outro analogo : que tendo por um motivo qualquer precisão de pôr fogo em parte de um cafezal de um anno de idade, cobriu com terra os pequenos e tenros arbustos, queimou o terreno, e depois descobriu outra vez aquelles, que ficando assim em terreno queimado por duas vezes excederam em viço e crescimento aos outros em terreno queimado só uma vez.

Procurando a explicação deste facto, á primeira vista tão anormal, parece-me have-la encontrado.

Li algures a seguinte analyse chimica do café :
100 partes de cinza do café contém :

	DR. VON LEIBEIG		DR. ULIX		DR. LUDWIG Café do terreno quartz S. Paulo	DR. THEODORO PECKOLT Café do terreno granítico Cantagallo
	Café de Ceylão	Café de Costa Rica	Café de Guatemala	Café de Natal		
Sulfato de potassa	53.12	49.12	52.33	48.18	26.157	30.816
Soda	4.45	4.82	1.04	3.07	5.845	3.325
Cal	4.02	3.30	3.75	4.76	8.645	6.044
Magnesia	8.85	9.14	8.78	8.87	8.144	9.045
Oxido de ferro	0.67	0.83	1.48	1.81	16.539	17.180
Acido sulfurico	2.03	1.86	3.92	4.92	3.252	1.913
Acido phosphorico	8.61	8.83	7.78	9.78	18.645	15.560
Chloro	0.04	0.04	0.69	0.82	Vestigios	0.070
Silicio	0.11	0.04	5.97	3.94	1.654	2.444
Acido carbonico	18.10	22.02	15.16	13.85	8.338	11.423
Alumina	---	---	---	---	2.781	2.180
Manganez	---	---	---	---	Vestigios	---

Por esta analyse vê-se que o elemento predominante na composição do café é a potassa, isto é, a cinza, como sem rigôr scientifico, mas com acerto costumamos dizer; e cinza é o que havia em abundancia no terreno queimado, e faltava absolutamente no sem queimar.

Outra razão, menos importante. Não queimando-se o terreno conserva-se a vida a uma infinidade de insectos, que comem as folhas e damnificam o tenro pé de café: entretanto que queimando-se-o, esses insectos morrem todos, e o café brota e cresce livre delles.

Ainda assim não considero o resultado como definitivamente obtido, e continuo as experiencias.

Sirvam estas linhas para chamar a attenção dos outros lavradores e dos homens da sciencia para o caso.

Piracicaba, Agosto de 1879.

M. DE MORAES BARROS.

Extasi

Como alampada sombria
Balouçando a frouxa luz
Por defronte de uma cruz,
Toda a noite e todo o dia;

Assim paira esta minh'alma
Diante da alma tua...
Como paira incerta e calma
Pelos ceus a luz da lua.

GUERRA JUNQUEIRO.

A beata

A beata é um ente tão característico e tão inseparável a todo o lugar aonde haja uma igreja, que se não pôde traçar um quadro de costumes populares, sem que ella venha encaixar-se dentro da moldura, formando uma dessas manchas negras, com que os pintores fazem contrastar as scenas luminosas dos primeiros planos.

E' por isso que vamos dedicar um momento de attenção a essa parasita da crença, domiciliada nas sacristias.

Ao lado da beata de vinte annos que gosta de ir ás missões antes de nascer o sol, e para a qual o culto externo é apenas um meio de passar alguns instantes ineffectivos com o namorado ás horas matutinas, ha a beata velha, sordida, asquerosa, enredadeira, profunda em assumptos amatorios, protectora do commercio illicito dos sexos, o braço direito dos padres dissolutos, o ministro plenipotenciario da devassidão.

Além dessas duas variedades, ha uma terceira, em que se concentra o espirito traiçoeiro d'um jesuita e a maldade intelligente d'uma solteirona. E' a beata que pertence a uma familia remediada, que frequenta a casa do cura, e que segue uma vida de enredos, por pura vocação.

Quer se chame Maria do Santissimo Sacramento, ou Custodia da Encarnação de Jesus, ou Thomazia do Espirito Santo, por um phenomeno parecido

com o da Trindade, sendo tres pessoas distinctas, e só uma beata verdadeira. Não está em toda a parte, mas anda sempre em redor dos jesuitas, como um corvo em torno da podridão.

A sua vida até á época em que se completou, descreve-se em quatro palavras. Quando tinha 15 annos desmentiu formalmente o adagio popular que diz : não ha quinze annos feios. Mas, como a natureza tem leis imprescriptiveis, depois dessa idade aquelle todo exotico pareceu querer aspirar a uma figura de mulher. O rosto floriu, os olhos brilharam um pouco e as fórmãs começaram a avultar-lhe. Mas todos esses encantos, reconhecendo que nada tinham que fazer no mundo, retiraram-se. O seio sobre tudo pareceu recuar com tal violencia, que o peito ficou mettido para dentro; os olhos ganharam uma expressão de desconfiança selvagem; o rosto fez-se amarello como o pergaminho. Ella então não tendo absolutamente nada que dar ao diabo entregou-se de todo o coração a Deus; vestiu-se de preto dos pés até á cabeça e começou a confessar-se ao menos uma vez cada semana. Que triumpho para a religião !

A santa madre egreja, representada pelo sr. cura, recebeu-a de braços abertos. Desde esse dia ella cortou o cabello, e traz sempre na mão um livro gorduroso, encadernado em coiro. E' tal o seu fervor religioso, que, quando na egreja lê as orações do seu livro, conserva o muitas vezes de pernas para o ar. Traz sempre consigo umas contas, com uma cruz, talvez por causa das tentações.

As suas qualidades moraes só poderiam ser devidamente apreciadas n'um corpo de policia secreta. Ella sabe tudo o que se passa, conhece todos os escandalos, mette-se clandestinamente em tudo e ordena o que se ha de fazer. E' a solteirona em toda a sua repellencia, com todo o seu azedume concen-

trado, com toda a maldade a trasbordar. Tem uma habilidade para fazer duas cousas : mexericos e arroz doce. Em qualquer destes campos causa admiração.

Quando falla a voz assemelha-se a um ataque de tosse, emittido em falsete. Dir-se-hia o ultimo suspiro de uma dobradiça enferrujada.

Os labios deixam ver dentes hostis e negros, como prégos nacionaes. O beijo mais atrevido não ousaria aproximar-se. Por isso a sua vida tem sido casta, e a sua virtude tem atravessado, incolume, as primaveras mais aphrodisiacas. E' virginal e pura como um tronco d'arvore, ou como uma lousa sepulchral. A vestal não foi polluida como a mãe dos fundadores de Roma, mas tambem devemos confessar que Marte, apesar da sua coragem, nunca lhe appareceu, nem mesmo em sonho. Ao pé della um satyro começaria a fallar em coisas innocentes, em boninas, em céu azul, em rouxinoes, em candidas cecens e perderia a sua reputação toda viril.

Vendo-a passar completamente vestida de preto, n'um passo machinal, balbuciando rezas entrecortadas, com os olhos pregados no chão e o rosario pendente, a gente lembra-se de coisas estranhas, e fica a scismar no aspecto das mezas de pau preto com pernas em espiral, nas múmias do Perú, nos esqueletos ante-diluvianos, na feitiçaria, e nos pezadellos. Ora tudo isso convida pouco ao amor. Uma tábua de pinho não accende os nossos desejos, ainda mesmo que lhe colloquemos algumas saias ; e se a castidade da beata é incontestavel, tambem nunca ninguem se lembrou de dar beijos ferventes e fazer ternas caricias a um oleado !

De tarde quando a egreja está silenciosa e deserta, quando as arvores vão alongando, tristemente, as sombras pelo valle, a beata rabeia na zachristia, pondo ramos de papel pintado nas jarras,

arranjando as galhetas, limpando o calix de chumbo e dobrando o guardanapo que serve á missa. Depois ajoelha-se, faz oração e vae ter com o cura.

Conversam então de mansinho sobre as vidas alheias.

Ao ve los juntos, a gente conhece que entre um jesuita e uma beata não existe um abysmo. Têm grandes semelhanças no vestuario e na alma. Ella parece um homem vestido de mulher, elle parece o diabo vestido de padre. E' medonho !

Collocados em frente, conversando em voz baixa, ouvindo-se mutuamente com attenção, o olhar do observador não póde deixar de fixar-se um momento naquelles quatro pés, os della e os delle, que parecem analysar-se com benevolencia de irmãos. Têm a mesma conformação espalmada, e para que nada lhes falte, cada um delles ostenta um reverendissimo joanete !

Ah ! que novo marquez de Pombal nos livrará desses jesuitas do sexo fragil, que apesar de solteiras, nada têm de interessante, a não ser, uma vez por outra,—o seu estado.

Côrte, Agosto de 1879.

LUIZ DE ANDRADE.

Trovas populares

O fogo quando se apaga,
Na cinza deixa o calor ;
O amor quando se acaba
No coração deixa a dôr.

Os velhos brazões

Uma cousa que nem todos sabem : a nossa bella provincia de S. Paulo foi um dos primeiros logares da America do Sul em que sonhou-se com as estradas de ferro.

Parece-me que, exceptuada a Resolução geral n. 100 de 31 de Outubro de 1835, nada precedeu á Lei provincial n. 51 (antigo n. 32) de 18 de Março de 1836.

Esta lei deu privilegio exclusivo por 40 annos á companhia de Aguiar viuva & filhos, Platt & Reidd e, em falta delles, a outrem, para a construcção de uma via ferrea desde a então villa de Santos até a villa da Constituição (hoje cidade de Piracicaba), Ytú, ou Porto Feliz, passando pela capital.

O Decreto de 29 de Outubro de 1838 deu sancção á dita lei na parte em que ella podesse intervir com os interesses do estado.

O que é singular é que a nossa pobre Campinas ficasse esquecida n'aquelle grande projecto de melhoramento, que só o patriotismo dos velhos tempos poderia ter idealizado.

Porque seria ?

Pois já em 1830 o major Luiz de Arlincourt, nas suas descripções de viagem, tecia a este bem fadado e uberrimo solo, os mais significativos elogios.

Ha no termo desta villa, diz elle, sessenta engenhos contando os do fabrico da aguardente ; quinze

dos quaes são movidos por agua ; e outros muitos se pôdem tractar por esta maneira commoda.

O principal senhor de engenho, accrescenta, é o coronel de milicias Luiz Antonio, morador em S. Paulo, homem ajudado pela fortuna de um modo espantoso, e que possui uma das mais solidas casas do Brazil : só elle, em Campinas, tem dezeseis engenhos. um dos quaes lhe rendeu em 1817, nove contos de réis ; (1) a sua colheita annual não desce de 30 mil arrobas d'assucar, e a renda da sua casa anda em 80 mil cruzados.

O homem vae adeante :

« São grandes as proporções que tem S. Carlos para uma villa opulenta ; além da admiravel posição que occupa e da fertilidade do terreno, respira-se alli um ar puro, goza-se de um clima sadio e de bellas aguas : e finalmente ainda se não tem conhecido uma só molestia endemica.»

Bem : antes d'elle já um francez nos havia feito justiça. « C'est, de toute la province de S. Paul, le *terro* que produit le plus de sucre. (A. de Saint-Hilaire.)

Voltemos, porém, ao nosso assumpto.

Em 1836 a locomoção terrestre, por meio do vapor, estava ainda quasi em ensaios.

Basta lembrar que, segundo Ramée, a primeira grande empresa deste genero, começada em Outubro de 1826, e entregue ao trafego em 15 de Setembro de 1830, foi o caminho de Liverpool a Manchester.

O de Liverpool a Birmingham abriu-se em 4 de Junho de 1837. A grande linha de Liverpool a Londres franqueou-se ao publico em 17 de Setembro de 1878.

Vêm, pois, que os paulistas atiravam a meta das suas nobres aspirações para além do que era

humanamente possível naquella época de vivacidade extraordinaria e febril.

Havia razão para isso.

Como sabem, o historiador Vaissette, fallando da nossa origem, assevera que descendemos de uma *tropa* (a traducção é de frei Gaspar da Madre de Deus) de hespanhoes, portuguezes, indios, mestiços, malatos e outros fugitivos que aqui se escondiam dos governadores geraes do Brazil.

Ora esta mescla de tão desencontrados sujeitos devia dar algum resultado; e deu.

O cruzamento das raças é util.

Já nós haviamos sido os descobridores do balão aereostatico.

Esta gloria que nos haviam roubado estranhos em favor dos irmãos Montgolfier, francezes, foi-nos restituída ha pouco pelo *Diccionario Universal* de Larousse, quando tracta da palavra *Aérostas*. Ibi: — *Sans diminuer la gloire des frères Montgolfier, qui ont attaché leur nom à cette invention, on ne doit pas oublier que, vers la fin du XVII siècle ils avait en un precurseur dans le portugais Gusmão.*

Este Gusmão era o santista que todos nós conheciamos de tradicção. Deveu elle a sua descoberta, dizem, a uma bolha de sabão.

E' a uma bolha de sabão que nós devemos todas as nossas aspirações e todos os nossos desenganos. O que é mais senão isso, esta serie de cousas futeis e graves, tristes e alegres a que denominamos o—destino?

Que o diga a ossada do infeliz padre lá no seu ultimo domicilio de Toledo, onde o intrepido *voador*, acozado pela inquisição, rendeu o espirito fulgurante para erguer-se aos mundos sobre azas menos palpaveis e visiveis aos ciumes e invejas dos seus descaroados contemporaneos.

Posta de parte esta digressão, assignale-se ain-

da um facto em abono do nosso character resolutivo e audacioso.

Ao mesmo passo que se tratava da estrada de ferro acima referida, entrava a barra de Santos a primeira machina de vapor que viera a estas paragens. Creio que foi ella applicada em uma estufa ou cousa que o valha alli fundada para refinação de assucar.

Não me assistem no momento informações precisas a este respeito, mas o caso é real e muita gente o póde attestar.

Dizem-me até que o sr. Jorge Scorrar, estimavel inglez residente na capital, foi quem armou a machina.

Ainda um traço significativo da lei de 18 de Março de 1836: no artigo 3º estabelece a condição de a companhia privi'egiada conduzir, á sua custa, para as nossas terras, tres mil colonos trabalhadores morigerados; e no art. 18 impõe-lhe a condição de não possuir escravos e de nem servir-se com os proprios africanos livres.

Foi isto nas boas horas, quando este povo de instinctos mansos e commedidos acreditava ingenuamente no seu esplendido futuro e até sabia ir á mão aos reis, se elles attentavam contra os seus brios e a sua nascente liberdade.

Campinas, 6 de Agosto de 1879.

F. QUIRINO DOS SANTOS.

A cathechese de indios em S. Paulo, no anno de 1562, deu, ao gremio da egreja, apenas 212 convertidos, baptisados pelo provincial padre Luiz da Gram.

A proposito das Lições de Historia Patria

No estado actual dos conhecimentos humanos, escrever a historia é o mais arduo commettimento a que póde metter hombros um homem de lettras.

Não assim em tempos passados, quando os vastos dominios dessa sciencia eram apenas entrevistos confusamente por algum espirito superior, e para logo esquecidos como sonhos de mente enferma.

A chronica bucolica e rasteirinha, anecdotica e milagreira, as extensas narrações de guerras, vidas de reis, generaes e santos enchiam, e enchem ainda, as bibliothecas e os archivos publicos.

Consistia o principal trabalho do historiador em escrever discursos para os heroes, e o seu maior dispendio era de tropos e figuras, entre reflexões moraes para uso da mocidade incauta.

Ausencia completa de systema. Cada um tractava de recolher o maior numero de factos que lhe era possivel, e sobre elles urdia com os recursos da imaginação um romance, em que infundia o seu proprio espirito.

Os historiadores antigos foram para a sociologia o que os astrologos e alchimistas tiuham sido para a astronomia e a chimica: precursores, que a par da muita chimera, prepararam o material e o laboratorio de onde tinha de sahir a mais complexa das sciencias modernas.

Graças ao methodo experimental, descobriu-se

emfim a lei da filiação dos acontecimentos, e comprehendeu-se que a historia não se compõe de biographias isoladas, não se limita por arbitrarias fronteiras como os governos, não oscilla na onda do acaso, nem obedece ao phanal do providencialismo.

Um estudo novo, attrahente, cheio de interesse começou ha poucos annos a substituir as desesperadoras minucias e puerilidades dos annaes e das chronicas, os discursos posthumos dos heroes, e as declamações da velha moral.

O genio moderno fecundou o germen deixado pelo fundador da philosophia positiva. e, submettido aos seus processos, o complexo desenvolvimento social disciplina-se para occupar o ponto culminante na genealogia do saber humano.

O Brazil não tem, não póde ter em futuro proximo nem sciencias, nem artes, nem litteratura, por mais que um patriotismo vão e umas vaidades innocentes andem por ahi a escrever sobre a « escola especialista brasileira », a classificar as « litteraturas do norte e do sul do imperio », e a catalogar na Academia das Bellas Artes os quadros da « escola nacional. »

Si já temos direito a um logar na historia, isto é, si esta parte da America já concorreu com alguma cousa para o progresso humano, si já encarnou alguma idéa victoriosa, si contribuiu com algum elemento realmente seu para a civilisação, cousa é de que o presente não póde ser juiz.

O que não admite disputa é que não temos historiador.

Nem nos póde isso ser lançado á conta de incapacidade, pois na evolução social cada hora tem o seu trabalho.

Entretanto, os fastos patrios longe estão de ser um mundo virgem para os brasileiros. Sem sair-

mos de S. Paulo, podemos apontar, entre outros, os trabalhos de Pedro Taques, Arouche, Varnhagem, Machado de Oliveira, Manoel Euphrasio, e os do sr. dr. Americo Braziliense.

Comquanto nos escriptores paulistas domine a mesma tendencia liberal, é sensível a progressiva elaboração das idéas que vae se operando. Muitos factos têm sido rectificadoss, tem-se corrigido a apreciação de muitos acontecimentos. As legendas vão cedendo terreno á realidade, os semi-deuses, de habito ou de farda, reduzem-se a productos de seu tempo e de seu meio, a historia humanisa-se em manifesto detrimento da poesia. O sobre-natural é arredado da esphera scientifica.

Nas suas *Lições de Historia Patria*, o sr. dr. A. Braziliense, com a descrição que lhe impunha a sua posição de professor, e sacrificando talvez em excesso a tão apregoada como mal entendida imparcialidade do historiador, não deixou todavia de revelar-se influenciado pela corrente das idéas modernas.

Nos limites que as circumstancias lhe traçaram, contribuiu o illustre prelector para a instrução do processo que ha de condemnar ao olvido os heroes de direito divino, e glorificar tão sómente aquelles que trabalharam e padeceram por amor da justiça.

Exigir mais fôra desarrasoar, si considerarmos que a verdadeira concepção da historia e os seus primeiros lineamentos são de hontem na Europa, após tantos seculos de preparação.

A parecer nosso, parecer sem auctoridade nem sciencia, o livro do sr. A. Braziliense preenche perfeitamente o fim que o auctor teve em vista, dedicando-o ao ensino dos collegios.

Côrte, Agosto de 1879.

U. DO AMARAL.

Frederico Fomm

«... Les historiens écrivaiens toujours plus ou moins *ad usum Delphini*— à l'usage du Dauphin, ne voyant rien que leur semblât digne d'être rapporté, que les faits et gestes du pape e de l'empereur, des rois et des évêques, des seigneurs, qui lassés des crimes et croyant acheter par des pieuses donations, la justice vénale de Dieu, fondaient dans leur vieillesse des monastères, qui les abbés gouvernaient avec tous les vices des seigneurs temporels. Mais aujourd'hui, le Dauphin, le monarque futur, le souverain suprême, c'est le «Peuple.»

—EUG. BONNEMÈRE—*Hist. de la Jacq.*

A historia registra numerosas provas de ingratição dos homens para com os individuos iniciadores de grandes melhoramentos e introductores de descobertas e inventos, que recebidos ao principio com de-dem, mais tarde constituem padrão de gloria e fonte de riqueza para as regiões que adoptam essas manifestações do progresso social.

Quantas vezes gozamos do fructo de sacrificios immensos, e nem ao menos por curiosidade indagamos os nomes dos individuos que gastaram a vida, a saude e a fortuna, na aquisição e propaganda do beneficio que usufruimos?!

A historia da pobreza dos grandes inventores industriaes e mechanicos benemeritos, fornece milhares de paginas tristes para a humanidade. Póde

se dizer que é sempre a mesma historia renovada e repetida, apenas mudados os nomes, as épochas e as localidades.

Nem é isso o mais lamentavel ; emquanto os auctores e martyres da *idéa nova* soffrem ; especuladores felizes ou exploradores mais protegidos colhem á farta os proventos materiaes, gozam das regalias que a sociedade concede aos benemeritos e ostentam-se cercados da consideração que os povos tributam ao merito. E' o caso sempre velho e sempre novo do poeta, *hos ego versiculos feci, tulit alter honores...*

Verdade é que mais cedo ou mais tarde a justiça inflexivel do povo, auxiliada pela boa critica, faz triumphar o direito e, reivindicando os titulos dos operarios do progresso social relembra os nomes dos servidores leaes, rememora-os nos seus annos, e vota ao olvido os audazes que pavoneavam-se com adornos que lhes não pertenciam.

Innumeros exemplos poderiamos transcrever da historia, e demonstrar assim a verdade das proposições emittidas.

Sem querer ostentar conhecimentos descabidos aqui, citaremos comtudo o nome do padre Bartholomeu de Gusmão, porque é nosso, o primeiro que tentou a navegação aerea, quasi desconhecido dos sabios do velho mundo que não suspeitam pertencer á cidade de Santos, a gloria de ter sido o berço do primeiro aereonauta ; emquanto os irmãos Montgolfiers constituem o orgulho da cidade que os vio nascer, que procura celebrar festas solemnes commemorativas da primeira experiencia desses phisicos, agora por occasião de seu centenario.

Corrêa de Mello, o botanico profundo e sabio modesto, descobre o mesmo processo que immortalisou Daguerre, e nem em nossa provincia é conhe-

cido sufficientemente esse facto digno de ser transmittido á posteridade.

Restabelecer a verdade dos factos, é prestar serviço á patria e á historia, sempre que esta, por qualquer circumstancia achar se transviada do bom caminho e tiver cahido em inexactidão.

Neste intuito deliberamos traçar as seguintes notas bibliographicas do primeiro cidadão que em S. Paulo e no Brazil, ao menos que nos conste, occupou-se publicamente com estradas de ferro.

Embora estrangeiro, esse homem nos pertence porque adoptou esta terra para si, aqui vinculou seus interesses, mais que tudo : constituiu familia e sacrificou-se até á ultima por seu progresso.

Frederico Fomm teve a sorte de todos os precursores; foi victima da caballa filha das idéas retrogradadas e egoisticas dos contemporaneos que não souberam comprehender a nova era que lhes queria dar o benemerito cidadão.

No emtanto, até hoje nem uma vez foi ainda seu nome lembrado, siquer nas festas inauguraes das diversas vias ferreas que corram o Brazil e menos ainda das numerosas estradas de ferro que percorrem esta nossa provincia, patria adoptiva do illustre cidadão.

Emquanto o simples e caprichoso acaso de ser um individuo ministro ou presidente de provincia, serve para condecorar as locomotivas com appellidos de illustres desconhecidos, não houve ainda quem se lembrasse de gravar o nome de FREDERICO FOMM ao lado de um desses portadores do progresso material dos povos e mensageiro da civilisação.

Ninguem ainda cogitou no nome de Frederico Fomm ; só os irmãos Bierrembach, illustres e benemeritos industriaes paulistas, symbolo da antiga energia e valente iniciativa deste povo, lembraram-se do seu nome e salvaram da acção destruidora

e corrosiva do tempo e dos agentes naturaes, a primeira machina a vapor trazida a S. Paulo, e introduzida no Brazil por Frederico Fomm.

Lá foram com grande dispendio e trabalho arranca-la dos mangues de Santos, e guardam esse padrão primitivo da mechanica paulista em seu importante estabelecimento industrial de Campinas: lá a conservam, mostram na ao viajante, declarando que alli a têm visto como este paiz e esta provincia, não possui um museu industrial onde deve de ser depositada aquella machina historica.

Aproveitando hoje o convite do illustrado editor do *Almanach Litterario* preciosa e interessante publicação, que de dia para dia mais consideração alcança e mais serviços presta, procuramos pagar essa gratidão dos paulistas para com esse, que tanto esforçou-se para dotar a provincia de S. Paulo com um melhoramento que a felicita, e então regeitou e que torna a hoje primeira entre todas as suas irmãs.

Frederico Fomm nasceu em Huckeswagen, na Prussia rhenana, em 1793, descendente de uma familia importante que aiada hoje tem alli representantes directos.

Concluida a educação litteraria e scientifica, que costumam receber na Allemanha todos, de certa gerarchia social, e tendo aproveitado bem o tempo que frequentou esses estudos, partiu para a Inglaterra, encetando a carreira commercial em Londres, onde esteve estabelecido pouco tempo no commercio de cereaes.

Comprehendendo, porém, que um paiz novo devia offerecer á sua intelligencia esclarecida e emprehendedora, campo mais vasto do que a cidade

de Londres, dirigiu-se para o Brazil, que acabava de entrar para o numero dos estados independentes.

Chegado ao Rio de Janeiro seguiu logo para Santos, já então porto importante, por onde se embarcava a safra de assucar de S. Paulo, como hoje é o exportador de todo o café do sul e oeste da mesma provincia.

Chegando a Santos e vendo as vantagens que se poderia colher, do commercio directo com a Europa, resolveu estabelecer-se definitivamente, n'aquella cidade, então villa de Santos. Alli casou-se; entrou para socio gerente da firma Viuva Aguiar, Filhos & C^a.

Poucos dias depois de casado, embarcou com sua esposa para Londres a bordo da barca ingleza *Forager*, que fretára para levar um carregamento de assucar.

Realizando alli a carga do *Forager*, fretou em Liverpool o brigue inglez *Ellen*, que carregou com fazendas, seccos e outros generos, e nelle regressou chegando a Santos no dia 7 de Fevereiro de 825.

Sob sua direcção intelligente, a casa teve um desenvolvimento notavel, tomando longas proporções o commercio directo entre o porto de Santos a Europa, e os Estados-Unidos.

A actividade intellectual e o genio empreendedor de Frederico Fomm não consentiam que se cingisse ás transacções materiaes do commercio atrasado e rotineiro de então.

A safra da provincia de S. Paulo constava naquelle tempo quasi exclusivamente de assucar. Pois a canna importada por Martim Affonso de Souza, cultivada em S. Vicente (1) propagou-se de um

(1) Padre Vasc. Chron. Comp. Jesus no Brazil Liv. 1^o Tom. II.

modo extraordinario pelo interior, e tornou se quasi que a unica fonte de exportação e receita dos fazendeiros paulistas, facto que continuou até pouco tempo, quando o plantio do café veio transformar nossa lavoura, cahindo quasi em abandono a primitiva cultura de canna.

Sem nos demorarmos nestas considerações, apenas lembremos que esse producto vinha transportado de Serra a Lima, como já se dizia no tempo de fr. Gaspar da Madre de Deus (1), em saccos carregados por tropas, exposto ás intemperies, chegando a Santos sempre humido e deteriorado.

Ainda vivem pessoas que viram as ruas de Santos, cheias de carros, nos quaes se expunha o assucar para seccar.

Frederico Fomm comprehendeu os inconvenientes desse processo primitivo para seccar o assucar, materia eminentemente hygroscopica, unico usado em uma localidade, então notavel pela regularidade com que a chuva banhava, quasi diariamente a atmosphera.

Para obviar esse mal, construiu o intelligente commerciante uma grande *Estufa* para beneficiar o assucar na então rua Septentrional. Esse edificio ainda é conhecido por aquella denominação, conservada pela tradição e usada por muitos, que não sabem explicar-lhe a origem.

Não estava, porém, finda a serie de melhoramentos que ia rodizin no commercio deste genero, o emprehendedor e intelligente Frederico Fomm.

As idéas economicas que hoje dominam, procurando separar o agricultor de canna, do industrial que fabrica o assucar, eram já adoptadas por

(1) Fr. G. da Madre de Deus. Mem. para a hist. da Cap. S. Vic. Liv. I.

esse cerebro bem formado, que procurava realizar na pratica essa doutrina e mostrar materialmente suas vantagens.

Não podendo montar um engenho central, procurou construir uma grande fabrica modelo de refinação.

Em local apropriado e bem escolhido para um estabelecimento desta ordem, lançou os alicerces do vasto edificio, circundado pelas habitações dos empregados.

Construiu um canal da porta da fabrica ao mar, para facilitar o embarque e de-embarque dos seus productos e dos materiaes precisos para seu trabalho e consumo.

Até hoje o sitio em que houve tão importante estabelecimento conserva o nome de «Villa Nova.»

Contractou numerosos colonos allemães e inglezes, promovendo a emigração de trabalhadores honestos e intelligentes, que em grande numero se estabeleceram em Santos.

Não souberam porém, os contemporaneos comprehender os beneficios que resultariam do bom exito dessa empreza.

Sem a coadjuvação que merecia, guerreada por invejosos, mal dirigida pelo homem a quem confiara a gerencia durante sua viagem á Europa, baqueou a refinação de Villa Nova, arrastando consigo a casa commercial de Santos, e a fortuna particular de Frederico Fomm, negociante hourado e probó.

Durante sua estada na Europa a casa commercial suspendeu os pagamentos e obrigou a volta rapida de Frederico Fomm para o Brazil, antes de concluir o contracto definitivo das grandes emprezas de navegação transatlantica e construcção de estrada de ferro.

Sendo levado a convocar os credores, leu-lhes

a exposição franca e sincera do estado da casa, apontando com criterio e verdade as causas occasionaes e imprevistas que tiham motivado os prejuizos, reduzindo-a áquelle estado.

Em tal consideração era tida a honestidade de Frederico Fomm e em tal gráo avaliavam-lhe o bom senso e lealdade, que nessa occasião os credores o nomearam, por unanimidade, depositario e liquidante da massa, como tudo consta da acta da reunião.

Deixemos agora o negociante e vejamos outra face de Frederico Fomm, ainda mais brilhante, e pela qual se torna sobre tudo digno da gratidão dos paulistas e dos brasileiros em geral.

* * *

A navegação brasileira estava ainda em seu berço e os meios de transportes maritimos eram muito incompletos, fazendo-se a cabotagem de Santos ao Rio quasi que só em lanchas, falúas e até canôas ! As viagens transatlanticas marcavam épocas memoraveis, na vida dos aventureiros que tanto ousavam.

Não havia linha regular entre Santos e porto algum da Europa ou Estados Unidos ; e de outros emporios commerciaes a navegação era toda á véla. O vapor era quasi tão fabuloso para o Brazil, como fôra utopia para o prisioneiro de Santa Helena.

As relações commerciaes mantinham-se entre o Brazil e a Europa com grandes delongas, e atravez innumerous riscos e contrariedades ; as idéas scientificas e politicas, essas só muito tarde penetravam até nós.

A' intelligencia esclarecida de Frederico Fomm

conhecedor das leis de Economia politica, não deixou de impressionar este facto.

Concebeu então o projecto grandioso de estabelecer a navegação a vapor em linha directa entre Santos e a Europa.

Munido de tão importante idéa a communicou a amigos e parentes seus, que occupavam logar proeminente na politica de então; recebendo em geral applausos e animações, embora a ignorancia procurasse demonstrar a inexequibilidade de tão brilhante empreza.

Dirigiu-se em 28 de Fevereiro de 1839 a Londres, onde contava amigos, entre os quaes o velho Rotschild, e procurou reunir os elementos necessarios para executar seu plano.

Teve diversas conferencias sobre este assumpto com Sir George Mills engenheiro da companhia «Royal Mail Steam Packet», cujos vapores navegavam então entre Southampton e as Antilhas, primeira companhia que estabeleceu uma linha de vapores entre a Europa e America do Sul.

Na City e em Liverpool encontrou apoio e tratava de estabelecer as bases definitivas do contracto quando a fatalidade obrigou-o a retirar-se repentinamente para o Brazil, d'onde cartas anonymas tinham sido dirigidas a Inglaterra com o fim de mallograr os seus esforços.

Seguiram-se depois tantas occurrencias tristes que predispuzeram-no á molestia que o arrebatou, ainda no vigôr da idade e cheio de energia, sem poder conseguir o desideratum pelo qual tanto lutára.

Se outros serviços não tivesse prestado Frederico Fomm, os esforços e trabalhos que descrevemos constituem bons titulos para merecer a consideração e estima de seus concidadãos, pois outros que têm recebido honras e galardões não lhe podem soffrer parallelo.

Não limitou, porém, o intelligente Frederico Fomm sua actividade a esse assumpto. A estrada de ferro como factor economico, com seus beneficios maravilhosos, e como principio do progresso, não podia escapar á perspicacia de Frederico Fomm, que cogitou nos meios de transplanta-la para o solo brasileiro.

Paulista de coração, tendo aqui vinculado seus mais caros affectos, comprehendeu o futuro grandioso que estava reservado a esta provincia e quiz abrevia-lo.

Planejou ligar o porto de Santos com o interior da provincia e dar assim facil e rapida sahida ás riquezas agricolas, que hoje transitam pela Companhia Inglesa, opulentando-a.

Frederico Fomm não era homem que deixasse a outrem o cuidado de realisar seus planos; uma vez concebida uma empreza com a perseverança caracteristica dos allemães, esses paulistas da Europa, só descansava quando conseguia terminá-la ou vencer-se do impossivel.

Assim pôz mãos á obra, contractou um engenheiro inglez Mr. Mornay, para explorar e levantar a planta da linha projectada.

Depois do tempo indispensavel para esse trabalho, pediu e obteve da Assembléa Provincial de 1836, para a firma Viuva Agaiar, Filhos & C.^a a necessaria concessão.

Segundo esta devia a linha ferrea partir de Santos subindo a serra do Cabatão por meio de planos inclinados e dirigir-se para o centro.

Essas plantas e orçamentos do engenheiro Mornay, foram enviados e submettidos á critica e analyse do já então celebre engenheiro George Stephenson, de Londres.

Depois de exame minucioso foi tudo approvedo por aquelle illustre especialista.

Não estava ainda completa a missão de Frederico Fomm. - Tratou de levantar capitaes e agenciar meios necessarios para a construcção ; teve, porém a sorte de todos os iniciadores de um grande melhoramento.

Os mais intelligentes e illustrados não confiavam na exequibilidade do projecto, e Thomés obstinados serviram a causa do obscurantismo, que de mãos dadas com a inveja oppunham obstaculos invenciveis á coragem civica de Frederico Fomm.

Este não abandonava sua idéa ; pediu e requereu a garantia de juros, hoje tão prodiga e loucamente concedida, pelos nossos governos a estradas impossiveis e fantasticas, e com vergonha aqui consignamos que nada conseguiu, e negou-se-lhe os mesmos favores, ou por outra, menos ainda, do que outorgou-se mais tarde ao feliz protegido que veio colher os fructos dos trabalhos e sacrificios de Frederico Fomm.

Nada tendo alcançado no Brazil, dirigiu-se a Londres em 1839, como dissemos, e estava prestes a ter solução definitiva e favoravel sobre esta importante empreza, quando soffreu os revezes de que já fallamos.

Quando falleceu, todos os papeis relativos a essa estrada de ferro de S. Paulo, com as respectivas plantas e orçamentos, foram confiados por sua viuva ao marquês de Montalegre, seu parente. Este os entregou ao visconde de Mauá seu protegido, e serviram de base aos estudos da actual via ferrea de Santos a Jundiahy, estudo que aquelle vendeu á companhia ingleza pela quantia de *quarenta mil libras esterlinas* ; como vendeu todas as concessões lucrativas, privilegios e monopolios, com que o governo do sr. d. Pedro II aprouve pagar-lhe os serviços que prestou á politica imperial no Rio da Prata.

E emquanto o nome de Mauá é injustamente lembrado, tem o tempo coberto com o pó do esquecimento, o do preclaro Frederico Fomm, o primeiro que no Brazil occupou-se com estradas de ferro; um foi o martyr, outro o feliz que viveu e gozou sob o influxo do unico sol que tudo illumina e vivifica neste desgraçado paiz.

Ahi ficam essas notas biographicas para base de escriptor mais habilitado que lhe dê condigna gloria, elevando-lhe monumento imperecível, e justa retribuição dos paulistas, áquelle que pereceu na arena do combate, pelejando em prol de seu progresso e civilisação.

* * *

Desenhada a traços largos essa individualidade, vejamo-la como cidadão e chefe de familia, pois pensamos, que intimamente ligados e se completando, as duas faces do mesmo character—a publica e a privada—não podem ser separadas; nem ha estudo inteiro sobre um homem, quando deixa se na sombra um lado da personalidade.

Intelligencia reflectida, Frederico Fomm amava a leitura dos bons livros e procurava diariamente augmentar a somma de conhecimentos que possuia preferindo sempre os estudos scientificos.

Character ativo e independente era adepto das idéas livres, quer em materia social, quer em materia religiosa; incapaz de transigir com paixões pequeninas, foi Frederico Fomm um modelo do *vir probus et bonus*.

Affectuoso para com seus numerosos amigos, entre os quaes os velhos Andradas, era de tracto ameno para com todos, gosando de consideração geral protegia a muitas familias desvalidas, exercendo a philantropia segundo o modo racional.

Casou-se em 8 de Abril de 1821 com a exma. sra. d. Barbara da Costa Aguiar, filha legitima do tenente coronel João Xavier da Costa Aguiar e d. Anna Paes de Barros, pertencente a uma das familias mais importantes e notaveis da provincia de S. Paulo.

Dedicado em extremo a s seus, era de delicadeza excessiva na convivencia intima, tendo educado com o maior cuidado seus dois filhos. Foram esses, a exma. sra. d. Eliza Carolina Fomm, que casou em Santos com o contra almirante inglez sir Stephen S. Lowther Crofton, então capitão-tenente commandante do *Riflemann*, e já um dos mais distinctos officiaes da marinha briannica. Outro o sr. Augusto Fomm, que não podendo seguir a carreira scientifica para a qual o chamavam sua intelligencia e aptidões, tem sabido honrar o nome que herdou, e por mais de um titulo tem merecido a consideração e estima de seus patricios e do paiz, por serviços eguaes, ao que prestou como vulgarizador dos *caminhos de ferro de bitola estreita do systema Fairlie*, tendo por esse facto recebido agradecimentos e elogios daquelle eminente engenheiro.

Vendo-se reduzido á impossibilidade de realisar seus projectos, Frederico Fomm retraiu-se para a vida intima, e cheio de dissabores falleceu em Santos a 15 de Setembro de 1847.

Aqui finda a nossa missão ; possam essas pallidas paginas chamar a attenção dos paulistas sobre seus serviços, e que em época breve paguem-lhe publico e solemne testemunho de gratidão e justiça.

Guaratinguetá—Julho de 1879.

DR. A. C. DE MIRANDA AZEVEDO.

Duas poesias

Meu caro Lisboa.—Na impossibilidade de mandar-lhe um escripto meu para o seu *Almanach Literario*, envio-lhe para occupar as paginas que offereceu-me, duas poesias ineditas, producção do meu infeliz collega Antonio Rodrigues Guimarães Junior, de quem dei uma ligeira noticia no *Almanach* de 1877.

Os competentes que julguem do merecimento desses versos.

A data da poesia—*A' Italia*—esclarece e justifica as apreciações do poeta. Essa poesia é contemporanea da que fez Felix da Cunha—*A Garibaldi*.—Esta foi logo publicada e reproduzida em muitos jornaes da época; aquella, guardada como reliquia preciosa por amigos do poeta, só agora vae ser publicada.

Piracicaba, Agosto de 1879.

PRUDENTE DE MORAES.

O PASSADO

Oh ! como é triste n'essas horas mortas
Lembrar os tempos que jámais voltam ;
E' como o écho de sombrios cantos,
Que aves da noite lá no bosque entoam.

N'esses instantes de solemne encanto
Cobre noss'alma denegrado véu,
Sonha outra vida que passou depressa,
Chóra outro tempo, que tambem foi seu.

E' o presente—o vaguear incerto
Da vid'humana na escabrosa estrada,
Nosso futuro—esse cachôpo horrivel
Onde se quebra uma illusão sonhada !

Mas, como a virgem, o passado é bello
Que nossa mente arrebatada cria,
Triste, qual nota de choroso canto.
Placido e mudo—como a campa fria.

Quando em Palmyra o viajor procura
Um monumento nos desertos campos,
Vae no silencio das ruinas mudas
Beber lembranças dos passados tempos.

Ah ! s'eu pudesse inda uma vez na vida
Tornar ao tempo que já foi deixado,
Eu cederia meu futuro inteiro
E voltaria aos dias do passado.

E como a vida é o volver dos tempos,
Chóro o que jaz no eternal azigo ;
Mas, meus segredos e ventura ao menos,
Oh ! meu passado, morrerão comtigo !

Oh ! como é triste n'es-as horas mortas
Lembrar os tempos que jamais voltam :
E' como o écho de sombrios cantos,
Que aves da noite lá no bosque entoam !

S. Paulo, Setembro de 1860.

A. R. GUIMARÃES JUNIOR.

A' ITALIA

Essa Italia gloriosa
Dos tempos que já lá vão,
Hoje é tumba de seus filhos
Por quem bate o coração ;
Nessas plagas florescentes
Muitos feitos de valentes
Sepultou a liberdade :
Mas, esses nomes queridos,
Pelos irmãos esquecidos,
Vingou—a posteridade.

No quente solo africano
Foi sepultar-se Catão,
Foi morrer longe da patria
P'ra não ver a escravidão ;
De Philippe na batalha,
D'homem livre na mortalha,
Bruto vôa á eternidade ;
Na pyra do condemnado
Savanarola é queimado
Por amor da liberdade !

Grilhões de bronze roxeam
Teus pulsos, terra infeliz,
Tua sorte é ser captiva,
O destino assim o quiz ;
No livro da desventura,
Nessas linhas d'amargura,
Tu só lêes—escravidão ;
Expulsando a liberdade,
Matastes a lealdade
Dos filhos do coração !

Mas, não—a causa tão santa
Não póde ser esquecida,

A liberdade nos peitos
Só se acaba com a vida ;
Orsini lança seu brado,
Que vae morrer despresado
Nas turvas aguas do Tibre,
Com liberdade sonhou,
No cadafalso acordou
Ao dizer — Patria, estás livre.

Esse grito que abafou
Do carrasco o duro ferro,
Não ficou, como os d'outr'ora,
Sepultado no desterro ;
Nas planicies de Magenta,
Nessa batalha cruenta,
O seu écho inda se ouviu ;
Hoje mesmo inda, ó Italia,
Nas campinas da Sicilia,
Garibaldi o repetiu!

Eia, Italia, desgraçada,
Não trepides na carreira,
Levam teus filhos valentes
Da liberdade a bandeira ;
Esse sangue derramado,
Outr'ora tão mal fadado,
Inda não, não se acabou,
E, se Orsini desgraçado
Vês morrer decapitado,
Garibaldi — inda ficou !

S. Paulo, Julho de 1860.

A. R. GUIMARÃES JUNIOR.

A **THESSOURA DE PARIZ** **ALFAIATARIA**

DE

José Maria Dias da Cunha

A

32---Rua da Imperatriz---32

Ha nesta alfaiataria um completo sortimento de fazendas de primeira qualidade como sejam—pannos finos, casimiras pretas e de côres, diagonaes, brim branco e de côres. Apromptam--e costumes em 24 horas com toda a perfeição e trabalho garantido.

SÃO PAULO

32--Rua da Imperatriz--32

Canto de Anchieta

... D'un cœur qui l'aime
Mon Dieu qui peut troubler la paix.

RACINE.

Do mar agitado as vagas irosas
Em fragil esquife ousado sulquei,
E aqui nestes ermos, em teras estranhas,
Sertões e montanhas a sós perlustrei.

Por invias veredas de espinhos juncadas,
Nas mãos o Evangelho, sósinho trilhei ;
E aos póvos selvagens que erravam nas matas,
Ao som das cascatas de Deus eu fallei.

Nos seixos, nas urzes as plantas rasgando,
Dos rios gigantes as ondas domei ;
No serro e no valle a onça cruenta,
De sangue sedenta sem medo affrontei.

Nos bosques umbrosos de altivas palmeiras
Mil tribus guerreiras adoram Tupá,
E em festas horriveis dão trega homenagem
De um culto selvagem ao féro Anhangá.

Além, sob os leques de esveltos coqueiros
Vencidos guerreiros seus hymnos espalham,
E, quando expirantes, as velhas atrozes,
Sanhudas, ferozes, seus membros retalham !

Ao som das *marócas*, de em torno ás fogueiras
Amantes faceiras, alegres folgavam,—
Emquanto nas brazas as velhas cruentas
As carnes sangrentas, assando, cantavam !

As carnes chiavam em vivos brazeiros,
E os monstros guerreiros, cantando, sorriam ;
Depois nos agudos, alvissimos dentes,
Trincando-as contentes, famintos comiam !

De sangue manchados os labios flammantes,
Das ternas amantes as faces beijavam ;
E em beijos de fogo no labio fremente
No sangue inda quente impresso deixavam !

Da guerra affrontando a morte, os perigos,
Nos craneos inimigos quaes taças bebiam ;
E, os nomes dos mortos com gosto lembrando,
Seus feitos louvando, sorrindo diziam !

II

Entre os filhos da selva e a nossa gente
A guerra ardente, pertinaz fervia :
Nobrega e eu tentamos pôr-lhe termo,
Rompendo o ermo que entre nós se abria.

Lá fiquei de refem entre os selvagens,
Nessas paragens que deixei gemendo...
Que noites que velei ! que lucta ingente
Minha alma ardente fez vergar, tremendo !

Findo o repasto, lá percorre o vinho ;
De nóz de pinho brilham cem fogueiras ;
A voz da solidão perpassa os mares,
Brincam nos ares virações fagueiras.

Por entre sombras—sombras fluctuantes,
Vagas, errantes, quaes espectros voam ;
Eis surge a lua, lá começa a festa,
Eis na floresta brados mil resoam !

Que festas ! que brincos ! que gestos que fallam !
Que beijos que estalam ! que loucos ardores !
E os corpos unidos... unidos os braços
Em ternos abraços ! Que sceua de amores !...

O chefe da tribu a filha donzella
Me trás (como é bella !) e diz-me « Abaré,
Potyra, das virgens rainha formosa,
Mais bella que a rosa, mais casta aqui é !

Mancebos valentes na caca e na guerra,
Prostrados por terra lhe juram sua fé :
Mas ei-l'a ainda virgem ; e tu, sem receio,
Fecunda-lhe o seio ; é tua, Abaré !

III

Ouvindo taes fallas,
Meus olhos fechei :
Depois na morena
Ardente os fitei...

IV

Airosa como a palmeira
Meiga virgem brazileira,
Ei-l'a de frente, de pé...
Oh ! Potyra, como és bella,
Como és candida e singella
Ante os olhos do Abaré !

Nem nas serras de além-mares,
Nem nesses verdes palmares,
Nunca igual belleza eu vi !
Da solidão era a fada
De mil encantos ornada,
Que em deliquios entrevi...

Com seus cabellos divinos,
Com seus labios coralinos,
Com seu delicado pé,
Com sua estreita cintura
Era um primor de esculptura,
Era um céu de formosura
Qual jámais viu o Abaré !

Seios nús e palpitantes,
Olhos negros, flammejantes,
Quem os viu como o Abaré ?
Além tripudios da festa,
Aqui o anjo da floresta
Triste, meigo está de pé !

Que vertigem deslumbrante,
Que nuvens além passaram,
Quando os olhos de Pctyra
Nos meus olhos se cravaram...

Que chispas ! que céu ! que inferno !
Morena, em teus olhos vi !
Por elles o Deus de Anchieta,
A terra, o céu esqueci !...

V

Molla de aço me impellira,
Mãos convulsas estendi...
Mas, ao contacto da virgem,
Prostrado em terra cahi !

VI

Cahi, meu Deus, mas ergui-me ;
Só minha alma é que peccára...
O corpo não, que outra virgem
Pura e santa me amparára.

VII

Por invias veredas de espinhos juncadas
Nas mãos o Evangelho, sósinho trilhei :
E aos póvos incultos, que erravam nas matas,
Ao som das cascatas de Deus eu fallei !

VIII

Bemdigo-te, meu Deus, que me trouxeste
A' terra, cujo céu é puro anil,
Para plantar a cruz do teu Calvario
Entre as *tabas* selvagens do Brazil !

BARÃO DE PIRATININGA.

Ingenuos da lei de 28 de Setembro na comarca de S. Sebastião

Desde a data da lei até 18 de Abril deste anno,
nasceram, nos tres municipios de S. Sebastião, Vil-
la Bella e Caraguatatuba, 401 filhos livres de mu-
lheres escravas, dos quaes existem 185 ; vê-se que
a mortalidade foi de mais de metade dos nascimen-
tos.

Entomolithas

Em alguns museus, não ha muitos annos, eram consideradas varias incrustações objectos bem differentes do que realmente são.

Não é facil acertar com os motivos de semelhante engano, se por ventura tambem é possivel a sciencia enganar-se.

Indifferença ou ignorancia da existencia de taes objectos nunca poderia dar-se, porque a isso sempre oppôz-se a intelligencia e actividade dos individuos encarregados de zelar por tudo quanto póde auxiliar o progresso da sciencia e a instrucção de povo.

Instruir o povo, pois outro não é o destino dos museus que constituem, quando bem dirigidos, escolas as mais proficuas tanto para o rico como para o pobre, tanto para o simples operario como para o homem scientifico.

Alem destas vantagens existe uma complexidade de elementos qual delles mais aproveitavel, não só ao desenvolvimento do espirito como ao auxilio de immensos e variados interesses.

Em outra occasião occupar-nos-hemos exclusivamente deste assumpto. Por agora limitemo-nos a resumir a descripção das entomolithas.

* * *

São incrustações e não simples petrificações como antigamente eram classificadas.

Em S. Paulo encontram-se nos terrenos em que predomina a argilla plastica e nas primeiras camadas dos terrenos carboniferos; nos de alluvião raras vezes, aonde creio que só accidentalmente apparecem.

A pedra em que se observam é sempre de natureza marnosa, porém as mais abundantes entomolithas figuram no marne calcareo argilloso; o qual, como fica subentendido é composto, em sua maior parte, de calcareo e argilla.

Outros materiaes mineraes tambem entram na composição de outros marnes.

São muitissimo curiosas as figuras caprichosas muitas vezes phantasticas, formadas pelos vermes em incrustações.

Algumas apresentam com rigorosa exactidão, um ou mais caracteres de differentes alphabetos, conseguindo varios geologos-palaentologicos destacar letras perfectas e com ellas designar um objecto ou compôr uma idéa qualquer.

Na provincia de S. Paulo, principalmente no sul, encontram-se estas incrustações formadas por insectos, os quaes, conforme a zona, variam de ordens e especies, sendo os menos vulgares os *julus lucifugos* da ordem dos *myriapodes* e da familia dos *chilognates*.

As entomolithas, porém, mais conhecidas e perfectas, segundo a opinião de geologos e naturalistas de grande nomeada, são formadas pelos *annelides chétopodes* ou *cetigeros*, da familia dos *lumbricus*.

Estes é que formaram as incrustações que se observam nas presentes photographias. (1)

(1) Não nos foi possivel reproduzir aqui as photographias alludidas, entretanto ficam em nosso poder á disposição do leitor curioso.

Encontramo-las nas proximidades do Guary, seis leguas ao norte de Itapetininga.

E' necessario todo o cuidado para não confundir as entomolithas com os helmintholitos, cuja formação tem origem nos troncos e raizes das lycopodeaceas e de outras plantas fossilisadas, as quaes apresentam incrustações mais ou menos com a mesma configuração e em marnes eguaes.

O longo estudo e a pratica do microscopio são os unicos que distinguem a differença em caso de duvidas.

A' vista, pois, da descripção, embora incompletissima que acabamos de fazer, justificaremos as seguintes supposições.

Seriam d'antes estas incrustações consideradas fragmentos de inscripções antiquissimas, ou hieroglíficos até hoje indecifráveis? Creio que não, visto que então taes objectos mereceriam ainda, com maior empenho, a analyse das sciencias. A historia faria suas reclamações.

Hoje as entomolithas, para quem as estuda com afinco, são classificadas por outra fórmula, procuradas sempre com soffreguidão e encontradas com enthusiasmo, ainda que infelizmente figurem em alguns logares como simples amostras de mineralogia.

No nosso humilde pensar, julgamos que puramente encaradas debaixo do ponto de vista scientifico, pertencem ao numero dos mais bellos representantes da geologia moderna.

S. Paulo—Agosto de 1879.

A. PEÇANHA.

O retrato do homem de honra e verdadeiro sabio ⁽¹⁾

O sabio e homem honrado põe a sua felicidade em temer a Deus, e em lhe ser fiel; olha o peccado como o maior dos males e quizera antes perder tudo que commette-lo.

Falla sempre com o maior respeito de Deus, da religião, das cousas santas, e dos maiores: nem murmura delles, nem o consente fazer, se póde. Não se envergonha de ser devoto, nem de o parecer; mas evita exteriores, que fariam ridicularisar sua piedade.

Nem um interesse é capaz de o fazer mentir, e faltar á verdade; mas não jura para lhe darem credito; porque o seu caracter jura por elle: e sabe guardar segredo a tempo, e sem mentir jamais.

E' tão fiel a sua palavra como prudente em a dar. Observa o que tem promettido, sem aggravar a consciencia e faltar á lei.

(*) O presente artigo foi-nos obsequiosamente offerecido pelo nosso distincto collaborador sr. Tristão Marianno da Costa, de Ytú. Diz-nos esse cavalheiro que conserva o autographo em seu poder, como lembrança e respeito que deve ao padre Feijó, amigo de seu pae, o cirurgião-mór Francisco Marianno da Costa, a quem o auctor presenteára com tal trabalho.

Attendendo á extensão do escripto deliberamos seguir a orthographia do «Almanach», afastando-nos nesse ponto do original.

Está sempre prompto para servir a todos, quando póde.

E' docil e affavel até com os pequenos : nunca mostra desigualdade de humor e de genio, que o faça odioso e insupportavel : tem sempre um rosto sereno, e esta amavel alegria, companheira da innocencia e da bondade de coração ; naturalmente é civil e politico com todos e se contrafaz para não molestar a alguém.

Não despoja e vexa cruelmente o pobre ainda que este lhe deva, quer antes experimentar as infelicidades, do que fazer alguém infeliz ; nem tambem conserva na mão o salario do artifice e trabalhador.

O homem de honra cumpre fielmente com as obrigações de pae, de esposo e de amo : seus domesticos se julgam felizes em o servir ; porque elle os trata mais como filhos do que como servos ; seu imperio é o da doçura e do amor. Honra com o maior respeito aos que lhe deram a vida, e a sua mesma velhice lhe augmenta o cuidado e o amor ; debaixo de qualquer exterior que os veja, suas pessoas lhe são sempre veneraveis.

Agradecido ao bem que se lhe faz, corresponde, quando póde, egualmente, e até com maior liberalidade, mas sem mostrar que não quer ficar em obrigação.

E' generoso, humano, benefico ; gosta de fazer o que póde attrair aos outros, sem comtudo pensar nisso nem o desejar.

Elle nem se admira nem se desanima quando lhe pagam com ingratidões os beneficios, porque os não faz só por amor dos homens, mas para agradar e imitar ao soberano bemfeitor.

Seu gosto é fazer bem, antes que lho peçam, e quando não póde se desculpa em termos tão sinceros e cortezes, que obriga e encanta ; e jamais se

jacta do beneficio que faz ; nem se esquece dos que lhe fazem.

Estima emprestar sem algumas outras precauções do que aquellas que dicta a prudencia ; e faz aos outros o mesmo, que em eguaes circumstancias, quereria lhe fizessem, sem esperar interesse ou recompensa, senão daquelle que declara — que todo o que emprestar gratuitamente ao seu irmão na necessidade, empresta a elle, e não sem lucro (Luca 6) e olharia como um ganho sordido e vergonhoso o que grangeasse desse modo, se ao menos não soffresse ou temesse alguma perda.

Não tem inveja da fortuna dos outros ; falla bem até dos seus mesmos emulos ; não procura escurecer o esplendor que os cerca ; é o primeiro em lhes fazer justica ; nunca se presume mais digno do que elles ; só faz á sua gloria uma louvavel emulação, e anciosos desejos de praticar melhor o que os outros praticam bem.

Elle guarda sem trabalho os segredos dos outros e encerra com egual descreição o que a imprudencia ou a liberdade da conversação lhe declara, sem lhe escapar palavra que o faça mesmo suspeitar.

E' prudente em seus discursos, e em suas acções nem se mostra violentado, nem muito livre ; quer antes parecer timido que atrevido. A ninguem condemna, se póde, sem o ouvir particularmente no que pertence á honra do proximo.

O homem honrado se applica a saber e a estudar a religião ; mas não rejei a o que a razão não póde comprehender, antes submete suas fracas luzes á auctoridade de Deus, que não póde enganarnos.

Faz bem aos pobres, mais em vida que depois de morto, porque seu merecimento é muito maior :

e se empenha em alliviar a humanidade abatida, conforme as suas posses.

Gosta de conservar boa reputação; pois aquelle que não a estima transgride a lei do Espirito Santo e se faz digno de desprezo; e olha com horror os duelistas, que por um falso ponto de honra, por materias, algumas vezes, bem frivolas, respiram a mais barbara vingança.

O sabio é recto, sincero, e nada presa tanto como ser virtuoso: elle não se entrega á vingança; antes põe a sua gloria em *dominar* seus movimentos, vencer-se a si mesmo, e perdoar as offensas, os termos impolíticos, os ditos picantes e injuriosos com que o ferem; persuadido que os insultos e ultrajes recaem sobre o seu auctor, e só a elle des-horam. A sua vingança é dar bem por mal e obri-gar a seus inimigos, quando apesar seu os tem, a que o amem, não se vingando delles senão com benefícios.

O sabio não falla muito, porque os grandes falladores são olhados como insensatos e loucos. Sabe na conversação fallar e ouvir; ou para melhor dizer, ouve mais do que falla; sem cair comtudo em extremos viciosos. Instruido pela sua experiencia e pela dos outros, que é no fallar que se commettem maiores faltas, pensa muito no que diz, e tem cuidado em não dizer alguma coisa que possa offender a Deus, ou aos homens, e prejudicar aos outros ou a si.

Evita as disputas, que não são necessarias, porque a caridade perde nellas mais do que ganha a verdade. Sabe accommodar-se a todos os espiritos e a todos os genios, quando a decencia e a sabedoria o permitem; e se porta de modo que a ninguem desagrade, julgando favoravelmente dos outros, escusando suas fraquezas e não envenenando suas virtudes. Comtudo não confia imprudentemen-

te em todo o genero de pessoas ; encerra em si mesmo o que lhe importa ter occulto, e não diz senão o que quer que se saiba ; nem procura metter-se nos negocios alheios, nem communica os seus ; patentea o rosto e fecha os labios e o coração, porque a lingua indiscreta arruina os mais sabios projectos.

O sabio não é soberbo, por mais nobre e rico que seja ; persuadido de que o merecimento nada tem, que se lhe assemelhe menos do que a altivez e orgulho. Sabe, quando é preciso, conservar os direitos de sua ordem e dignidade, mas sem soberba.

Jamais se jacta do seu nascimento ou riqueza; mostra-se superior a estas vantagens, esquecendo-as.

Não louva seus talentos e qualidades, é o unico que os ignora. Por mais alto que seja o ponto de gloria onde sóbe a vaidade não se assenta ahi com elle ; conserva no meio dos beneficios da fortuna a simplicidade dos costumes e a affabilidade do genio.

Elle encontra em sua virtude e religião remedio para todos os contratemplos, que lhe succedem, e triumphá delles pelo seu valor, sem a ridicula insensibilidade dos falsos sabios do paganismo. As desgraças e as enfermidades o abalam mas não o abatem ; affligem-no, porém não o perturbam. A mesma injustiça dos homens a seu respeito não o surprehende, porque já a esperava e vivia tranquillo. O testemunho da sua consciencia o consola. Sente ter inimigos, mas não perde porisso assás nem enfada os mais com a narrativa de suas dôres e desgraças ; e se não póde deixar de sentir seus males ao menos foge de os fazer sentir aos outros.

O sabio soffre com paciencia o mau genio e defeitos das pessoas com quem trata, e procura não precisar de egual indulgencia ; nada lhe parece

mais ridiculo do que intentar reduzir todo o mundo á sua vontade, e não querer sujeitar-se á de nem um.

O infeliz, e principalmente seus amigos e parentes, acham sempre allivio na bondade de seu coração, remedio em sua beneficencia, e poderoso arrimo em seu credito.

Occupa-se mais em se emendar das suas faltas do que em emendar as dos outros; e quando se vê obrigado a reprehender ou castigar, o faz com brandura e com bondade.

Os defeitos dos homens lhe inspiram mais compaixão e ternura do que aversão e aspereza, porisso não é arrebatado e cruel a respeito dos que deve reprehender; não usa jamais destas admoestações picantes e duras, que só servem ordinariamente de azedar os culpados, desespera-los e enche-los de odio e de aversão.

Emprega firmeza quando se faz precisa e nunca colera.

Elogia aos outros de boa vontade, mas não é prodigo nos louvores. Crê dever ao merecimento e á virtude unicamente este justo tributo, que é tão puro como o seu coração.

Envergonha-se egualmente de receber elogios que não merece. Ainda que a verdade seja menos agradavel que a lisonja, estima ouvi-la da parte dos seus mesmos inimigos; honra a virtude debaixo dos mais vis exteriores; estima todo o homem virtuoso em qualquer estado e situação em que o veja e unicamente aborrece o vicio.

As graças que lhe dizem não o irritam, porque tem a alma grande e lança tudo á boa parte. Não se afflige sem proposito; nem dá falsas interpretações a palavras e discursos, que pódem não lhe pertencer. As mesmas graças picantes e offensivas

dissimula com prudencia, ou as repulsa com presteza.

Foge das amizades perigosas que poderiam corromper seu coração, e perverter seu espirito; e quanto mais agradável é a companhia de certas pessoas sem religião e bons costumes, tanto mais a teme.

Conhece que nos acostumamos facilmente a gostar e adoptar os sentimentos ainda mais desprezíveis das pessoas que amamos, e adverte que os poms podres communicam depressa sua corrupção aos bons.

Egualmente evita a communicação dos pedantes e tolos, pelo temor de se impacientar, e porque são oppostos ao seu character serio e modesto.

E' prudente na escolha de seus amigos e procura mais te-los bons do que muitos, persuadido que um amigo fiel é das cousas mais raras no mundo. A ninguem dá sua amizade, senão depois de o ter longo tempo experimentado, porque os quer para sempre.

Custa-lhe tomar amigos e ainda mais deixa-los; porém não os quer senão virtuosos e honrados.

O sabio renuncia gostosamente a toda a communicação que não póde conservar sem crime, e prefere quasi sempre a sociedade dos seus eguaes ás pessoas muito acima ou abaixo de sua condição.

Jámais profere cousa alguma que offenda a reputação do proximo. Sabe que as murmurações fazem de ordinario chagas profundas, e sabe tambem que é por maldade e imprudencia de nossa lingua que adquirimos os maiores inimigos. Elle diz com prazer todo o bem que conhece nos outros e cala o mal quando não tem justas razões de o descobrir. Fallando dos vicios e defeitos, não nomeia as pessoas enquanto ellas mesmas não têm renunciado publicamente á sua reputação e honra.

Gosta de dizer bem de seus mesmos inimigos, e até de ouvir. Applauda os elogios que se dão aos ausentes, principalmente quando o seu silencio póde ser olhado como uma tacita maledicencia. Não sómente foge de murmurar, mas nem o consente em sua presença

Na sociedade algumas vezes graceja para divertir a conversação, mas sem offender a alguém; todos riem com elle, e nem um se entristece. Não se assemelha aos indiscretos, que querem antes perder um amigo que uma boa lembrança.

O sabio nada emenda sem consultar com pessoas discretas e prudentes. Toma conselho com seus amigos, porque não confia em si; porém tem grande cuidado em discernir o amigo do lisongeiro, que o póde enganar e precipitar.

Consulta de melhor vontade do que aconselha e deixa que as pessoas, que não estão a seu cargo obrem segundo as proprias idéas, quando a necessidade ou a caridade não o obriga a propor-lhes as suas.

Não se mette em demandas facilmente sem consultar as pessoas mais habéis, porque muitas vezes principiam bem e acabam mal; mas sem mostrar que as teme, faz tudo quanto póde para as evitar, persuadido que diminue os peccados a composição das demandas. Não é mexeriqueiro, nem vae com palavras inconsideradas perturbar o socego das familias e desunir os amigos; antes o seu gosto é procurar-lhes a paz e a concordia.

Elle não é desconfiado, mas acautela-se de todos, principalmente dos que conhece, e até com os mesmos amigos tem uma prudente reserva, emquanto por longas experiencias não conhece serem dignos de toda a sua confiança. Comtudo desconfia ainda mais de si mesmo e de seu proprio coração,

que está sempre disposto a entrega-lo e a deixar-se vencer de enganosos objectos.

Teme as formidaveis sétas do amor e foge para mais seguramente triumphar dellas, invocando os soccorros do céu, que lhe são necessarios contra um inimigo, tantas vezes vencedor de nossa razão, quando confia unicamente em si.

Evita todas as occasiões perigosas e vigia sempre sobre os sentidos, que lhe não dêem entrada.

Foge egualmente do vinho, porque tem quasi sempre por companhia a sensibilidade, e porque de ordinario não nos deixa até á sepultura e nos atrahê o desprezo de todos.

Algumas vezes joga, mais por condescendencia que por gosto; e nunca sacrifica á paixão do jogo o seu tempo, os seus bens e a sua virtude.

Prohibe-se severamente de todos os jogos de fortuna. O ganho e a perda o acham sempre com o mesmo rosto alegre.

E' moderado em seu trabalho e em seu somno. Evita o excesso dos manjares, porque o uso immoderado ainda dos mais saudaveis os faz nocivos e venenosos.

Obrigado a comer para se alimentar não o faz para del-itar-se, mas para reparar suas forcas e para cumprir melhor as suas obrigações. A dignidade de seus motivos justifica a sua accão.

Em todo o tempo de sua vida procura estar sempre egualmente apartado de uma louca prodigalidade, e de uma infame avareza, porque a virtude acaba onde o excesso principia. Liberal por genio e economico por justo, poupa seu dinheiro em um dia para servir-se delle a proposito em outro; persuadido que o dinheiro é um bom servo e muito máu senhor: e ainda que se trate com parcimonia ordinariamente é generoso nas occasiões e sabe gasta-lo quando é preciso. Sua mesa é simples

e frugal, e os banquetes e jantares que dá são sempre regulados pelas suas posses e pelas circumstancias e qualidade dos hospedes e convidados, e nunca põe a sua gloria em arruinar-se com elles.

O sabio é avarento do tempo, de que conhece todo o peso; não dá nem um só instante a cousas inuteis e frivolas; sempre está occupado porque o maior encommo para elle é não ter que fazer e reputa por um homem digno de compaixão o que não se applica a alguma cousa solida.

A tristeza foge d'elle, porque enchendo toda a sua vida de uma continua serie de occupaões virtuosas, fórma dellas uma cadêa de verdadeiros prazeres. Considera o trabalho como o amigo dos homens, como o seu consolador, como uma cousa que lhes é summamente precisa, e assim o ama e o abraça.

Quer antes ordinariamente conversar consigo mesmo do que com os outros, convencido de que nunca estamos mais bem acompanhados senão quando estamos sós.

Sua sabedoria nem é sombria nem feróz, mas alegre e amavel: não rejeita os prazeres e divertimentos innocentes, e bem regulados; mas os toma como honesto recreio e descanso, ou como um remedio concedido pela natureza á nossa fraqueza e sempre depois de haver cumprido com as obrigações do seu estado.

Applicado invariavelmente ao seu dever, vive contente quando o tem cumprido: sua alma descansa no testemunho interior de uma consciencia pura e goza do maior contentamento quando nada sente nella, que possa reprehender-se. Prefere as suas obrigações a tudo.

Amendo sempre o auctor da natureza, e louvando-o egualmente, qualquer que seja a sua fortuna, tem esta manifestação de desejos, que é a he-

ranca do homem virtuoso, e a mais pura fonte de felicidade que podemos gosar sobre a terra. Contento com o que possui, não troca sua preciosa mediocridade por todo o brilhante fausto da opulencia.

O sabio não aspira nem procura as dignidades, não chega a ellas senão quando é chamado pela auctoridade, conduzido pelos talentos e collocado pelo nascimento.

Quer antes fugir das grandezas, que busca-las; teme mais os escolhos que nellas se encontram, do que se agrada do esplendor que as acompanha. Não deseja adquirir grandes riquezas, mas não as lança fóra, porque podem servir-nos empregando-as bem.

Desta sorte discorre o sabio, elevando seus pensamentos e idéas até o throno do mesmo Deus, lhe pede alguns raios dessa suprema sabedoria com que governa o universo, afim de que possa conduzir-se com prudencia no meio dos charcos e trevas deste mundo, e chegar felizmente ao porto da immortal felicidade.

Eis aqui o retrato do homem de honra e verdadeiro sabio : imitae-o se quereis ser felizes.

PADRE DIOGO ANTONIO FELJÓ.

Trovas populares

Eu vi teu rosto na arêa,
Sentei-me, puz me a chorar,
O que não será teu corpo
Se o teu rosto faz penar.

Pedras do sino

Existem na ilha de S. Sebastião, municipio de Villa Bella, nesta provincia, umas pedras de grandes dimensões, que são muito curiosas pelo perfeito som de sino, que produzem quando tocadas com uma pequena pedra ou qualquer outro corpo rijo.

Estas pedras sonóras se encontram na praia e algumas dentro do mar que a banha, mas agglomeradas em um só sitio.

A sonoridade reside nas extremidades e saliencias superiores das ditas pedras, sendo tanto mais forte o som quanto menos grossa a saliencia ou ponta das pedras que o produzem.

Esse som, que imita perfeitamente o de um grande sino de boa voz, póde ser ouvido a grande distancia.

Tocadas as pedras com uma itaúna (pequena pedra roliça) dão melhor som do que quando o são com um martello, por exemplo.

A singularidade desse phenomeno fez dar-se ao sitio, em que se acham as mencionadas pedras, que fica entre o pequeno bairro da—Praia do Pinto—e o não menos pequeno mas pittoresco bairro do—Vianna—a denominação de—Pedras do sino—, porque é conhecido na ilha, que não deixa de encerrar em seu seio muitas outras curiosidades, infelizmente ignoradas pelos proprios habitantes.

Amorosa

(PARA SER POSTA EM MUSICA)

Vem ! que já voltando vejo
As andorinhas do exílio...
Ha em cada raio—um beijo,
E em cada sombra—um idyllo...
Que mais nosso amor espera ?
Tudo nos convida... vem !
Noiva minha, a primavera
E' um noivado tambem.

Tu verás, por onde fôres,
Que longo extasi innocente !
Cada voz declara amôres,
Cada silencio consente...
O céu azul abencôa...
Os labios teus dizem « sim »...
Como a natureza é bôa !
Como és bôa para mim !

A fronte é lyra em que trago
Mil harmonias divinas,
Que esperam sómente o afago
De tuas mãos pequeninas...
Brotam raios de poesia
De teus dedos a roçar,
Como as flôres de ardentia
Que os remos abrem no mar.

Olha ! o meu destino invade
Noite negra que apavora...
Abre nesta escuridade
Teus olhos cheios de aurora...
A' doce luz de alvorada,
Que nasce de um olhar teu,
Vê minh'alma deslumbrada
Todo o caminho do céu !

1878.

LUCIO DE MENDONÇA.

Jogo interessante

Este jogo inglez tem muita voga nos salões da aristocracia britannica :

Ha uma colleção de jornaes illustrados que fornecem retratos das celebidades da actualidade. Cortam-se estes retratos, collocam-se separadamente em um cartão. Quando estão seccos dá-se-lhes um colorido segundo a phantasia de cada um. Deixam-se seccar de novo, depois divide-se cada retrato em tres partes, separando-se a cabeça e as pernas do resto do corpo e numeram-se estas partes para se poder reunir á vontade os bocados respectivos de cada retrato.

Terminada esta operação, lançam-se sobre a mesa os troncos, as pernas e as cabeças, tratando-se de formar figuras grotescas, exquisitas, inverosímeis, coroados por exemplo o busto de um official general com uma coifa, collocando por cima do corpo de um elegante a physionomia com oculos de algum homem de estado.

Varia-se infinitamente e os effeitos burlescos produzem taes combinações que a gargalhada sahe expontanea, em presença das apparições, por vezes sem nexos, outras chistosissimas.

Na espera

Ardente o sol está.

Do ribeirão á beira,
O caçador se achega ao pé d'uma figueira
Annosa e colossal
E enquanto livremente o seu cavallo pasta,
Sôlta a brida por sobre a rélva molle e basta
Do chão do matagal.
Além do ribeirão, da caça pela trilha,
Vae resoando o latir da sofrega matilha.

Em torno é tudo mudo ; apenas o zumbido
D'algum fragil insecto a unir-se da torrente
Ao murmurio dolente ;
Ou talvez o rumôr d'um passaro escondido,
Que na frança mais alta
O vento sobresalta.

E em quanto em tal silencio, o moço a caça aguarda,
Examina de novo o fecho da espingarda.

De repente, porém, resôa com mais força
O latir da matilha ;
Eis que surge na trilha
Assustada e saltando a mais formosa corça !

O caçador levanta a arma fulminante,
Olha e aponta afinal :
Mas ella sem o vêr incauta e trepidante
Procura o ribeirão
—Miseró animal !

Neste instante retumba atroz detonação !

A corça cae ferida e exhausta de cauceira,
—Os cães e o caçador accodem na carreira.

Entre-Rios—Junho de 1879.

H. DE CAMARGO.

Receita para conservar viçosas as flores

Feito o ramo orvalha-se levemente com agua e colloca-se n'uma jarra que contenha agua de sabão, a qual avigora os talos e conserva as flores como cortadas recentemente da planta. Todas as manhãs deve seccar-se do ramo a agua do sabão e volta-lo com as flores para baixo por espaço de alguns minutos. Depois orvalha-se de novo com agua fresca e põe-se outra vez na de sabão, a qual deve ser renovada de tres em tres dias.

Com este processo pôde conservar-se um ramo de flores fresco e bonito como no primeiro dia por espaço de um mez ou talvez mais.

A lei dos tres estados

Sob este nome é conhecida na sciencia a lei da evolução intellectual da humanidade, presentida por Turgot e definitivamente descoberta e demonstrada por Augusto Comte, que pôde ser expressa nos seguintes termos : Todas as nossas concepções, em sua evolução normal e completa, passam por tres estados : ficticio ou theologico, depois negativo ou metaphysico, e finalmente scientifico ou positivo.

Sendo-nos impossivel em artigo tão resumido, explicarmos, minuciosamente, as diversas phases theologicas e metaphysicas, pelas quaes tem passado o espirito humano, diremos simplesmente que o estado theologico, cujo maior esplendor foi na phase polytheista, consiste em imaginar que os phenomenos são produzidos e dirigidos por vontades sobrenaturaes, por entes ficticios.

O estado metaphysico, filho do excesso de abstracção, consiste em crear *entidades*, com o auxilio das quaes julga poder explicar os phenomenes naturaes.

O principal caracteristico do estado positivo é, pondo de parte a indagação das causas primeiras por serem inacessiveis, o estudo dos phenomenos e de suas leis.

Aquelles que nos accusam de contentarmo-nos com um saber puramente humano, esquecem-se de que Newton já fizera notar que « o homem que pro-

cura as causas primeiras prova que não é um homem de sciencia. »

Para tornar mais clara esta importante lei daremos alguns exemplos :

Figure-se uma machina em movimento, diz o dr. J. A. R. de Mendonça, mas que o motor, que póde ser a força animal, o vapor, a electricidade, ou a gravidade não é visivel.

Chega um homem e diz : essa machina é movida por uma força sobrenatural, porque a materia é inerte. Vem outro e diz : quem dá movimento a esta machina é a *entidade fluido*. Finalmente, um terceiro, depois de examinar todos os orgams da machina e seus movimentos, descreve as diversas partes de que ella se compõe, determina as relações dos movimentos entre si, declara que augmentando ou diminuindo o diametro de certas rodas accelera-se ou retarda-se o movimento, em uma palavra, torna a machina conhecida.

Pois bem, o 1º é um theologo ; o 2º um metaphysico ; e o 3º um positivista.

Eis outro exemplo :

Supponha-se uma bomba funcionando. Para um theologo create, mas de pouca instrucção, a agua sóbe no corpo da bomba, porque assim o quer Deus, vontade sobrenatural. Esta explicação é facil mas insufficiente.

Para o metaphysico a agua é impellida pela faculdade que a Natureza (esta senhora desconhecida de de Maistre) possui de ter horror ao vacuo. Porque a Natureza tem horror ao vacuo ? Admittido que seja possivel provar este horror, porque cessa quando a agua tem attingido dez metros de altura ? Estes e outros *porques* dariam discussão *per omnia secula seculorum*, se o positivista, depois de descubrir que o ar é pesado, não nos viesse dar uma simples e precisa explicação, baseada sobre a ex-

periençia e observação, dizendo-nos : aqui não existem nem vontade nem faculdades ; é o peso do ar que impelle a agna.

E' pelo estudo historico das sciencias que desvanecem-se todas as duvidas sobre a veracidade desta lei.

Kepler funda a astronomia estatica, diz P. Lafitte, mas quando quer tratar da astronomia dinamica, nada acha de melhor do que encarregar os genios e os espiritos dos movimentos dos astros. Descartes, depois d'elle, inventou seus famosos turbilhões, que arrastavam os corpos celestes ao redor do sol.

Emfim, veio Newton, que formulou a lei da gravitação universal. Os espiritos de Kepler eram simplesmente a concepção theologica, os turbilhões de Descartes a concepção metaphysica, e a gravitação de Newton a concepção positiva da dynamica celeste.

A physica é neta da Magia e filha das Sciencias occultas.

A arte sagrada é o estado theologico, a alchimia o estado metaphysico da chimica positiva, que começa com Lavoisier.

A medicina politheista (uma das phases theologicas) teve grande brilho entre os Rose Croix, d'entre os quaes Robert Fludd, medico de Londres, foi o mais celebre. Eis como a seu respeito exprime-se Broussais :

« Esta seita cahia na magia : Attribuia as molestias aos mãos demonios, *cacodemonibus* ; as chronicas dependiam da subtracção dos raios da magestade divina, e as agudas do excesso desta luz. Não cessava-se de recorrer aos exorcismos, e o espectáculo do supplicio de uma chusma de pretendidos magicos concorria muito para entreter esta disposição dos espiritos, para conservar as imaginações

em um continuo estado de exaltação, e para entreter uma credulidade pueril. » (1)

Não vimos, entre nós, theologos attribuirem as epidemias do Ceará á colera divina ?

Sthal, reagindo contra a escola physico-chimica de Boerrhave, creou a sua entidade *alma*, e assim entrou a biologia no segundo estado da lei da evolução intellectual.

Mais tarde Barthez creou o — principio vital ; fórmula ainda metaphysica, mas a mais proxima do positivismo. Finalmente, appareceu Bichat, que substituiu o — principio vital — de Barthez pelas suas — forças vitaes — . E, desta data em diante, podemos considerar a biologia como sciencia positiva.

O estado theologico da politica é o da legitimidade do direito divino.

Nesta época os reis não pertencem á raça humana ; em suas veias corre o sangue divino ; descendem de entes sobrenaturaes. Assim é que Eneas e Cesar são filhos de Venus, Romulo descendente de Marte, Luiz XIV não sabe se é homem. Esta é a legitimidade dos realistas ; o apoio do throno e do altar.

A politica metaphysica basea-se na soberania popular. Ella quer que sobre todas as questões phisicas, intellectuaes e moraes consulte-se o numero, como se o numero fosse competente para resolver semelhantes questões. Querem uma prova ? Submettam ao suffragio universal a descoberta de Galileu e verão que será rejeitada.

Foi desta politica metaphysica que nasceu Ro-

(1) Broussais—Doctrines medicales et nosologie.—Vol 1º pag. 328.

bespierre, o assassino dos republicanos ; della provieram todas as seitas socialistas, espantallo da sociedade, e um dos obstaculos á proclamação da Republica.

O systema constitucional representativo não é mais do que uma pessima combinação destes dous estados da politica.

A politica positiva, tambem chamada sociologia, baseando-se nas sciencias positivas, impõe-nos a ordem em nome do progresso, e o progresso em nome da ordem.

Segundo esta politica para tratarmos de qualquer reforma não temos de consultar nem Deus nem o numero ; só temos de examinar a tendencia da sociedade e a necessidade da situação. Ella não condemna á morte os atheus, como fazem os filhos da escola de Rousseau. Ha de ser esta a politica que, depois de vencer todos os obstaculos, ha de estabelecer a Republica sociocratica em todo o planeta. Della nascem os Gambetas.

Se todas as sciencias passaram pela lei dos tres estados, a moral deveria tambem soffrer a sua influencia ; é o que passamos a demonstrar.

O estado theologico da moral é aquelle em que as formulas moraes são sancionadas pelos entes sobrenaturaes. Digo sancionadas porque, mesmo no estado theologico, são os homens que descobrem as formulas moraes, como são elles que descobrem os processos industriaes ; os entes sobrenaturaes só sancionam.

O Decalogo, que acha-se hoje um tanto alterado nos cathecismos, diz :

« Seis dias tu trabalharás e farás o teu trabalho.

« Mas o setimo dia de repouso, consagrado ao eterno teu Deus, não farás nenhum trabalho, nem

teu filho, nem teu escravo, masculino ou feminino, nem teu hospede. »

Mas em vez de dar a esta prescrição uma razão humana, diz Laffitte no seu curso de moral positiva, como fazemos hoje, dá uma razão theologica.

« Porque em seis dias, continúa o Decalogo, o Eterno fez o céu e a terra, o mar e tudo o que ahi se acha e descansou no setimo ; eis a razão porque o Eterno abençoou o dia de descanso e o santificou. »

A razão porque deve haver um dia de descanso na semana é muito diversa.

Para o metaphysico não são mais os eutes sobrenaturaes que sancionam as regras moraes ; é a entidade *Consciencia*, que reside no homem e que nos ensina por inspiração como devemos proceder nas questões as mais complicadas.

E' uma theologia modificada, na qual cada individuo torna-se um papa infallivel.

Os metaphysicos pensam que é a Consciencia que lhes inspira a regra de conducta, emquanto na realidade são certos habitos e certos prejuizos que os levam a praticar este ou aquelle acto.

A moral positiva funda-se no conhecimento real das cousas. Basea-se de um lado na moral espontanea, de outro nas regras empiricas estabelecidas pelo bom senso universal. Sua systematisação é feita pelas sciencias desde a mathematica até a sociologia.

A moral espontanea é esta disposição que possuímos em virtude de nossa organização cerebral, de sermos sociaveis. Foram Gall, Hume e G. Leroy que provaram pela sciencia a existencia no homem de uma moralidade espontanea.

Eis um exemplo de moral positiva :

Se os nossos antepassados soffreram e morreram para nos dar tantos bens que hoje possuímos,

que ninguem póde contestar, está claro que devemos venera-los e transmittir estes bens melhorados e augmentados aos nossos successores; para este fim é necessario *viver por outrem*, isto é, viver a vida material, intellectual e moral para melhor conhecer e me hor amar a humanidade.

Antes de terminar devo declarar, como já o fez Comte, que uma sciencia póde estar já no estado positivo e as outras ainda se acharem no estado theologico ou metaphysico.

Assim, por exemplo, a astronomia já era uma sciencia positiva, quando a biologia ainda estava no estado metaphysico, e a moral no estado theologico. Por esta razão um individuo póde ser ao mesmo tempo positivista, metaphysico e theologo.

Exemplo: O padre Secchi era positivista em astronomia, metaphysico nas sciencias phisico-chimicas, e theologo em moral.

Terminando, pedimos aos leitores que não attribuam as faltas que possam haver neste artigo á escola positiva, mas sim ao discipulo que assigna-se

DR. J. R. MENDONÇA.

Jacarehy, 3 de Junho de 1879.

Libertação d'escravos na comarca de S. Sebastião

Nos tres municipios desta comarca tem se manumittido por diversos titulos, desde 28 de Setembro de 1871 até 18 de Abril deste anno, 180 escravos assim distribuidos: 55 em Villa Bella, 89 em S. Sebastião e 36 em Caraguatatuba.

O tumulto da engeitada

E' aqui que ella dorme esquecida
com a face volvida para o céu,
tem por manto o leitel frio da morte
e a trança desprendida como véu.

Como o pranto o chorar da natureza,
por prece o rumor da cachoeira,
por suspiros o gemer da ventania
no sepulchro, quando vae cahir á beira.

E uma cruz tão mesquinha como a morte
que o coveiro por piedade ahi plantou,
nos seus braços vae o mocho á meia noite
repetir o soffrer que ella passou.

Coitadinha ! Isolada como em vida,
desprezada no sepulchro está dormindo,
só os lirios das campinas se debruçam
sobre ella seu perfume esparzindo.

.

E depois... o silencio, o ciciar
da aragem que amiga alli soluça
nos braços do madeiro sacro-santo,
onde o orvalho matutino se debruça.

EMILIA SALDANHA.

Quando altiva vaga azul
se debruçava na praia,
á hora que o sol desmaia
beijada do vento sul,

Louro menino innocente
contemplando tal belleza,
exclama com singeleza
ao ver o sol no poente :

—Porque no mar não se apaga
aquella tira de fogo
que está brincando na vaga ?

—Meu filho, o fogo dos céus,
(exclama a mãe) são sorrisos
que beijam os labios de Deus !

S. José dos Campos.

EMILIA SALDANHA.

A uma velha

Duas condições me cumpre,
Se queres ter meus ternos ais :
Vinte annos mostra menos,
Vinte dentes põe de mais.

O ADVOGADO

Dr. João de Cerqueira Mendes

Belém do Descalvado

Encarrega-se de causas crimes, civeis e commerciaes, não só neste termo, como nos de Pirassununga, S. Carlos do Pinhal, S. Simão e Ribeirão Preto.

— —

O barão de Souza Queiroz

Concorrer por qualquer meio que seja para a educação nacional é prestar um serviço valioso á humanidade. Aquelle que traz o seu concurso á grande obra do desenvolvimento intellectual de um povo e da formação do caracter nacional, é incontestavelmente digno do respeito e da estima publica. Neste caso está o honrado paulista que fundou nesta cidade, um asylo para meninos pobres : o sr. barão de Souza Queiroz.

Quaantas vezes ao vermos o respeitavel ancião dirigir os passos pausados para essa casa feia e sem nenhuma architectura, mas onde se aninha uma idéa generosa e esplendida, não temos repetido esta sentença : «alli vae um illustre paulista que sem barulho trabalha nobre e efficazmente na regeneração deste paiz. »

De facto, o velho cidadão, o discipulo da antiga Coimbra julgando, segundo os preceitos da sua religião, praticar um acto de caridade, se nos afigura entretanto o esforçado representante da nova philosophia que ensina que a humanidade progride na medida do aperfeiçoamento do estado mental de uma geração.

O feliz emprego que o sr. barão de Souza Queiroz deu á verba do testamento de D. Anna Roza, que tinha por fim soccorrer os pobres, ha de recomendar o nome de s. exc. á gratidão da posteridade

assim como já lhe tem valido a estima dos contemporaneos.

O serviço que s. exc. prestou á provincia criando o—Instituto de D. Anna Roza—não póde ser esquecido. Suas visitas diarias ao estabelecimento, suas observações praticas, seus conselhos cheios de experiencia e interesse pelo bem estar daquellas pobres crianças, elevam mais o venerando ancião em nosso conceito do que os pomposos discursos de muitos rhetoricos que por ali andam a fallar em liberdade e civilisação patria.

O Instituto de D. Anna Rosa, concepção de um homem pratico, se traduz o sentimento caridoso de uma senhora, representa tambem o pensamento esclarecido de um cidadão que fez-se illustre pela idéa justa e recta que elle tem do trabalho.

Não ha illusão definindo-se assim a instituição que se incumbia de ensinar a criança a trabalhar esclarecendo-lhe ao mesmo tempo a intelligencia.

Não é a caridade futil e ante-social que alli está em pratica ; é o amor do proximo manifestado convenientemente, tornando-se uma realidade pela exacta comprehensão do destino da humanidade.

O varão, que, chamando em apoio dessa idéa tantos cidadãos illustrados e generosos, fundou esse estabelecimento de educação, mostra que conhece as duas supremas necessidades do Brazil : a instrucção e o amor ao trabalho.

E o sr. barão de Souza Queiroz estava educado para poder bem avaliar essas duas necessidades.

Deixando de lado as illuminações do estylo biographico, vejamos se o illustre paulista, que nasceu em 8 de Dezembro de 1806 nesta cidade de S. Paulo, tem em sua longa vida de quasi 73 annos outros titulos que enobrecam mais que o de fundador do Instituto de D. Anna Roza.

Nascido de paes abastados, que adquiriram honras e posição, o filho do coronel Luiz Antonio de Souza e de sua mulher d. Genebra de Barros Leite, que recebeu na pia do baptismo o nome de Francisco e depois o sobrenome e appellidos Antonio de Souza Queiroz, viu passarem os primeiros annos entre os brincos da infancia e os labores dos estudos elementares que naquelles tempos nada tinham de agradavel.

Aos 13 annos partiu para Portugal, donde era seu pae, com destino a Coimbra em cuja Universidade devia cursar algumas sciencias.

Alli seguiu até o 3º anno o curso de Direito, não tendo chegado a graduar-se porque a morte de seu pae foi um acontecimento que devia trazer-lhe grave responsabilidade na familia; e o joven Francisco Antonio de Souza Queiroz soube desempenhar-se della com muito tino e louvores dos seus.

E' assim que elle de volta da Europa, tendo apenas 18 annos, achou-se á frente de importantes estabelecimentos agricolas, aos quaes se dedicou com coragem e tenacidade.

A lavoura foi a grande escóla em que adquiriu esse bom senso que hoje lhe dá uma auctoridade incontestavel nos negocios de sua numerosa familia e na exploração das industrias da provincia.

Desde essa época até 1853, o sr. Francisco Antonio de Souza Queiroz dedicou-se á agricultura, da qual tirou sempre resultados, chegando a formar uma das primeiras casas da provincia em haveres. O methodo e a economia foram grandes factores da riqueza do honrado paulista.

Tendo entrado com afinco nas labutações da lavoura, o sr. Francisco Antonio de Souza Queiroz sentiu para logo a necessidade de uma consorte. Achou-a digna de si em uma familia illustre, a do senador Vergueiro.

Em 1833 recebeu em matrimonio a exma. sra. D. Antonia, cujas qualidades de esposa e mãe a collocam no centro da familia como a divindade do lar, rodeiada de todos os affectos e respeitos de sua immensa prole.

Penetrar esse lar, vêr paes, filhos e netos reunidos é um dos mais bellos quadros da familia brasileira em suas tradições religiosas, com os antigos costumes que relembram a simplicidade dos nossos antepassados.

Ainda que se não professem as mesmas tradições, ainda que se tenha tido uma educação mais livre, sente-se alli a gente feliz e insensivelmente segue aquelles exemplos de virtudes domesticas.

Vem dessa educação o facto louvavel de ser a familia Souza Queiroz muito unida e guardarem seus membros certa solidariedade nas affeições e nos interesses.

Quasi todos os filhos do sr. barão de Souza Queiroz são lavradores, têm recebido na Faculdade de Direito o grau de bacharel, e feito parte de sua educação na Europa. Seguem o exemplo do joven estudante de Coimbra, que orphan e bem moço atirou-se com enthusiasmo e esperanças nas lides afanosas da lavoura.

Ha ainda na vida deste paulista, que tem-se enobrecido tanto pelo trabalho como lavrador, um periodo que estudado com reflexão e animo justo, mostra-o digno de ser apontado como um dos homens mais notaveis da provincia de S. Paulo depois dos acontecimentos de 1831 : é aquelle em que o sr. Souza Queiroz, secundando os nobres esforços de seu illustre sogro, o senador Vergueiro, começou a introduzir em seus estabelecimentos agricolas os

braços livres por meio de contractos com os estrangeiros.

Nesta propaganda pratica em favor do trabalho livre, o sr. Souza Queiroz revelou sempre muito bom senso, muita coragem e tenacidade.

Nessa lucta contra os preconceitos criados pela educação e pelas proprias instituições sociaes, provou ser paulista, e pôde se dizer que sahio victorioso.

Até hoje o sr. Souza Queiroz mantem-se firme no posto de propagandista do trabalho livre, agitando os interesses dos seus conterraneos por meio do exemplo e dos conselhos da experiencia.

De 1853 para cá, por esforços proprios, o respeitavel cidadão conseguiu introduzir no paiz cerca de 2.000 emigrantes de diversas nacionalidades e elevar suas colonias a um grau de prosperidade, a que, não nos consta, nenhuma outra por seu systema tenha attingido.

Não chamou ao trabalho agricola sómente os estrangeiros; os nacionaes tambem mereceram a sua attenção e os agremiou em diversas fazendas, tirando bons resultados relativamente á educação e habitos sociaes dos nossos patricios que podem entregar-se a esses trabalhos.

Uma das causas das boas relações do sr. barão de Souza Queiroz com os colonos é a bondade com que costuma se haver na execução dos contractos: cede até onde pôde e prefere ás vezes ser generoso a exigir caprichosamente o respeito a seus direitos estatuidos nesses contractos e garantidos pelas leis e pelos tribunaes do paiz.

Com seu concurso foi fundada em 1871 a Associação Auxiliadora da Colonisação e Immigração sendo escolhido presidente da directoria.

O homem que ha exercido influencia directa na organisação do trabalho, tendo começado bem moço a explorar a industria agricola com braços escravos e com os livres estrangeiros e nacionaes, servindo de exemplo para muitos outros, não podia passar indifferente aos suffragios dos seus concidadãos e ás distincções governatnentaes. e de facto não passou. Mereceu por vezes a confiança dos paulistas para representa-los na municipalidade, na assembléa provincial, na camara dos deputados e no senado.

* * *

O sr. Francisco Antonio de Souza Queiroz appareceu na politica nesses tempos de agitação patriotica que decorreram de 1820 a 1834.

Moço, rico, tendo uma somma de conhecimentos acima do nível do commum naquella época, não podia ser a heio ás agitações estimuladas pelo amor da patria.

Em taes condições era tambem uma excellente acquisição para os partidos que começavam a organisar-se.

No correr de annos a provincia de S. Paulo viu sempre o sr. Francisco Antonio de Souza Queiroz nas fileiras do partido liberal que fê-lo vereador, deputado provincial, deputado geral e senador.

Uma prova de que o sr. Francisco Antonio naquelles tempos de vehementes lutas politicas era muito considerado por seus comprovincianos encontramos no facto de ter sido em 1835 nomeado vice-presidente pela primeira assembléa provincial, cargo que exerceu de 7 de Maio até Dezembro do mesmo anno.

Desde então o nome do sr. Francisco Antonio de Souza Queiroz figurou na lista de vice-presidentes não obstante as variações da politica.

A antiga guarda nacional o teve por alguns annos á sua frente como tenente-coronel e chefe de legião.

Em 1840 foi agraciado com a commenda da ordem de Christo, em 1867 com a dignitaria da Rosa e em 1874 com o titulo de barão de Souza Queiroz.

E' senador desde 1848, mas raras vezes vae occupar a cadeira na camara vitalicia.

Por seus antecedentes na vida publica e importante pelos cargos que exerceu, por ser chefe de uma numerosa familia, o sr. barão de Souza Queiroz podia exercer na politica da provincia uma influencia real e indisputavel na direcção do seu partido.

Entretanto assim não acontece.

Modesto e calmo afasta-se e figura entre os correligionarios mais como uma recordação das lutas passadas do que como o chefe activo e responsavel pela politica da actualidade.

Retrahido das discussões politicas, velho e cansado, o laborioso cidadão entrega-se hoje todo á familia e ao Instituto de D. Anna Roza.

* * *

A' primeira vista o sr. barão de Souza Queiroz não inspira sympathia : parece sêcco e severo. Depois de algumas horas de trato é um outro homem : sua conversação attrahe e fica-se conhecendo um ancião que sabe jogar a ironia sem offensa e ser chistoso sem tornar-se ridiculo.

Eis ahí a traços largos apresentado um venerando paulista, que respeitamos pelo papel que representou na politica, pelos esforços em prol do trabalho livre e pela sinceridade com que zela a educação dos meninos pobres.

Como introductor de milhares de immigrantes e um dos mais perseverantes iniciadores do trabalho livre, ligou seu nome ao progresso da provincia pondo de tal arte em realce a sua individualidade.

Ha, pois, na sua vida dous factos de muito valor sociologico: a organisação das colonias agricolas com trabalhadores livres e a fundação do Instituto de D. Anna Roza.

A geração actual póde, portanto, saudá-lo respeitosamente.

1879.

R. P.

Abarê Bebê

Era e appellido do benemerito jesuita, padre Leonardo Nunes, que com tanto afuico trabalhou em S. Vicente, para a cathechese dos indios. Ganhôu esse nome entre os indigenas, pela celeridade pasmosa com que acudia aos reclamos da missão. *Abarê Bebê* significa—o *homem que vôu*, *homem voador*, titulo que mais tarde e com mais propriedade devia caber a Bartholomeu Gusmão.

Trovas populares

Quem me vê andar alegre
Pensará que estou contente,
Abram meu coração e verão
As penas que tenho dentro.

Historia de um pála

A CARLOS MAGALHÃES

Foi á luz de uma tarde... vi um pala
Alvacento, qual tunica divina
Cortado por listões da côr celeste,
Elegante—de fórma peregrina.

Aos ventos que sopravam brandamente
O pala se agitava fluctuando ;
Era, emtanto, esse pala o confidente
Das horas de quem pensa... viajando.

Uma tunica branca, maviosa,
Das côres das auróras do sertão,
Parecia um signal d'alma saudosa,
Um prenuncio da voz do coração.

Envolvia um mancebo de esperança
Este pala de sonhos amorosos,
E nas dobras de luz o resguardava
No centro dos caminhos escabrosos.

Não era um pala, não ;—era uma nuvem,
Uma nuvem boiando nos espaços,
E lá foi na passagem solitaria
Deixando uma saudade em nossos braços.

Brotas—Novembro de 1873.

J. A. DE BARROS JUNIOR.

A Nova Louzã

Eu vou dar-lhes um quadro rapido e singello da — Nova-Louzã —, aquella notavel colonia que é um dos mais nobres titulos de orgulho para a nossa provincia.

Não imaginem que eu me proponha fazer um relatorio exacto do que é e do que vale esse grandioso estabelecimento : neste caso era preciso escrever-lhes um volume. Não, senhores ; quero apenas evocar as memorias de um passeio em que não dispendemos talvez mais de vinte e quatro horas, eu e os meus companheiros de viagem.

E como foram breves aquellas horas ! Ha tanto que ver, que medir, que admirar na Nova Louzã ! É o seu proprietario que é o meu excellente e velho amigo commendador João Elisario de Carvalho Monte-Negro, aquelle mesmo que nós todos conhecemos no seu ninho de venturas, o — Retiro Louzã — em S Paulo, a poetica e gentil casinha, onde cada compartimento respirava um ar fresco e de mocidade innundado pelo aroma das flores e pelo canto dos passaros, embalsamado sempre pelos raios da esperanza e pelos sorrisos de todos os sonhos felizes.

Ai o nosso bom tempo !

Como eu ainda estou a vê-lo, o meu leal amigo, alli naquelle cantinho da rua da Boa Vista, alegre, communicativo, todo afabilidade para quantos gosavam o seu tracto intimo, até mesmo para o Fernandes, o livreiro, que deitava-se á beira de um

barril do *verde*, do vinho apurado, finissimo, do *vindo directamente*, como dizem os nossos negociantes mais honrados, e não se levantava enquanto não via a torneira a deitar umas lagrimas compassadas, de minuto em minuto, ultimas gotas da vitalidade exausta!

Pois ainda é o mesmo, o meu estimado amigo. Vejo-lhe as cãs redobram sobre a fronte pesada e sombria, mas aquelle coração de ouro, aquelle coração que não se verga ás tristezas, que não se retrae nem mesmo aos choques do destino, como é sincero e forte aquelle coração!

* * *

Era no mez das aguas. Chovêra abundantemente durante a noite inteira. A madrugada, entretanto, rompeu esplendida e o ceu avermelhado reflectia sobre os horisontes longinquos as ondas de luz que o sol começava a derramar por entre os flocos enormes das nuvens fluctuantes na quebrada dos outeiros. Abria se ao nosso olhar esse eterno e immenso espectaculo de todas as manhãs, sempre visto e sempre novo para todos.

O nosso carro, tirado por dous possantes animaes, resvalava pela terra humida e escorregadia atravessando as formosas paisagens dos amplos campos juncados de moitas em pontos destacados e irregulares, que davam um certo cunho de originalidade ao aspecto aprazivel d'aquellas regiões como que acordadas para nos saudarem. Dias antes o imperador foi recebido naquellas paragens talvez com a mesma pompa da natureza, que nós outros, simples mortaes a quem é dado egualmente beber a pulmões cheios o ar sadio que o profundo azul da *atmosfera* espalha pelas camadas desta nossa propriedade commum—o espaço.

Tendo partido de Mogy-mirim onde estavamos desde vespera, passamos o Guassú ás oito horas. Deixando essa insignificante freguezia, sóbe-se uma explanada extensissima e de onde a vista alcança um dos mais lindos panoramas que ainda gozei neste mundo. E' uma chapada que perde se na extensão de muitas leguas em campinas verdejantes e infinitas.

Tivemos alli occasião de notar uma excentricidade ingleza. Um filho de John Bull exercia a medicina no Guassú. Ao ver aquelle sitio fadado para as grandes contemplações e para os grandes recolhimentos, voltou a casa, fez o seu testamento e designou esse logar para a sua sepultura, ordenando que não se puzesse mais do que uma simples cruz á cabeceira do leito em que tinha de cahir para o ultimo somno.

Lá está elle á sombra do modesto symbolo do christianismo, só, tão só como o silencio daquelle oceano de céu, de terra e de folhas.

* * *

Estremecemos quando o cocheiro nos disse :
—Aquelle é o portão da—Nova Louzã.

Havia em todos nós, em mim e nos meus companheiros de passeio—o dr. Araujo Cintra e meu irmão Bento Quirino,—alguma cousa desse sentimento que experimenta quem está esperando pelo vago, pelo desconhecido, pelo imprevisto.

Realmente não se descreve a jovial perspectiva da—Nova Louzã—para quem a sauda pela primeira vez ao dar de face com aquellas casas alvejantes, aquelle soberbo pomar, que a cerca por todos os modos, aquelle mimoso jardim odorifero, aquelles commodos elegantes, aquelles engenhos,

aquellas plantações, aquelles riachos e tanques onde a formosa se está a mirar como noiva desmaiada e tremula ainda das caricias do amante estremeado.

Digo-lhes que não conheci ainda uma *fazenda* que me agradasse tanto como esta. E mais eu cresci entre o que ha de poetico e risonho á margem do nosso manso e placido Atybaia.

Da estrada que passa em frente ao estabelecimento, dominam-se as pastagens cuidadosamente tratadas, e desce-se procurando a morada além sobre uma outra elevação encantadora, depois de atravessar-se o caudaloso correjo—Arouce.

Ao entrarmos o terreiro, julgavamos encontrar uma recepção festiva, n'um domingo, quando tudo, á volta de nós, tinha uma feição de prazer e de jubilo. Enganamo-nos.

O primeiro individuo que vimos e veio cumprimentar-nos á porta com o tom grave e circumspecto de um diplomata em disponibilidade, foi o Manoel da Serra, moço de physionomia aberta e agradável mas que apresentou-nos uma cara abatida e pezarosa. (1)

—O sr. Monte Negro está de cama, disse-nos seccamente.

Ora esta!

A fatal noticia varou-nos como a lamina de um punhal.

—Pois queremos ver o sr. Monte-Negro. E entramos no seu aposento.

O nosso amigo estava muito alquebrado e com os labios febris da intermittente, apanhada dias antes para os lados de Casa Branca.

(1) Não se achava na colonia o digno irmão do nosso hospede sr. dr. J. D. de C. Monte-Negro.

Reanimou se ao abraçar-nos.

Divisamos distinctamente em todos os seus traços o novo alento que os accendia á proporção que a nossa conversação o ia tirando do estado enfraquecido em que se achava.

Dentro em pouco era outro homem, outro completamente.

Dir-se-ia que sarou só com a nossa presença. Haverá nisto exageração?

Não. Sabe-se que para os doentes a força de vontade é metade da cura, desde que o sulphato de quinino e que taes tisanas sejam a outra metade.

Por sua ordem, o Manuel da Serra pôz-se em movimento para acompanhar-nos.

Percorremos o extenso parreiral. E' uma optime e esmerada plantação.

Abastece de vinho a colonia o anno inteiro e ainda se vende, e ainda se distribue em presentes pelos amigos.

Oh! Fernandes! Oh tu que abandonaste as nossas plagas quando a baixa dos fundos hespanhoes deu-te rebate na bolsa—deste que é *virgem* e immaculado, deste é que devias beber n'um regador, como fazias na patria—para saciares a tua sêde de fogo, e depois podias repetir com o apóstolo:

—*Virgo cogitat quæ domini sunt!*

Duas vezes fomos á rua dos Bambus, uma avenida bellissima. Percorremos o laranjal e todo o mais arvoredo de fructas, chegando enfim ao delicioso lago da—Saudade—onde passamos instantes embevecidos na observação de logares tão apraziveis e que prendem a attenção não só pela formação natural dos terrenos, como pelos ornatos que a arte e o bom gosto têm por alli distribuido a mãos largas.

O nosso amigo jantou connosco e á tarde fomos percorrer as culturas.

Devem escusar-me aqui uma descripção das terras e da lavoura propriamente.

Sabem já demais que as terras são de qualidade apuradissima todas—*jangada-brava*—*páu d'alho*, *ingá-mirim*, *sapú-vussú*, etc., etc.—essa vestimenta compacta, rica e incomparavel das nossas mattas e que os nossos agricultores não se fartam de gabar quando ella se desdobra por sobre o uberrimo e inexcedivel *massapé*.

Os cafezaes estavam luxuriantes de seiva e de forças. Deve ser muito consideravel a sua actual colheita e muito maior a seguinte.

Planta-se tudo alli : o trigo, a cevada, o centeio, a mamona, a hortaliça, os legumes, etc.: ha completa abundancia de viveres e não só do que é propriamente preciso para a manutenção, mas ainda do que é mais para lisongear o paladar que o estomago, como os fructos raros e exquisitos.

A' volta, fomos dar um gyro pelo terreiro e casas adjacentes. Vimos as novas construcções : commodos para tudo—capella, quartéis de casados, dormitorios de solteiros, tulhas, celleiros, machinas de beneficiar café, olarias, terreiros, poço, lagar, lavanderia, etc., e tudo nas melhores dimensões e tudo aceiado, largo, respirando conforto e aconchego.

E' muito interessante a reprêza do—Arouce—proxima ao moinho.

Alli estava um grupo de cachopas rijas, com as fórmãs em relevo sob o amparo da franqueza campestre e da innocencia aldeã.

O sr. Monte-Negro tinha necessidade de guardar o quarto, mas deixou-se insensivelmente ficar comnosco á varanda.

Então foi que pudemos avaliar o que é a sua colonia.

Ha entre nós um preconceito inraizado no tratamento entre o *patrão* e o *camarada*.

O primeiro conserva ainda o resto das tradições feudaes; o segundo retrahê-se no circulo do respeito que o atria para uma classe parallella á do escravo.

Sei que na Europa as desigualdades são mais salientes.

Mas o nosso hospede não é um dono temido, não é um senhor: é um pae de familia.

Elle estava doente. A colonia tem mais de cem pessoas empregadas no seu serviço.

A' noite começaram a entrar os afilhados, que são todos, ou quasi todos os rapazes alli nascidos.

—A sua bençã, meu padrinho. O meu padrinho como vae? Está melhorzinho?

—Melhor, Egas Mouiz. Toma um pedaço de brôa. Onde está o Alexandre Herculano?

—Aqui, meu padrinho; sua bençã.

—Tu levas uma amendoa. Não trouxeste tua irmã Philippa de Vilhena?

—Ella ahi vem, padrinho; estava a brincar com o Nuno Alvares.

—Vocês são uns peraltas. E o Mathias d'Albuquerque está pela horta? Não quer umas nozes?

—Quero sim e mais algumas para o meu sobrinho Antonio de Castilho.

E assim por diante.

Depois todos os trabalhadores. Homens são, escorreitos. Homens da enxada, da foice, do machado, da enxó—e até alfaiates, sapateiros, pedreiros, tudo.

—Está o sr. Monte-Negro melhorzinho ?

—Ora graças a Deus !

—Louvado Deus !

—Guarde-o Deus !

Querem uma linguagem mais cordial, um affecto mais puro e espontaneo ?

Aquellas faces cavadas pelo suor e pelas fadigas resplandeciam de contentamento. O sorriso subia-lhes do peito aos labios jovial, sem as contrações do fingimento, ou da adulação.

E' assim que se vinculam, pela mutua estima, as verdadeiras relações entre o locador e o locatario.

E depois o systema adoptado nesta colonia é o do salario.

O trabalhador não arrisca o seu futuro pelos acasos de uma safra maior ou menor, sujeita sempre ás vicissitudes do clima e das estações.

O proprietario esse sim deve jogar com todos os varios lauces da sorte : é o seu papel, é o seu posto na direcção de uma empresa rural, erguer-se como o piloto arcando com as calmarias ou com as tempestades.

O pobre empregado precisa ter o pão certo. Quer saber quanto ha de dar aos filhos e não póde ouvi-los chorar aos rigores do inverno, sómente porque as arvores não lhe estenderam os dons fecundos para a alimentação e para o vestuario. Luctou, venceu, recebe a paga dos seus esforços : é jasto isto.

Uma cousa tambem curiosa e que tem intima afinidade com a formação dos costumes pacificos e morigerados da—Nova Louzã : tudo alli recorda uma nesga do paiz natal.

—Onde ficon hoje o eito, oh Joaquim ?

—Na Fonte das Lagrimas, meu senhor.

—Não mandaste varrer a rua de Almeida Garrett?

—Não senhor: era preciso cuidar primeiro na de José Estevam; e depois na de Pinheiro Chagas.

—Olha não te esqueça a de Mousinho da Silveira.

Todos os pontos são assim designados por um nome ou por uma lembrança portugueza.

Será mau isto?

Este espirito de bairrismo será prejudicial?

Pelo contrario.

Estes signaes, estes distinctivos gravando-se no solo estranho, acabam por abrir nelle a imagem de uma nova patria em que a outra se revê por todas as scenas da infancia e da vida passada.

Pelo muito que aquella se prende á nossa mente, esta apresenta-lhe o vulto todo como em espelho fiel e amigo.

E por fim não sabemos qual havemos de amar de preferencia: se a que era dos nossos avós, se a que ha de ser dos nossos netos.

Esta provavelmente.

* * *

Depois de assistirmos ao refeitorio succulento e abundantissimo, começamos a receber os brindes dos colonos, visto como, em nosso obsequio, se-lhes havia servido uma pouca d'aguardente.

Corria entre elles um rumor surdo, alguma cousa de vago desejo que apresenta-se á flor do rosto, adivinha-se mesmo, porque a lingua timorata não chega a articular em palavras.

Era a ancia por um bailado.

Ai! a *Canninha Verde!*

Ai! a *Desgarrada!*

Não houve remedio: o sr. Monte-Negro cedeu

ás nossas instancias e lá se abriu o salão e formaram-se as rodas e ergueram-se as violas.

E logo uma das moças com os olhos nadando em chammas de alegria :

«Coitadinha de quem tem (1)
Seus amores em segredo,
Passa por elles na rua,
Não lhes falla, que tem medo.

Outra :

«De noite tudo são sombras
Eu nellas te hei de fallar ;
Já que de dia não posso
Fallas tuas alcançar.

Elle, um rapaz em toda a expressão da virilidade :

«Fui ao mar p'ra ver as ondas,
Ao jardim p'ra ver as flores,
Ao céu p'ra ver as estrellas,
Aqui p'ra ver meus amores.

«Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme :
Eu como o sol a buscar-te,
Tu como a sombra a fugir-me.

(1) Alguns destes versos, uma ou duas quadras, acham-se também no ultimo livro do sr. Palmeirim *Galeria de Figuras Portuguezas*.

«Uns olhos *pretos* que eu vi
De quem os meus *negros* são,
Foram os que me roubaram
Alma, vida e coração.

Menina não se namore
D'homem casado que é p'rigo,
Namore-se d'um solteiro
Que possa casar comsigo.

Ella :

«Se eu quizera amores
Tinha mais de mil
Rapazinhos ricos
Que vêm do Brazil.

Depois é um dialogo :

«Canta o gallo que é de noite
Relógio dos namorados :
Vamo-nos d'aqui embora,
Não nos achem descuidados.

«Canta, amor, cantemos ambos
Já que outra vida não temos,
Anda a morte pelo mundo
Cedo nos apartaremos.

«Nem meu pae, nem minha mãe,
Nem duzentos confessores
Já me tiram do sentido
De eu fallar aos meus amores.

A Canna verde :

«Oh minha canninha verde,
Oh meu Senhor do Bomfim,
Linda cara, lindos olhos
Virem-se cá para mim.

«Eu pintei a canna verde,
Eu pintei a verde canna,
Eu pintei a canna verde
No travesseiro da cama.

«A canna verde no mar
Anda á roda do vapor,
Inda está para nascer
Quem ha de ser o meu amor.

Outro canto que attrahe, que prende pelo ma-
vioso rithmo é o da

ROLINHA.

Assim :

« Ai ! a rolinha,
 Ai ! dom Celidon,
Caiu no laço,
 Ai ! dom Celidon,
Dá-me um beijinho,
 Ai ! dom Celidon,
Dou-te um abraço.

Estou prezo aqui,
Nesta cadeia,
P'r'amor de ti,
P'r'amor de ti.

Ai ! a rolinha, etc.

A rolinha
Que no mar andou,
Caiu no laço;
Logo lá ficou.

Aj ! a rolinha, etc.

Roubei-te beijos, não digas
A ninguém que fui ladrão ;
Foi somente um roubo d'alma
Que guardei no coração.

Ai ! a rolinha, etc.

Os rapazes formam-se em roda e vão gyrando
n'uma especie do nosso *sapateado*, de permeio com
as moças, ficando uma dellas no centro do circulo,
—é a *rolinha*—e vae-se revezando emquanto dura o
folgado.

E que ternura no requebro d'aquellas danças !
E que suspiros n'aquellas vozes crystalinas !
E que gemidos nos sons daquellas violas en-
cantadas !

Lindo ! lindo ! lindo !

Tinha razão o Byron quando vertia para o seu
idioma uma das nossas trovas mais populares—o
Tu me chamas tua vida :

«You call me still your life etc.

Pois o que ahí tem de mais suave e de mais
languido o lyrismo infezado das nossas salas ?

Cantae ! Cantae gentis raparigas ! As vos-
sas graças são como o perfume das rosas silvestres
que nós aspiramos de longe, nós outros que temos

os sentidos todos crestados pelo bafo incandescente das cidades.

Cantae!

Mas de repente o sino da fazenda fez vibrar um som rijo e cortante. Era o da chamada para o repouzo.

Tudo emmudeceu.

Nós retiramo-nos pesarosos e eu repetindo comigo mesmo esta quadrinha do cancionero andaluz :

Mira que te mira Dios ;
Mira que te está mirando ;
Mira que te has de morir ;
Mira que no sabes cuándo.

* * *

O nosso quarto dava para o jardim. As janelas e as paredes, pelo lado de fóra, estavam todas cobertas de heras e trepadeiras.

A's quatro horas, a alva embranquecia apenas a encosta das colinas e já erguiamo-nos ao chilrear das avesinhas esvoaçando á beira dos telhados.

O sr. Monte-Negro estava de pé.

—Estou completamente são, disse-nos elle.

E felizmente era assim.

Apresentou-nos o album da fazenda, livro em que cada visitante escreve um pensamento ou um voto pela prosperidade da—Nova Louzã.

Deixamos tambem alli uma phrase cada um de nós.

E posso garantir-lhes que transmittimos para o papel o que nos ia sinceramente no fundo d'alma.

A Nova Louzã, apesar de ter sido sempre tão desajudado o seu proprietario, progride, progride sempre.

São para maravilhar os prodigios que nella se têm realisado.

O sr. Monte-Negro é de uma tenacidade incrível : é preciso ver, é preciso verificar de perto o seu trabalho para poder-se aquilatar a sua força de vontade e o assombroso resultado dos seus esforços inauditos.

Tudo hoje alli está formado para um grande futuro. Assim venha elle—ha de vir—coroar tanta dedicação, tanta paciencia, tantos sacrificios.

A Nova Louzã não é mais uma tentativa ou uma aspiração : é—em verdade lhes digo—é um exemplo, e, é mais ainda—é uma escola.

Os nossos patricios têm lá muito que aprender; têm quasi tudo.

A rotina deve sahir dos nossos habitos. Os braços fornecidos pelo elemento servil vão escasseando e, todos sabem, todos o dizem, é mister prevenirmos a crise antes que ella nos assoberbe.

* * *

Partimos emfim.

O Manuel da Serra, já todo prasenteiro e que foi uma das melhores vozes na *Canninha verde*, fez-nos as honras da despedida até ás divisas da fazenda.

Quando ella encobria-se já por entre as mattas, voltamo-nos ainda e contemplamo-la uma ultima vez.

E as scenas do nosso bello passeio, como tudo neste mundo ingrato, iam afogando-se pouco a pouco entre as nevoas do passado.

Dentro em breves minutos, de tudo aquillo, só restava para nós uma saudade, apenas a—saudade !

Campinas, 11 de Setembro de 1879.

F. QUIRINO DOS SANTOS.

A chuva em S. Sebastião

Por observações feitas nesta cidade, e cuja exactidão é garantida pelo curioso que as reuniu no seguinte quadro, verifica-se que nestes ultimos quatro annos, tem chovido nesta localidade em progressão crescente.

MEZES	ANNOS				Total dos dias de chuva em cada mez
	1875	1876	1877	1878	
Janeiro	9 dias	3 dias	6 dias	15 dias	33 dias
Fevereiro	6 »	6 »	6 »	8 »	26 »
Março	5 »	9 »	8 »	10 »	32 »
Abril	4 »	5 »	6 »	10 »	25 »
Maió	2 »	6 »	8 »	16 »	32 »
Junho	6 »	4 »	6 »	9 »	25 »
Julho	5 »	2 »	4 »	5 »	16 »
Agosto	5 »	10 »	8 »	6 »	29 »
Setembro	8 »	3 »	9 »	12 »	32 »
Outubro	9 »	5 »	9 »	12 »	35 »
Novemb.	4 »	12 »	10 »	9 »	35 »
Dezemb.	8 »	14 »	8 »	16 »	46 »
Total em cada anno	71 »	79 »	88 »	128 »	

S. Sebastião, 2 de Abril de 1879.

GUARATINGUETÁ

HOTEL MOTTA

EM FRENTE A' ESTAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO
S. PAULO E RIO DE JANEIRO

Este antigo e acreditado estabelecimento
está nas condições de bem servir
aos srs. viajantes

GARANTE-SE:

Bom tratamento

Promptidão

Commôdidade em preços

Tem troll para osromeiros que quizerem ir á
capella de N. S. da Appa ecida, que lhe fica proxima

J. J. MOREIRA, proprietario.

T. DE CASTILHO, gerente interessado

O instinto da propriedade, ou a luta pela vida

(UM COLIBRI)

Junto ao palacio do governo, nesta capital, na ala onde funcionam a secretaria da provincia e thesouraria de fazenda, ao lado do quintal, ha um antigo telheiro que outr'ora serviu de cavalhariça.

Em frente a esse telheiro existe uma fila de altas casuarinas, que lancando annualmente sobre o mesmo telheiro os seus detritos, folhas e ramos, que se renovam periodicamente, produziu o enchimento dos canaes, e consequentemente uma camada de humus ou de terra vegetal.

Sobre este telheiro, assim predisposto, implantou-se naturalmente uma parasita, da familia dos caraguatás (cardo silvestre Brasilica), ou (*Fillandria serrata*, Linn.) e alli achando abundantes elementos de vida, cresceu e tornou-se frondosa.

Neste anno de 1879 e no mez de Setembro achava-se ella em plena e luxuriante florição com dez lindas e esplendidas palmas de um brilhante carmesim, esmaltado de azul e do mais bello effeito.

Um pequeno e lindo colibri, essa mimosa avésinha de nossos campos, bosques e jardins, com suas pennas douradas e cambiantes, sua coleira branca, seu delgado e comprido bico, o primeiro talvez, que divisou aquellas lindas palmas e sugou aquella alluviaõ de calis, corólas e nectarios, o nectar sabroso das flores. sua favorita alimentação, comprehen-

dendo que havia alli sufficiente alimento para si, porém não para muitos outros, tomou a firme resolução de usufruir sósinha a secreção saccharina daquellas flores, não consentindo que outra qualquer ave ou insecto, dos que também vivem do nectar das flores, viesse co-participar daquillo que primeiro occupou, e considerou sua legitima e exclusiva propriedade.

Facto curioso e digno de observar-se.

Ao romper do dia a linda avesinha, que por certo fazia o seu pouso nas arvores fronteiras, vinha para junto do seu pequeno jardim, da sua propriedade, e uma vez alli, ora adejando sobre as rubras flores e extrahindo o nectar saboroso, ora pousando de um ou de outro lado sobre pequenos ramos secos cahidos das arvores fronteiras, passava todo o dia, como sentinella viva, com olhar penetrante e sempre applicado ás suas queridas flores para defende-las dos ataques do bando infinitamente grande de importunos usurpadores.

Durante todo o dia não se arredava do seu posto de honra e sempre prompta para o combate e para a defeza, fazia a natural selecção dos inimigos e dos indifferentes; dos que vivem do nectar das flores e dos que não vivem: a estes era permittido aproximar se e percorrer o seu jardim, pousar sobre as folhas e mesmo sobre as flores, a avezinha não se movia do seu posto, apenas observava: assim os tico-ticos, as corruiras, as andorinhas e todas as aves granivoras e insectivoras podiam livremente transitar e aproximar-se.

Outro tanto, porém, não acontecia aos demais colibris, ás abelhas (apis meliflua) e a todos os insectos que chegavam com o intento de sugar o mel de suas queridas flores e apenas se aproximavam, o colibri, veloz como um raio, atirava-se sobre o importuno invasor de sua propriedade e a bicadas

levava-o a grandes distancias, e quando julgava o inimigo bem longe de suas fronteiras, voltava immediatamente ao seu posto, cheia de si, prompta a emprehender novos combates e a continuar a sua incessante e tenaz defeza e assim prosseguia durante todo o dia, sempre combatendo e sempre expellindo os seus adversarios.

Nenhum outro vivente sugava o nectar de suas queridas flores !

Este facto, presenciado diariamente por quem escreve estas linhas e por muitas outras pessoas, não parece revelar-nos, que nos proprios animaes, e até nesta avesinha, ha o instincto natural da propriedade?

E quando assim não seja, não revella elle incontestavelmente a luta travada pela vida? sem duvida que sim.

E' nesta luta incessante, empenhada de momento a momento entre todos os animaes e todas as plantas, que os mais fortes, os mais valentes, os mais tenazes supplantam os mais fracos, que succumbem e muita vez servem de alimento aos mais fortes, que vivem e reproduzem-se.

Eis a luta pela vida.

S. Paulo, 27 de Setembro de 1879.

M. MONTEIRO DE GODOY.

Aconselhado Tiberio para lançar um pesado tributo ao povo, este cheio de raiva e indignação, respondeu a quem o aconselhava : « O bom pastor costuma tosquear as suas ovelhas, mas não lhe tira a pelle. »

UBALDINO DO AMARAL

ADVOGADO

Beco das Cancellas n. 1

RIO DE JANEIRO

Flôr do ipê

(VERSOS BRASILEIROS)

Na clara estação gorgeiada,
Em flôr o ipê se desata.
Oh bella arvore dourada !
Oh loura filha da matta !
O tronco, o pae, se revê,
Todo ufano, todo zêlos,
Nesses teus aureos cabellos
Que o sol beija, oh flôr do ipê !

As abelhas, joias vivas,
Adereçam-te o toucado ;
Diz-te phrases expressivas
O sabiá namorado ;
De ramo em ramo o tiê
Cahe como gotta de sangue ;
E a coral se enroscá langue
Nos teus braços, flôr do ipê !

Mas, ai ! tanta formosura,
Tão festejada e querida,
Pouco tempo vive e dura,
Logo cahe a flôr sem vida...
E sombrio e nú se vê,
Mudo, tragico, isolado,
Como um pae desamparado,
O velho tronco do ipê !

Na doce quadra encantada
Dos sonhos e da esperança,
Vestiu-te a illusão dourada
O coração de creança...
Surgiu-te—meu Deus, porque?—
Ante os passos peregrinos
Creança de olhos divinos,
Loura como a flôr do ipê.

Flôres de que te cobriste,
Coração em primavera,
Cahiram todas, ai, triste!
Quanta dourada chimera!
Eis-te da sorte á mercê,
Já sem viço, já sem flôres...
Aquelles pobres amores
Foram como a flôr do ipê!

Rio de Janeiro, 1878.

LUCIO DE MENDONÇA.

Um certo fanfarrão, com a mania de fazer versos, porém que os comprava para os recitar como producção sua, dirigiu-se a Marcial para que lhe desse o seu parecer; Marcial conhecendo-os, respondeu-lhe: «O senhor tem razão para chamar estes versos seus, porque, na verdade custaram-lhe o seu dinheiro!»

Costumes indigenas

Pelo illustrado sr. dr. Paulo do Valle foi-nos offerecido um curioso manuscripto, relativo aos costumes dos indios que habitavam entre S. Paulo e Goyaz.

Abaixo o publicamos, conservando-lhe a respectiva fórma de perguntas e respostas.

1.º QUESITO

Quaes os costumes em geral, dos indios, que habitavam entre S. Paulo e Goyaz?

São os Cayapós os indios que habitavam esse territorio no tempo em que os desalmados mamelucos, depois da destruição do Guayrá, lançaram-se ás mattas em procura de ouro, e de captivar indios para a exploração das suas minas, levando-os a ferro e fogo.

Foi longa e cruenta a lucta travada entre elles. A principio os mamelucos levaram de vencida os indios; mas estes, por sua vez, em represalia, e com egual ferocidade á d'aquelles, devastaram o territorio, acommettendo não só aos estabelecimentos ruraes, como as caravanas que promoviam o commercio entre S. Paulo, Minas e Goyaz.

Por varias vezes tentou-se contra esses indios com medidas violentissimas e atrozes, e taes que o

general Cuaha Mattos, em seu itinerario, chegou a dizer, que excederam ellas *em muito* ás matanças praticadas pelos hespanhoes no Haiti e Cuba.

Pôde, enfim, subtrahir-las ás matas o pedestre José Luiz por meios brandos e suasorios, levando-os a se estabelecerem na aldêa Maria, a 11 legoas de Villa Bôa, e em pouco tempo contou-se em seu pessoal 600 individuos.

Foi assim que terminaram as hostilidades que naquelle territorio faziam-nos os Cayapós, asylando-se na serra que ainda hoje é conhecida com o nome desses indios, e nas mattas que se estendem da margem direita do Paraná ao Rio Pardo, aquelles que não quizeram aldear-se.

Foi ahí e defronte do salto do Urubú-pungá, que em 1810 deparou com esses indios o paulista, conego João Ferreira de Oliveira Bueno, quando se dava ás explorações do Paraná, residindo em diversos alojamentos.

A respeito dos costumes desses indios refiro-me ao que sobre elles disse o conego Luiz Antonio da Silva e Souza, chronista de Goyaz, transcrevendo as suas proprias palavras.

«Cayapós. Nação bravissima e muito numerosa, que com os seus ataques obsteu em principio ao augmento da capitania e hoje residentes nas aldêas Maria e S. José, ainda que existem muitos ao sul de Villa Boa, tendo differentes aldêas, sendo a maior a que está nas visinhanças de Camaquan: alongam-se nas suas caçadas e correias até os sertões de Coritiba, em distancia de 300 legoas: são valentes e guerreiros: usam, além do arco e frechas, em que são destrissimos, de certos paus cortados e rijos, com que pelejam de perto: tem alguns ritos jadaicos; admitem a polygamia e o divorcio: contam os mezes por luas: fazem festas e ajuntamentos noturnos, em que em confuso procuram a propagação: fazem

as exequias dos seus mortos com danças, e se tingem de negro em as occasiões do seu sentimento; nas visinhanças da Paschoa pintam em si com tinta de genipapo botinas, peitos d'armas, e fazem então com grande vozeria as suas festas e jogos, sendo o mais celebre o que chamam de touro, em que disputam uns com os outros as forças na carreira, tomando uns do hombro de outros um grande tronco em que empregam neste ministerio.»

2.º QUESITO

Qual o genero de castigo que esses indios impoziam a um emboaba que penetrasse as suas tabas?

Nada ha de exequivel a respeito do regimen interno, e da vida intima da nação Cayapó, porque em seus tão longinquos alojamentos não pôde penetrar esse apostolado das mattas a que se deram os jesuitas, poupando assim gemidos á humanidade e que foi um grande beneficio do nascente povoamento do Brazil.

Dos primeiros homens conhecidos por esses indios, afóra os da sua raça foram os mamelucos, essa mistura infesta da raça aborigene com a portugueza, de quem só ha horrorosas tradições por sua ferocidade contra os indios que ousavam affronta-los; mas os mamelucos por sua origem não podem ser classificados puramente como emboabas; e ainda mais, porque foram assim appellidados os homens que appareceram aos selvagens de pés cobertos, e aquelles não usavam de calcado.

Da docilidade de sua indole e dos seus costumes patriarchaes pôde-se inferir que os Cayapós não infligiam aos seus prisioneiros, qualquer que fosse a sua raça, ou aquelles que casualmente iam deparar com os seus alojamentos, esse supplicio a que os

romancistas dão o nome de « festim canibal » e que só tem por origem a narrativa de Von Stade quando prisioneiro dos Tamoyos, e nem mesmo impunham-lhes outro castigo que não fosse o de trata-los como escravos, applicando-os ao seu serviço.

3.º QUESITO

O apparatus da imposição da pena de morte, e a pompa do casamento entre os mesmos indios?

Na solução do 2º quesito póde se comprehender a deste no que diz respeito aos prisioneiros, ou aos que improvistamente cahiam em poder desses indios.

Os casamentos entre elles faziam-se só por mutuo consentimento do homem e mulher, e ás vezes dos paes da pretendida. Nem anterior nem posteriormente a esses actos havia apparatus ou manifestação alguma de regosijo ; nada mais era do que seguir a mulher ao homem para a habitação deste.

Não era assim, porém, quando haviam varios pretendentes a uma só mulher. O pae desta, e em sua falta o cacique da tribu impunha aos pretendentes a prova do *madeiro*, isto é, o carregar um enorme tronco áquella distancia que permitissem as forças do carregador : o que vencia o maior espaço era o preferido para o noivado.

Occasiões houve em que nessas provações alguns dos pretendentes succumbiram.

P. S.

1º Viu nome de mulher que seja euphonico e proprio para entrar em verso ?

Na opinião do celebre viajante Aug. de Saint Hilaire nada tem de poetica a linguagem dos Cayapós ; o som de suas palavras é guttural, e exprimido com a bocca quasi fechada, á imitação dos gua-

ranis, posto que nenhum dos vocabulos destes seja similar aos d'aquelles.

Dos nomes das mulheres daquelle raça só se conhece o de Damiana, neta de um cacique, que em 1819 era casada com um sargento de pedestres, e que, quando affectada da nostalgia ia desafogar-se no sertão, e procurar alivio entre os de sua origem.

Da nomenclatura seguinte, anagrammando-a, talvez se depare com algum vocabulo, que não seja ingrato á audição e á harmonia poetica.

Sol	<i>impu'é.</i>	Peito,	<i>chucóto.</i>
Lua,	<i>puturud.</i>	Braço,	<i>ipá.</i>
Estrellas,	<i>amrité.</i>	Mãos,	<i>chieria.</i>
Mulher,	<i>intiera.</i>	Pé,	<i>ipad.</i>
Criança,	<i>nhontuára</i>	Arco,	<i>itre.</i>
Rapaz,	<i>iprintué</i>	Frecha,	<i>caj'ne.</i>
Rapariga.	<i>iprontuaria.</i>	Bom,	<i>impéimpâré</i>
Um indio,	<i>p'marid</i>	Formoso,	<i>intompeiparé.</i>
Cabeça,	<i>ierian.</i>	Feio,	<i>intomarca.</i>
Cabellos,	<i>iquim.</i>	Branco,	<i>macdcá.</i>
Olhos,	<i>intó.</i>	Negro,	<i>colú.</i>
Bocca,	<i>chapé.</i>	Vermelho,	<i>ampiampio.</i>
Dentes,	<i>chuà.</i>	Pequeno,	<i>ipânvré.</i>
Pescoço,	<i>impudé.</i>	Eu danço	<i>incréli.</i>

2.º A significação da palavra indiana «tupan» e a versão dos indios aos vocabulos *raios e trovão*. Qual sua crença a respeito do —fado— e dos —genios bons e máus— dos antigos?

Para os Tupis, que se ha classificado como a nação originaria, da qual procederam as outras, que a historia dá como habitando primitivamente a America meridional, e existiam ao tempo do seu descobrimento, era a palavra *tupana* a que empregavam para a significação genuina do creador do universo.

Vê-se esta palavra, com a eliminação da ultima letra, em todos os dialectos derivados da — lingua geral—ou lingua mãe por excellencia, que outra não era senão a dos mesmos Tupis com tenues modificações, e que se acha formulada em lexicographia por um jesuita.

Ao sol, a quem esses indios deram a versão de *caracy*, adoptada ainda pelos seus descendentes, facultavam os attributos de, como o filho predilecto de *tupan*, e seu mensageiro, diffundir no mundo os seus beneficios e primores, e abrir a porta ao dia; e como tal rendiam-lhe cultos.

O raio, a que os indios davam o nome de *ita'ayba*, e que se pôde traduzir por pedra de fogo máu—*itá*, pedra—*tatá*, fogo—*ayba*, máo, e o trovão, que chamavam *tupá*, derivado de *tupana*, que designava Deus, como acima fica dito, e que as nações oriundas dos Tupis confundiram na de *tupan*, resumindo nella só as significações do auctor da criação, e de um de seus attributos, segundo as suas creanças; estes phenomenos naturaes eram na opinião dos indios, o trovão, o annuncio da Divindade em cholera contra os homens, e o raio, os effeitos immediatos dessa cholera castigando o mundo.

Os Tupis e as nações que lhe succederam tinham tambem a sua mythologia, resumida á pequenez das suas faculdades mentaes; nella figuravam em primeira plana *tupan*, já dito, como o creador da natureza; o trovão, como o seu arauto, e o raio, como o vibrador da sua espada na terra. Imaginavam a lua como um ser secundario proprio unicamente ás mulheres, e ás estrellas, como faiscas de fogo desprendidas do sol.

Haviam genios bons e máus, denominados os primeiros por *Caraibébé* (anjo bom) e os segundos por *Anhang* (o diabo), e representados na terra, aquelles por animaes inoffensivos como a anta, o veado,

o jacú, a pomba, etc., e os outros, pela onça, Jacaré, gavião, urubú, etc. E para que estes agentes não andassem desgarrados no mundo, e a seu alvedrio, praticando nelle os seus diversos misteres, obedeciam aos *payés* que se inculcavam como emanações de *typpm*, e com a direcção espiritual dos indios, incitando-os á guerra, reprimindo seus desmandos e curando-os em suas enfermidades.

Além destas haviam outras entidades imaginadas pelos indios em seu estado selvagem, formando o corpo da sua mythologia, que podem ser estudadas nos diversos historiadores da America, citados por mim na dissertação sobre a religião dos indigenas, que apresentei ao Instituto Historico e geographico Brasileiro, e foi publicada no tomo 6^o das suas Revistas, e a pag. 133 e seguintes.

S. Paulo, 15 de Agosto de 1859.

J. J. MACHADO D'OLIVEIRA.

As eras

A era christã, usualmente seguida por toda a Europa, começa no nascimento de Christo.

A era juliana data da reforma do calendario, mandada fazer por Julio Cesar, e principiou no anno 45 antes do nascimento de Christo.

A era da republica franceza começou em 22 de Setembro de 1702.

A era da hegira, ou dos mahometanos, e que por elles é usada, principiou desde o momento em que Mahomet fugiu de Meca; o que teve logar a 16 de Julho do anno 622 da era christã.

ESTEVAM LEÃO BORROUL

EDITOR DO—MONITOR CATHOLICO

Frei Caetano de Messina

Estudo historico-religioso

Um volume in 8° de XXI—138 paginas, com retrato e *fac-simile* do moderno apóstolo do Brazil
A' venda em todas as livrarias, 3\$000 brochado

São Paulo

O BISPO DE OLINDA

D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira

PERANTE A HISTORIA

(COM O RETRATO DO BISPO)

Sahiu á luz esta obra que contém a historia documentada do conflicto religioso. Acha-se á venda no escriptorio do auctor, á rua Nova do Ouvidor n. 6, sobrado.

Preço de cada exemplar 6\$000; remettido pelo correio, 7\$000; encadernado, 7\$000; remettido pelo correio, 8\$000.

Os srs. subscriptores podem mandar receber os seus exemplares, enviando o competente recibo.

Aquelles que desejarem que se lhes remetta a obra pelo correio, devem mandar para o registro e sello.

RIO DE JANEIRO

Como o clima da provincia de S. Paulo influe sobre o character de seus ha- bitantes

I

Já disse alguém que a terra é uma grande machina, complicadissima, onde cada peça que constitue o immenso organismo tem funcções particulares e determinadas, sem quebra da harmonia das forças que sollicitam o nosso planeta.

E' assim que os grandes oceanos com suas correntes e a atmosphera com suas variações, encarregando-se da distribuição do calor e da humidade por toda a superficie do globo, levam tambem comsigo os elementos indispensaveis da vida que sustentam as variadas especies de seres que o povôam.

Por sua parte, as montanhas, que parecem todas caprichosamente desenhadas por sobre a superficie immensa dos continentes, são outros tantos organs importantissimos da economia terrestre, que affectam, senão directa, ao menos indirectamente a evolução gradual e successiva das especies.

Modificando constantemente a acção de um e de outro, estes organs do organismo terrestre concorrem não sómente para o pleno desenvolvimento da vida animal e vegetal, como tambem para o per-

feito equilibrio das forças physicas que ao nosso globo sollicitam.

E os climas que variam constantemente, segundo a latitude e a configuração de cada paiz em particular, devem em grande parte essas modificações, não só ás correntes oceanicas, como tambem á direcção dos ventos e á disposição das montanhas.

Por essa razão, antes de determinar-se o clima de uma região qualquer cumpre estudar o seu aspecto physico e a sua posição em relação á grande linha equatorial.

O clima é, pois, em ultima analyse, o resultado das funcções innumeradas dos diversos organs que constituem a nossa machina terrestre; e como tal, o agente mais poderoso da economia do nosso planeta, uma vez que concretisa a accção isolada de todas as forças que o animam.

E' assim que até hoje incontestada tem sido sua influencia, não só na distribuição das especies que constituem propriamente o reino vegetal, como até mesmo no desenvolvimento mais ou menos amplo da vida puramente animal.

E' bem sabido que a flora e a fauna de um paiz tropical, se bem que se encontrem em diversos individuos que as representam isoladamente, não são as mesmas de uma região que se acha mais ou menos visinha dos circules polares.

Ha em certos paizes especies que não se encontram em outros, individuos que lhes são particulares. E donde vem este phenomeno, aliás incontestavel, senão da influencia que sobre a vida dos seres exercem as condições climatericas dos paizes em que elles possam habitar.

A grande lei darwiniana da selecção natural o que mais é do que o reconhecimento pratico desta influencia?

Si as especies se aperfeçoam por via da selec-

ção natural, não é senão em rasão da adaptação do organismo individual ao meio cosmico em que vivem : é a propria natureza, isto é, o clima, fazendo directamente a selecção, determinando a vida do individuo, o desenvolvimento da especie, e separando o forte do fraco, para formar o genero.

Eis a rasão porque um eminente representante da sciencia moderna nos assegura que « a questão de saber se um animal pôde ser aclimatado em tal ou qual parte do mundo, depende, não só do conhecimento da temperatura ali existente, como da quantidade de humidade contida no ar ; pois cada um destes elementos meteorologicos influe sobre as produccões do solo. »

A flora e a fauna do valle do Amazoas, por exemplo, não são as mesmas que as da Australia ; encontram-se nas magestosas florestas da America passaros e reptis que não existem em outra parte do globo.

O clima, portanto, é o agente por excellencia que regula o desenvolvimento da vida na superficie da terra, e faz sentir a sua influencia não só no reino vegetal como no animal ; e o homem não pôde furtar-se até certo ponto á sua acção.

Productos da natureza, está, como os demais seres que habitam a terra, sujeito a influencia das leis naturaes. E só a força de sua intelligencia consegue de certo modo modificar o meio em que desenvolve a sua actividade.

O clima, entretanto, varia como acabamos de ver, em rasão não só da direcção dos ventos, como das correntes oceanicas e da disposição particular das montanhas.

Um exemplo bem frisante nos offerecem o Labrador, situado na America Septentrional e a Irlanda. No primeiro destes paizes o inverno é rigoroso e a vegetação minguada ; ao passo que no

segundo, quasi na mesma latitude, o clima é mais ou menos agradável, cobrindo-se os campos durante a maior parte do anno de verdes pastagens.

A razão é simples, desde que se attenda á direcção da famosa Corrente do Golfo. Os ventos que sopram nas costas da Irlanda, impregnando-se de vapor aquoso em sua passagem pelo Atlantico e recebendo o calor que lhes communica esta corrente, chegam carregados de humidade ao territorio da ilha; e o vapor aquoso em suspensão na atmosphera serve como que de reflector ao calor emittido pela terra, por via da irradiação. No entanto que os ventos que sopram no Labrador, vindos do oeste chegam mais ou menos seccos, faltos de humidade, e não podem impedir a perda do calor terrestre, produzida pela irradiação.

Não são, unicamente, os ventos e as correntes maritimas que concorrem para a modificação do clima de uma região qualquer do nosso globo; a disposição das montanhas e das costas em relação aos ventos reinantes tambem contribue poderosamente para esse mesmo resultado.

Assim, por exemplo, é immensa a differença que ha entre o clima do Brazil e o do Perú. Em nossas costas sopram os ventos alizios que vêm carregados de humidade recebida na passagem pelo oceano Atlantico; e esses mesmos ventos, para chegarem ao territorio peruano, têm de transpor a grande cordilheira dos Andes. Perdem quasi toda a sua humidade, que é absorvida pelas montanhas, e chegam seccos ao Perú.

D'ahi a razão porque existem tão caudalosos rios no Brazil, ao passo que no Perú encontram-se pequenos regatos e grandes desertos.

Quanto á influencia exercida pela disposição das costas em relação aos ventos reinantes, é manifesta.

O grande valle do Amazonas e os territorios da Australia, apesar de se acharem na mesma latitude proximamente, offerecem grandes contrastes, não só em sua flora como tambem em sua fauna.

As costas do territorio brasileiro acham-se de tal maneira dispostas que os ventos alizios cahem sobre ellas quasi perpendicularmente, penetrando até o interior sem obstaculo algum; emquanto que as costas da Australia correm n'uma direcção pouco mais ou menos parallela á dos ventos reinantes naquellas paragens, recebendo assim o interior muito pouca humidade.

Resulta d'ahi que no valle do Amazonas as plantas encontram abundante alimentação não sómente no ar, que se acha carregadissimo de vapor aquoso, como tambem no solo que se conserva constantemente humido; ostentam, portanto, uma vegetação espantosa, ao inverso das plantas da Australia, que não encontram elementos que tanto auxiliem o seu desenvolvimento.

Assim reconhecida a influencia do clima sobre a distribuição dos vegetaes e animaes na superficie da terra, bem como as causas que podem modifica-lo cumpre-nos estudar o valor que tem essas causas no problema que discutimos, para determinarmos até certo ponto a acção que sobre o character do povo paulista tem exercido o clima de nossa provincia.

E' uma tentativa que fazemos no sentido de dar ao facto, tão estranho e por todos notado da indole comprehendedora dos paulistas, uma explicação mais positiva e mais scientifica do que tem-se dado até aqui.

Não seja entretanto, recebido este insignificante trabalho como um meio de depreciar os grandes e notaveis entendimentos que se têm ultimamente realisado nesta provincia; longe de nós de-

preciar aquillo de que justamente nos orgulhamos como verdadeiro paulista.

II

Está hoje verificado, depois de diversas experiencias devidas a alguns eminentes navegantes, que a elevação da columna barometrica debaixo dos tropicos é muito maior do que debaixo da linha equatorial; o que prova sem duvida que a pressão atmospherica na zona do Cancer e do Capricornio é muito superior áquella que se faz sentir no Equador.

Ora, desde que exista no grande oceano aereo regiões de differentes pressões, é claro que ha de dar-se impreterivelmente uma deslocação da massa atmospherica, em virtude do desequilibrio produzido pela desigualdade da densidade; ha de, portanto, existir uma corrente inferior dos tropicos em direcção ao Equador e outra superior, deste para aquelles.

E' justamente o que acontece. Em rasão da maior densidade do ar na região dos tropicos, estabelece-se a corrente dos chamados ventos geraes, que sopram constantemente em direcção á grande linha equatorial. E estas correntes ahí cahiriam perpendicularmente se não fossem perturbadas em sua marcha pela rotação diurna do planeta.

E' assim que temos nas costas da America meridional o sudoeste, que sopra constantemente, percorrendo quasi todo o territorio brasileiro.

Este vento, em seu trajecto pelo oceano atlantico, carrega-se extraordinariamente de vapor aquoso produzido pela constante evaporação da superficie dos mares e chega ás nossas costas prenehe de humidade.

Além disso, como pela evaporação das aguas

conservam as visículas vaporosas uma certa quantidade de calor latente, traz-nos ainda mais o sudoeste uma grande provisão de calor que logo se desembaraça, ao condensarem-se os vapores existentes na atmosphera, para formarem as nuvens.

E como o calor é um agente poderosissimo na modificação dos climas, é manifesto que o vapor aquoso contido no ar, como reservatorio d'aquelle elemento, influirá grandemente sobre as producções dos solos das diversas regiões continentaes ou insulares.

D'ahi a rasão de se tomar sempre em consideração o estado hygrometrico da atmosphera, todas as vezes que se trata de determinar o clima de um paiz com relação á sua producção.

Mas o vento reinante nas costas do territorio brasileiro é, como já dissemos, o sudoeste; d'ahi a causa da exuberante vegetação de nossas terras, que mais redundava em prejuizo do que em beneficio do andamento deste povo.

Nem deve parecer estranha esta proposição, quando é certo que encontra a sua confirmação na historia.

Antes de tudo é evidente que, em toda a parte onde as forças da natureza forem superiores ás do homem e não poderem ser por elle subjugadas, será impossivel o desdobramento progressivo de sua actividade e portanto o melhoramento das condições sociaes.

Encontrando a cada passo obstaculos insuperaveis, forças cuja acção parecem immobilisar todos os seus esforços, sem duvida que o homem julga-se vencido n'essa lucta desesperada contra os agentes physicos que o rodeiam e conserva-se estacionario ante a omnipotencia da natureza.

Dá-se então o admiravel contraste da fraqueza

e pequenez do intellecto humano em frente da pujança e magestade das forças que o envolvem.

E' assim que as civilizações antigas apparecem todas, onde a acção que exerce o homem sobre o mundo physico, apesar do grande desenvolvimento da natureza, é até certo ponto superior aos obstaculos que ali possa encontrar.

E a marcha da civilisação mostra-nos bem claramente que o progresso não apparece senão lá onde a actividade e energia do espirito humano consegue dominar os agentes physicos e emprega los em seu beneficio.

Assim, ao extinguir-se nos elevados picos do gigantesco Himalaia o phanal da civilisação dos povos, ergue-se ali no tope das pyramides a bandeira fluctuante do progresso. E quando mais tarde parece a civilisação egypcia exhalar o ultimo alento, desaparece de sobre as placidas aguas do Nilo a sombra do estandarte do progresso, para ir projectar-se, do alto de seus entrecortados picos, sobre as ridentes campinas da poetica Grecia.

E o que mostra este phenomeno historico, de todos conhecido, senão que na India, no Egypto e na Grecia, apesar do esplendor e magestade de sua natureza, a acção do intellecto humano sobre o mundo objectivo foi mais forte do que a reacção por este produzida?

Estudem-se a natureza desses paizes, as suas condições climatericas e a sua posição geographica, e ver-se-ha que á medida que a civilisação progride passando de um para outro, tambem augmenta-se na mesma proporção a superioridade da força e energia da intelligencia humana.

Parece que a somma de actividade concentrada no organismo humano expande-se em circulo mais amplo no Peloponeso do que nas regiões afamadas da antiga Thebaida.

Muita razão teve, portanto, o eminente auctor da *Historia da civilisação na Inglaterra*, quando affirmou em sua obra monumental que a civilisação dos povos, ainda que resultado de muitos factores combinados, depende em grande parte da preponderancia das forças humanas sobre os agentes propriamente physicos que se encontram na natureza.

Ora, no Brazil, a exuberancia de vegetação que ostentam nossas florestas e o vastissimo systema hydrographico que como uma immensa rede corta a superficie de nosso territorio, indicam sufficientemente que a superioridade está na natureza e a inferioridade na energia humana.

«O vento geral — diz Buckle—soprando na costa oriental da America do sul e procedendo de leste, atravessa o oceano Atlantico e deixa, pois, a terra cheia de vapores accumulados em sua passagem. Estes vapores, tocando a praia em intervallos periodicos, são condensados em chuva; e como seu progresso para oeste é obstado pela cadeia gigantesca dos Andes, que não podem passar, empregam toda a sua humidade no Brazil. Esta abundante cópia de humidade, sendo ajudada pelo vasto systema fluvial peculiar á parte oriental da America, e acompanhada pelo calor, tem estimulado o solo a uma actividade sem igual em qualquer outra parte do mundo.

«O Brazil, que é quasi tão grande como toda a Europa, é coberto de uma vegetação de incrível profusão. Tão viçoso e luxuriantemente é o seu crescimento que a natureza parece extravasar-se n'um jogo de vaidosa força.

«Entre esta pompa e o esplendor da natureza porém—continúa elle nem um logar foi deixado para o homem! Elle é reduzido á insignificancia pela magestade que o cerca. As forças que se lhe oppõem são tão formidaveis que elle nunca foi apto

a lhes fazer frente, nunca foi capaz de resistir á sua accumulada pressão. Desta arte as energias da natureza hão encaideado o espirito do homem. Em nem uma parte é tão penoso o contraste entre a grandeza do mundo externo e a pequenez do interno. O pensamento intimidado por esta lucta desigual não só tem sido incapaz de avançar, como sem o auxilio estrangeiro teria indubitavelmente recuado.»

É claro, portanto, que se não existe no Brazil vestigios de uma civilisação primitiva, é devido isso a esta exuberancia excessiva da natureza, que, se fosse menor, teria certamente ajudado as forças do homem, como nos diz o mesmo auctor no final da passagem que citamos.

Appliquemos esta theoria particularmente á nossa provincia e vejamos o resultado a que ella nos conduz.

III

Bem differente sem duvida é o clima da provincia de S. Paulo do das outras provincias do imperio ; assim, por exemplo, ao passo que nas outras encontram-se grandes e notaveis bacias hydrographicas, como a do Amazonas e a do S. Francisco, em nossa provincia ha apenas a do Tieté, relativamente pequena, e que nem póde soffrer uma comparação com qualquer d'aquellas duas.

Do mesmo modo, quando se encontram, nos valles correspondentes aquellas duas gigantescas correntes, immensos tractos de terra cobertas de magestosas florestas e de uma vegetação sem igual, no valle do Tieté abundam, é certo, as florestas virgens, mas sem o character imponente que as distinguem d'aquellas outras provincias.

Assim tambem, ao mesmo tempo que nas provincias do norte apparecem quasi que periodicamente

Os terriveis flagellos da secca e da fome, acompanhados de um calor iatensissimo, mantem o clima de S. Paulo um justo meio-termo, não sendo nem muito rigoroso no inverno nem no verão, e servindo antes para estimular a energia do homem do que para suffocar as variados manifestações do seu engenho.

E ao que se devem essas modificações que tornam o nosso clima tão superior ao das outras provincias do imperio ?

A mais simples inspecção de uma carta geographica mostra-nos logo a sua causa; é a boa serra do Cubatão que devemos estes favores; é a ella que deve o nosso clima a propriedade de possuir as condições mais adaptadas e necessarias ao desenvolvimento da actividade e energia dos habitantes deste canto do Brazil.

O sudoeste, que é o vento dominante nas costas do territorio brasileiro, carregado de vapor aquoso subtrahido em sua passagem pelo oceano,ahi deixa nas alturas da serra de Santos parte de sua humidade (justamente aquella que viria produzir o excesso com todos os seus inconvenientes) e penetra no interior da provincia relativamente secco.

«Entre nós—diz um illustrado agricultor desta provincia reinam geralmente os ventos sueste e noroeste; o primeiro frio e secco por ter depositado toda a sua humidade desde a serra do mar até a do Japy e provindo de um planalto mais frio chega-nos com baixa temperatura; o segundo é quente e humido, vindo de regiões baixas, quentes e humidas. Porisso o sueste além do frio que nos traz de outras regiões provoca ainda grande evaporação pela necessidade de absorver os vapores aquosos, e é, portanto um dos causadores dos frios dos nossos invernos.

« O norte e mais ainda o noroeste—acrescenta

elle—são os nossos ventos beneficos ; a elles devemos pelo calor e humidade que nos trazem quasi toda a nossa riqueza, como ninguém nesta provincia ignora ; e assim deve ser, vindo elles de terras baixas, mais ou menos a 300 metros acima do mar, ao passo que a parte cultivada acha-se de 500 a 900 metros de elevação sobre o mar, e, portanto, quentes.»

Imagine-se agora, uma vez conhecidos os dois ventos que sopram constantemente em nossa provincia, qual seria o resultado, acaso não existisse a serra do mar.

Certamente que, em logar deste equilibrio admiravel que se observa entre as duas correntes, encarregando-se uma de supprir-nos do calor e da humidade necessarios para o crescimento de nossas plantas, e a outra do restabelecimento de uma temperatura normal, deixando o excesso de humidade que a sobrecarrega e contrabalancando a influencia do calor trazido pelo noroeste, teriamos o excesso em tudo e, portanto, o mesmo que acontece em outras provincias do norte do imperio.

Qual o resultado, por exemplo, do excesso de calor e humidade que se nota na provincia do Amazonas ?

Em frente daquella natureza prodiga de exuberância, que papel representa o homem? Ha ahi um completo desiquilibrio entre as forças intellectuaes do individuo e os agentes physicos da natureza.

Em face da omnipotencia das forças naturaes. o homem sente-se pequeno, abate-se e recua ; emquanto que em face de uma natureza pequena, elle sente-se grande, forte e caminha.

Em S. Paulo não ha como no Amazonas e no Pará, superioridade das forças physicas sobre a energia humana ; aqui o clima é regulado de modo a

incutir vigor no animo do homem e não desalento : os agentes physicos são inferiores aos estímulos da intelligencia.

D'ahi a proverbial energia dos paulistas, revelada desde os tempos coloniaes. Homens de temperamento energico—como diz o dr. Americo Braziliense em suas *Lições de Historia Patria*—incapazes de viverem em ociosidade, tinham necessidade de dar expansão a seu espirito emprehendedor, desde que não esperavam bons resultados de novas tentativas contra os indios do Paraguay. Voltaram suas vistas para o norte do Brazil e penetraram nos remotos sertões até ás proximidades do Amazonas.»

Foi assim que descobriram elles, fazendo caminho por entre as mattas, e arrostando todos os perigos, as terras auríferas das provincias de Minas e Goyaz.

Outro facto que tambem revela a energia dos antigos paulistas é a famosa guerra dos emboabas, bem conhecida de todos. Depois de tantos sacrificios não poderam ver na posse de outros o thesouro que haviam descoberto e travaram a luta com os usurpadores, manchando com seu sangue as aguas do Rio das mortes.

D'onde vem essa energia ?

Qual a razão de não se encontrarem exemplos semelhantes nas outras provincias ?

Parece-nos que a explicação desse phenomeno encontra-se em parte na influencia benéfica que sobre o desenvolvimento da actividade humana exerce o clima desta provincia.

Sem duvida que não é este o unico factor do problema ; ha tambem o elemento ethnico que deve ser tomado em consideração. Ha mais sangue europeu nesta provincia do que em outra qualquer.

A essas duas causas devem certamente os paulistas a energia que têm mostrado em todos os

tempos. E se antigamente distinguiam-se como audazes exploradores dos mais remotos sertões, hoje sobressaem pelo espirito apprehendedor que principalmente os caracteriza.

Em parte alguma tem tido a agricultura tão grande desenvolvimento como entre nós; e assim não aconteceria de certo se outras fossem as condições climatericas da provincia. O grão de produção de um paiz depende não só da natureza das terras como do estado hygrometrico da atmospheria.

Mas o crescimento da agricultura acarreta forçosamente a accumulacão de riquezas e a necessidade de uma viação prompta, facil e commoda para o transporte dos productos.

D'ahi o estabelecimento de linhas ferreas, que hoje cortam a parte mais importante da provincia, e que constituem um dos maiores commettimentos da iniciativa individual neste paiz.

E' sem duvida alguma em rasão do seu clima que os habitantes desta provincia tanto se avantajam sobre o resto da população brasileira.

Emquanto ao norte do imperio morrem as populações á mingua de recursos, implorando a protecção do governo, em S. Paulo realisam-se festas magestosas para commemorar a inauguração de mais uma linha ferrea.

E este espirito apprehendedor, que parece uma febre ardente a devorar a meate do paulista, nasce incontestavelmente da circumstancia de ser o homem aqui mais poderoso do que a natureza.

Parece-nos, pois, verdadeiro o axioma do grande escriptor inglez: onde a natureza é superior ao homem não póde haver progresso.

A reciproca d'esta proposição não é menos verdadeira; e onde se observa energia e actividade da parte dos homens póde-se dizer que ahi as forças

phísicas estão subordinadas ás regras da intelligencia.

Ora, já vimos como o clima de nossa provincia differe do das outras suas irmãs, e bem assim como se-acham aqui subordinados á vontade humana os agentes phísicos; é justo portanto, concluirmos que a indole eminentemente emprehendedora dos paulistas é devida em parte a influencia que sobre o desenvolvimento de sua actividade exerce o clima de nossa provincia.

ALBERTO SALLES.

Estradas de ferro paulistas

A estrada de ferro da companhia S. Paulo e Rio de Janeiro tem em trafego toda a sua extensão medindo 231 kilometros.

A de Santos a Jundiahy está tambem toda em trafego e tem de extensão 139 kilometros.

A companhia Paulista, da estrada de ferro de Oeste, tem em trafego, de Jundiahy ao Rio Claro, 134k500^m, e de Cordeiro a Pirassununga 68 k.; e em construcção, de Pirassununga ao Porto de João Ferreira 20 k. Extensão total 222k500^m.

A Bragantina tem em construcção, de Belem a Bragança (extensão total) 53 kilometros.

Da Sorocabana estão em trafego, de S. Paulo a Ypanema 128 k.; e em construcção de Ypanema a Bacaetava 17 k. Extensão total 145 kilometros.

A Ytuaba tem em trafego: de Jundiahy a Ytú 70 k. e de Itaicy a Piracicaba 92 k. Extensão total 162 kilometros.

Na Mogyana acham-se em trafego: de Campinas a Casa Branca 173 k. e de Jaguary ao Amparo 30 k. Extensão total 203 kilometros.

CASA BANCARIA

DO

Dr. Theodoro Reichert

Entrando esta casa no 17.º anno de existencia, continúa a descontar lettras com duas firmas, dar dinheiro a premio sob garantia de titulos commerciaes, apolices da divida publica, accções de estradas de ferro, ouro e prata cunhados, abre contas correntes caucionadas e dá dinheiro sob hypothecas.

Recebe dinheiro a premio com as seguintes taxas :

Pagavel á vista	5 %	ao	anno
Com aviso previo de 30 dias	6 %	»	»
A prazo de 6 mezes	7 %	»	»
A prazo de 1 anno	8 %	»	»

S. Paulo, 1º de Janeiro de 1880.

O dr. Martinho Prado Junior

Nos annos de 1860 a 1863 frequentava as aulas do primeiro anno do curso juridico um mocinho franzino, um tanto estouvado e que chamava a attenção dos contemporaneos pelo exaltamento com que discutia as questões sociaes, manifestando-se republicano.

Referindo-se ás suas opiniões, alguns collegas e outras pessoas de fóra da academia diziam sentenciosamente :

—Ora, aquillo é fogo que passa ; toda a familia é conservadora...

Entretanto aquella figurinha debil, pallida e irritante completava os seus estudos e tomára emfim o grau de bacharel em sciencias sociaes e juridicas.

Neto e filho de chefes conservadores, tendo na politica militante um outro irmão já bem conceituado entre os correligionarios, o joven bacharel continuou a sustentar as mesmas opiniões e a ser considerado—uma creança exaggerada e quasi sem criterio politico.

*

Nesses dias em que o patriotismo criara tantas acções nobres, durante a guerra do Paraguay, o nosso joven *estouvado* teve tambem o seu lance patriotico : offereceu-se para marchar com o 7º batalhão, o paulista, e foi no posto de tenente.

O moço rico, membro de uma familia importante e influente na provincia, tendo deante de si diversas carreiras a seguir com proveito e brilho para si e os seus, tomou do chapéu e da blusa do voluntario, cingiu a espada e marchou com os seus companheiros para o grande açougue da America, onde estavam mais em conflicto os caprichos dos chefes das nações belligerantes do que a honra e os interesses dellas mesmas.

O academico que trocára os commodos da casa paterna pelo relento ou a barraca com os perigos e contrariedades das estações, era dotado, como já dissemos, de uma compleição debil e doentia. Não tinha a natureza apropriada á vida militar.

Voltou da campanha pouco tempo depois sem haver tomado grande parte nella.

Se voltou com mais experiencia do mundo e mais conhecimento dos homens, trouxe tambem mais firmes, mais accentuadas as suas crenças politicas : o republicano philosopho se transformou em homem pratico.

Completoou então o seu curso interrompido por um acto patriotico.

*

Formado em direito, o sr. Martinho Prado Junior foi nomeado promotor desta capital e quando o presidente Tavares Bastos desenvolveu uma reacção pouco sensata, o nosso joven bacharel foi removido para Santos aonde um outro moço distincto, liberal e cumpridor de seus deveres, o dr. Francisco Quirino, havia sido victima de uma vingança menos digna.

O ex-voluntario da patria não accitou a remoção.

Já nessa occasião revelava repugnancia aos

empregos publicos e d'ahi em diante não quiz occupar posições de nomeação do governo, o que podia alcançar com grande vantagem.

Era já isso um indicio de que andavam errados aquelles que o julgaram facil de mudar de convicções por influencia da familia.

Por esses tempos casou-se com uma senhora distincta por suas qualidades e pertencente a uma honrada familia.

Espirito livre e independente preferiu a lavoura a outro qualquer meio de preparar o futuro á familia que acabava de constituir. Fez-se, pois, fazendeiro na parte mais rica e florescente do municipio da Limeira, na capella das Araras.

Dizem que elle *revolucionou* essa localidade ; fez-se missionario, advogado, mestre escola, negociante, e tudo quanto entendeu poder servir á sua causa, e em pouco tempo a capella das Araras foi elevada á villa, aonde elle é eleitor, vereador e pessoa de estima e influencia.

O dr. Martinho Prado Junior tem hoje apenas 33 annos, occupa um logar considerado entre os seus correligionarios, os republicanos, e é um dos membros da Commissão Permanente directora deste partido.

O estudante que se enthusiasmára pela fórma republicana, exposta pelo mestre de Direito Publico mais em voga na Academia, alistou-se logo nas fileiras do partido republicano, desde que elle se organisou no paiz.

Este facto deu-se naturalmente ; a tendencia de seu espirito, a sua indole pouco disposta ás fórmas do regim en auctoritario contra o qual se rebelára constantemente deviam mesmo leva-lo a occupar logar nas filas dos adeptos da republica.

Esse joven *imprudente, exagerado, o revolucionario* das Araras foi eleito deputado á Assembléa

provincial de S. Paulo, a qual funcionou no biennio de 1878 a 1879.

A eleição previa dos eleitores do seu partido o indicou para candidato entre mais cinco companheiros.

O eleitorado da provincia mandou-o á Assembléa com cerca de 560 votos, sendo de notar que seu partido apenas dispunha de 160 eleitores.

O deputado republicano conseguiu, portanto, o apoio de liberaes e conservadores.

As suas relações pessoaes, a influencia de sua familia, as sympathias do chefe republicano e a disciplina deste partido foram os grandes factores que produziram tão brilhante votação, de sorte que elle occupou o terceiro logar na representação da minoria.

*

O dr. Martinho Prado Junior é intelligente e tem tempo para entregar-se a serios estudos, conhece de perto e por experiencia as necessidades da lavoura e é bastante independente.

Em taes condições estava no caso de desempenhar no conselho deliberativo da provincia um papel importante; e de facto elle sahio-se brilhantemente do compromisso que tomou.

Póde-se dizer que o joven deputado republicano foi o orador mais popular da ultima sessão da Assembléa.

Mais tribuno que orador parlamentar, elle sabia dar ao seu discurso esse calor natural e esse toque de convicções que provocam sempre o entusiasmo e os applausos do auditorio.

Ainda assim elle deixou seus contrarios completamente convencidos de que os impetos de sua

indole fogosa hão de ser moderados pelos nobres intuitos do partido a que tão dignamente pertence.

*

O dr. Martinho Prado Junior tem percorrido grande parte do sul e oeste da provincia e em breve será um dos paulistas mais conhecedores della.

Seu nome por muitos motivos é estimado em uma vasta extensão da provincia de S. Paulo e começa a ser repetido com sympathia em algumas outras.

Em Pernambuco, principalmente na cidade do Recife e na capital da Bahia, seus discursos têm provocado enthusiasmo, e expontaneas manifestações de apreço ao representante republicano na Assembléa de S. Paulo.

O dr. Martinho Prado Junior está destinado a representar um papel importante na propaganda e organização da Republica no Brazil.

Quando elle reunir á sua coragem e independencia uma somma de conhecimentos positivos adquiridos na experiencia e no estudo dos mestres da philosophia moderna, será chamado a exercer uma acção directa e gloriosa nos destinos de sua patria.

Para chegar a essa posição basta-lhe ter vontade e saber estudar.

Julho de 1879.

R. P.

Não ha mulheres mais vacias do que as que estão cheias de si mesmas.

ALBERTO, FERREIRA & C.
CHAPELARIA DO GRANDE HOTEL

51---Rua de S. Bento---51

— 194 —

Este importante estabelecimento tendo relações com os principaes fabricantes da Europa e dos Estados Unidos, acha-se habilitado a desempenhar qualquer encomenda, quer por atacado, quer a varejo. Recebe por todos os paquetes lindo e variado sortimento de chapéus de todos os modelos, e altas novidades da ultima hora, para

senhoras, homens, meninas e meninos.

Brevidade e promptidão nas encomendas

Boa qualidade, preços fixos e rasoaveis.

Amizade

Divina amizade! thesouro inextinguivel que enriqueces meu coração, companheira inseparavel de meus passos, columna que elevas meu pensamento ao seio das nuvens, luz que illuminas meu espirito, doce amisade, eu te saúdo!

Celestial amisade! iman que attrahe, laço que prende, paixão sublime, sentimento nobre, digna-te de ouvir o canto de meu peito intumescido por tuas flammis e adoçado pelo mel de tua graça!

* * *

A amizade pura e nua é a maior das riquezas que o homem póde gozar na terra. Se a vida é um mar tempestuoso, ella é o leme que dirige o baixel; se é um verdadeiro deserto, ella é a nossa fiel companheira; se é um vasto cemiterio emfim, ella é ainda a saudade que germina em nossa tumba e que geme alli debruçada ao sopro da viração...

Tirae do mundo a amizade e dizei o que resta!
—Ardente fragoa de paixões ignobeis, voraz abysmo de crueis desenganos... a discordia que abraza tudo, a tristesa que enluta nossa alma.

Pela amizade o homem dobra por assim dizer seu ser! ella suppõe um pacto, uma alliança, em virtude da qual os amigos se obrigam a testemunhar uma confiança reciproca e auxiliar-se mutuamente: é esse vinculo mysterioso e doce que com-

prime dois corações em um só peito para confundir suas lágrimas e suas alegrias.

«Um amigo, disse Aristoteles, é uma alma que vive em dois corpos.»

E na realidade assim é.

Nossa ventura ou desdita, nossos prantos ou risos se tornam os de um amigo; de modo que nos tornamos identificados qual enxerto de estranhas arvores que enterlaçam as verdes ramas; e sua prudencia, sua fortuna e sua razão nos ficam pertencendo.

Um amigo verdadeiro e devotado é, pois, o complemento da nossa existencia, é o pulsar de dois corações que se contraem entre o anel da amizade, é a ostra que não deixa a rocha ainda mesmo depois de morta.

Quer na dita ou na adversidade o nosso amigo está conosco.

Na dita — é a sorte que nos bafeja, na desgraça — o ires da bonança.

O homem privado de amigos é um ente nullo que vive isolado, esquecido, repudiado, abandonado em um ermo desolante, sem ter quem possa enxugar suas lágrimas, acalmar suas inquietações: é flôr mirrada pelo sol da fatalidade que a borrasca tempestuosa arroja na torrente: é viandante perdido no caminho da romaria, sem uma estrella feliz que possa guiar os seus passos na vereda desejada, e sem ter uma só sombra onde possa repousar.

E, pois, sem amizade não se comprehende a vida. Ella é um raio de esperanza nas trevas de um condemnado, o balsamo consolador do afflicto, uma gotta de mel saboroso a entornar-se no travo da vida.

E' muitas vezes a coragem, e o valor, e tambem o grande estimulo das acções meritorias, de que a historia nos dá inumeros exemplos.

Não foi porventura a amizade que impozera ao grande Eras o sacrificio da propria vida, quando estava Marco Antonio cercado dos soldados de Augusto, e, vendo que era impossivel a sua salvação, lhe promettia a liberdade a troco de tirar-lhe a vida?

O que inspiraria este acto de abnegação e de heroismo? Despresou a liberdade e abraçou a morte!... Não seria acaso a amizade que levantára sua mão contra a sua propria existencia?

E o que levou Enoc a vingar a morte de Antipatro, quando Cingo, o ethiope miseravel, depois da morte de Herodes, souhára com sua patria, e emprehendera a viagem, levando-a em companhia? Qual o movel de sua vingança?...

Sublime amizade! diante de teu nome augusto a minha lyra emmudece, e é forçoso que eu me cale, cheio de assombro e de respeito!

Reconheço a influencia da linguagem humana para exprimir aquillo que é mais do coração do que do espirito...

EUGENIO LEONEL FERREIRA.

Dôr de viuva

Censurava se a uma mulher, viuva de poucos dias, e cuja união conjugal tinha sido duradoura e coroada de venturas, que ella manifestasse em publico pouco sentimento, e menos lagrimas indicativas do luto que lhe ia no coração:

—E' que não penso em tornar a casar, respondeu ella.

GRANDE HOTEL

53--Rua de S. Bento--53

Este hotel, o melhor e o mais barato, estabelecido no centro da cidade e em um magnífico prédio, especialmente construído para esse efeito, offerece aos srs. viajantes as melhores comodidades, tendo quartos e salas ricamente mobiliados aos reduzidos preços de 4\$, 5\$ e 6\$000 diários.

A mesa redonda é ás 9 horas da manhã e 4 da tarde.

Ha sempre commodos reservados para as exmas. familias.

A cosinha é dirigida por um distincto chefe francez. A adega é o que se póde exigir de melhor.

Ha no edificio banhos frios, quentes e de chuva a toda a ho a.

O estabelecimento tem uma caixa de correio para todas as estradas de ferro.

Os bonds que se dirigem ás linhas ferreas e arrabaldes passam á porta do hotel.

O proprietario, Carlos Schorcht

53—RUA DE S. BENTO—53

S. PAULO

Movimento popular em Santos a 29 de Junho de 1821

Pedimos venia ao «Diario de Santos» para transcrever para aqui o seguinte trecho de um de seus excellentes e interessantes artigos, relativos a factos historicos desta provincia.

.
Todos os movimentos populares trazem em si o cunho do medonho e terrivel, e em seu seio o germen da anarchia.

Quando porém, fazem parte desses movimentos, não o povo propriamente dito, intelligente e laborioso, mas uma soldadesca ébria de insubordinação, no delirio da rapacidade, e no empenho de vingarem em um só dia os vexames e afrontas de uma longa série de annos, não ha reflexão, não ha eloquencia por mais robusta que seja, que possa conter essa turba em delirio.

No dia 29 de Junho, o batalhão de caçadores aqui estacionado, sob o pretexto futil ou real de impontualidade no pagamento dos soldos, sublevou-se, apossou-se do armamento, da artilheria e do trem, campeou ufano, senhor do terreno que os pacificos habitantes desta cidade lhe entregaram, evitando assim o perigo ameaçador que aterrava a todos.

Os açongues, as fontes foram cercados pela soldadesca, e o povo, baldo de recursos, procurou abrigo nas mattas, nos sitios, e até na capital da provincia, para onde fugiram muitos a pé pela invia

estrada, que então punha em communição difficil e penosa, a villa de Santos com a cidade de São Paulo.

A soldadesca amotinada conduziu o governador Bento Alberto da Gama e o commandante do batalhão, tenente-coronel José Vicente de Oliveira, de baixo de escolta, ao quartel general dos sediciosos, onde foram obrigados a realisar os pagamentos atrasados.

Timidos foram esses dois chefes que não souberam dominar a sedicção, e acabrunhados de terror satisfizeram pontualmente as exigencias dessa insubordinada turba de soldados.

Apesar do diminuto numero de paisanos, mal armados e baldos de recursos, a luta se travou, e a desenfreada soldadesca, senhora absoluta do campo de batalha, ferida na rua Direita daquella villa, hoje cidade, prorompeu nos maiores desatinos, atirando a esmo cargas de fuzilaria contra o predio onde está hoje o Banco Mauá, e que era então habitado por uma auctoridade local; e ainda ha poucos annos se viam em uma das salas desse edificio cravadas no tecto, as balas que os amotinadores arremesaram contra o mesmo.

O governo da provincia deu logo de prompto as mais energicas providencias, e o muito conhecido e valente coronel Lazaro José Goncalves foi o encarregado de commandar a força destinada á pacificação desta sedicção militar.

Mais pelo tino do que pelo valor aquelle valente coronel conseguiu desarmar o batalhão e prender os cabeças.

Em frente ao forte, nas vergas de um navio denominado «Boa Fé», foram enforcados aquelles infelizes : Joaquim Rodrigues, José Furquim, e José Lontra.

Igual sorte coube mais tarde em S. Paulo a Cha-

gas, conhecido até hoje por Chaguinhas, e Cotindyba.

Se as execuções realizadas nesta cidade, levaram a dôr e o assombro ao seio deste bom povo, na capital da provincia, que não fôra testemunha occular daquella sedição, o sentimento foi mais profundo, a dôr mais prolongada, e o assombro mais intenso.

Chagas era moço ainda, de apparencia sympathica; apresentou-se perante o patibulo medonho, pallido, mas sereno e calmo; o povo o contemplou com sincera tristeza, e lagrimas sentidas se viram correr sobre as faces de muitos espectadores, que já nesses remotos tempos possuíam em seus corações bem formados uma fibra delicada que se revoltava em presença de tão severa quanto irreparavel pena.

Para cúmulo da consternação, ao cahir do cadafalso o infeliz Chaguinhas, arrebentou-se a corda, e o povo bradou Misericordia, e a irmandade respectiva procurou cubri-lo com sua bandeira; mas havia um poder mais forte; acima do sentimento estava a razão embora pouco esclarecida daquelles tempos de feroz despotismo; o sentimento foi suffocado pela necessidade do cumprimento da lei, e o juiz da execução mandou vir um laço do matadouro publico, e com elle se realisou esse acto de revoltante iniquidade a que os sabios da época chamavam execução da alta justiça do rei.

Chaguinhas e seus companheiros foram enterados no cemiterio que existe á entrada da capital, na rua da Gloria, e ainda ha pouco tempo as velhas beatas iam ajoelhar-se no portão desse cemiterio, accender alli algumas vellas e rezarem com verdadeira devoção pela alma do infeliz Chaguinhas, que reputaram sempre victima innocente de um erro da justiça humana.

LOJA DA CHINA

ESTABELECIMENTO ESPECIAL

DE

Chá, cêra e sementes

Está montado em condições de poder offerer aos seus freguezes as mesmas vantagens dos principaes estabelecimentos da côrte, para o que possui grande sortimento de

chá hysson, preto e verde e chá nacional,

em latas de todos os tamanhos e em caixas,

CERA EM VELAS DE TODOS OS TAMANHOS E MILAGRES DE VARIOS FEITIOS

Sementes de hortaliças e flores, chocolate, sagu, tapioca, araruta, maizena, mate em pó e em folha, -- objectos de escriptorio e outros muitos artigos.

24--Rua do Commercio--24

S. PAULO

À formação geologica do municipio de Pindamonhangaba

CONSIDERAÇÕES GERAES

A cidade de Pindamonhangaba, uma das mais apraziveis do nordeste desta provincia, está assentada sobre uma colina, ou planalto, á margem direita do magestoso rio Parahyba, e havendo tido os seus começos nos fins do seculo XVII, foi declarada villa por alvará de 10 de Julho de 1705, e elevada á cathegoria de cidade por lei n. 17 de 3 de Abril de 1849.

O respectivo municipio estende-se em uma e outra margem do referido rio, com a largura de cêrca de cinco legoas, de nascente a poente, e comprimento de cêrca de seis, de norte a sul.

A conformação ou aspecto hydrographico e oreographico deste municipio é o seguinte :

HYDROGRAPHIA : — Pelo centro, do poente ao nascente é atravessado pelo risonho e dilatado valle do rio Parahyba com suas varzeas, campinas, bosques e terrenos paludosos, cortados ao meio pelo grande rio em suas graciosas curvas.

Pela margem direita recebe elle as aguas de seus tributarios, os rios Una, Pirapitinguy e ribeirões do Borba, Carapautuba e Ypiranga; e pela margem esquerda as dos rios Piracoama, ribeirões da Ponte alta e Grande, não mencionando-se pequenos corregos ou regatos.

OREOGRAPHIA :—Este municipio é fechado ao norte e ao sul por duas altas cordilheiras ; ao norte levanta-se a magestosa e imponente serra do Parahyba, ramificação da serra da Mantiqueira, que margêa o valle do grande rio desde a provincia do Rio de Janeiro até os municipios de Jacarehy e Santa Izabel, desta provincia.

Ao sul levanta-se a serra do Quebra Cangalha, ramificação ou contra forte da serra do mar.

FORMAÇÃO GEOLOGICA :—Qual seria a conformação e aspecto dos terrenos deste municipio em tempos remotos e perdidos na immensidade dos seculos idos ?

Porque transformação passou ella ?

Em que época geologica emergio do seio das ondas ?

Em que época tomou a fórma com que se apresenta em nossos dias, ou periodo quaternario ?

São questões estas difficeis de resolver, e que só aos proficientes na materia, e não a um curioso compete elucidar.

Estudando-se, porém, actualmente as formações geologicas que alli se encontram, e se acham á vista n'um ou n'outro ponto, em um rapido lançar d'olhos e exame superficial nota-se o seguinte :

O valle do Parahyba, na profundidade de 4—6 8 e 10 metros, em relação á conformação actual dos logares em que isto se observa, é formado de uma camada de schisto argiloso e bituminoso, de estratificação regular e concordante, que varia de 2 a 4 metros de espessura, denotando ser formação antiquissima de agua doce, e fazendo crer que em tempos remotos alli existio um grande lago.

Neste schisto não foi possivel encontrar vestigios de animaes ou fosseis, apreciaveis á simples vista.

Sobre esta formação encontram-se camadas

argilosas e arenosas ou silicosas ; terrenos de aluvião, relativamente modernos, ou da época quaternaria.

Em que época se levantaram as duas grandes cordilheiras, e qual a sua formação geologica ?

Percorrendo se em varios pontos do municipio o sopé da cordilheira ou serra do Parahyba, encontra-se uma camada de grès (parecendo ser o grès privado dos Allemães), composto de silica ou quartz, que predomina em uns logares e silica e mica n'outros, cuja espessura não se póde bem avaliar ; mas parece ser possante.

Nesta formação não se encontra tambem vestigio algum de fosseis.

Prestando-se attenção nota-se que esta camada já estava formada quando teve logar o levantamento da grande cordilheira, porque em alguns logares vê-se claramente a rocha levantada no sentido paralelo da cordilheira, com a inclinação de 40 a 45 grãos, nos valles ; nos contrafortes, porém, e sobre elles, ella foi erguida, quebrada em grandes e pequenas massas e lançada desordenadamente sobre os mesmos contrafortes, suas escarpas e valles.

Se este grès, como parece, é da época da transição archeana, (hypothese) o levantamento teve logar na época ou periodo secundario, (paleosaico inferior).

Examinando-se a cordilheira, os terrenos e rochas levantadas, nella predominam as rochas gneissicas e graniticas, com variada composição ou dose de quartz, feldspath e mica, encontrando-se em varias, veios e massas de quartz hyalino, fragmentos de grès em alguns logares, e n'outros algumas rochas talcosas.

Rochas estas denominadas primitivas e metamorphicas.

Na serra do Quebra Cangalhas a formação é a

mesma que fica descripta ; apenas n'um ou noutra ponto encontram-se alguns veios de rochas em que o ferro se apresenta claramente.

E' notavel não encontrar-se neste municipio rochas calcareas, que se manifestem á vista, apesar de procuradas com empenho por quem escreve estas linhas ; o que não quer dizer que ellas não possam existir, porque encontram-se nos municipios vizinhos de Taubaté e S. Luiz.

Transpondo-se a serra do Parahyba para os lados dos campos do Jordão e de S. Bento de Sapucahy-mirim vê-se que alli predominam as mesmas formações da sobredita serra ; nas proximidades, porém, do rio Sapucahy-mirim ao lado de suas cabeceiras, encontram-se as rochas trachyticas e dioriticas (rochas volcanicas) cuja decomposição produz a terra rôxa, que alli existe, egual ás do oeste da provincia.

Encontram-se tambem nos campos do Jordão fragmentos de rochas pegmaticas, nas quaes o feldspath já se acha em completa decomposição.

Os terrenos do municipio de Pindamonhangaba são o producto da decomposição das rochas descriptas e dos destroços vegetaes de longo tempo accumulados ou acarretados pelas aguas.

A sua fertilidade provém dos elementos que lhes fornecem aquellas duas fontes donde elles se derivam.

Aventando estas idéas e aventurando as considerações que ahi ficam expendidas, não nutrimos a convicção de que temos acertado.

Levado unicamente pelo amor á sciencia agitamos a materia, como simples curioso, para que os profissionaes a elucidem, no interesse da mesma sciencia e em beneficio de nossa patria.

S. Paulo, 1.º de Outubro de 1879.

M. MONTEIRO DE GODOY.

PLANTAS E SEMENTES

NA LOJA DA CHINA encontra-se sempre um variado sortimento de plantas de **Fruito, ornamento e sombra** bem como sementes de hortaliças e flores.

As sementes recebem-se directamente da Europa, de um dos melhores estabelecimentos hortícolas em duas remessas annuaes afim de conservarem-se sempre frescas e garante-se suas qualidades e germinação.

Encarregamo-nos de remetter pelo correio, com promptidão, qualquer encomenda de sementes, que seja dirigida ao estabelecimento, assim como se distribuem, gratis, catalogos das plantas e sementes

GARCIA & SARAFANA

24--Rua do Commercio--24

LOJA DA CHINA

S. PAULO

ESCOLA MODELO

INSTRUÇÃO PRIMARIA

SEGUNDO O VANTAJOSO SYSTEMA

DO

DR. JOÃO KOPKE

MATERIAS DE ENSINO

Leitura - Arithmetica pratica—Calligraphia—
Grammatica portugueza—Francez - Inglez—Lições
de cousas—Conhecimentos uteis—Grammatica—
Deveres e direitos do cidadão—Moral—Preceitos de
hygiene.

Curso primario	9 ás 12 horas
» secundario	9 ás 2 »

Mensalidades em trimestres adiantados 10\$000

ENSINO RACIONAL E PRATICO

Rua da Boa-Vista--52

S. Paulo

Informam : Drs. Americo Braziliense, Americo de
Campos, Rangel Pestana e sr. J. M. Lisboa.

S. Paulo

A MATHIAS DE CARVALHO

Odalisca das terras brasileiras,
Mimosa filha dos Tupas indianos
Em teu solio de luz enthronisada,
O' salve, Paulicéa !

Sobre combros de areia alvinitente
Arrastas purpurino manto egregio
E mergulhas a fronte vaporosa
Sob um cocár de estrellas !

Pejam-te o seio as emoções beatas,
Os ócios santos de phalanges sacras
Que outr'ora os campos do Brazil inçaram
De cathequezes lôrpas !

E, de mistura, a mocidade ardente
Sonhou renome nas noivadas êrmas,
Quando a saudade de um viver ditoso
O peito entumecia...

Ou quando a patria, marejando prantos,
Nella acordava o sentimento nobre
Desse altruismo que inspirára aos vates
O amor das liberdades !

Aqui a Lyra do precoce genio
Emmudecêra pela trevoa infausta
Aos vinte annos!... arrancando aos évos
Um mundo de esperanças !

Por ti as azas desprendendo afoita
Alçára o vôo ás regiões etereas
A aguia altiva dos bahanos sêrros
Em busca do infinito !

E o bardo eterno que cantou Anchieta
E cujo accento as solidões percutem,
Aqui, primeiro, revelou se grande
Ao fogo de teus beijos !

Inda perpassam pelo ar as notas
De tantas lyras que encarnaram goivos
E tudo falla desses tempos idos
De recordar tão cheios !

Bebem-se ainda as cantilenas meigas
Na brisa errante que adormenta as flores
E os céus alimpa da garôa tenue
Nos dias mais jocundos !

Terra dos sonhos, dos scismares languês,
Do amor, da gloria, das volupias ternas,
Nunca abrigáras no teu peito virgem
O negro despotismo...

Nunca ! E este povo que agonisa lento
Ao ferreo jugo do ignobil mando
Em vez de queixas só teria n'alma
Os hymnos do trabalho.

Possas, em breve, resgatar teus erros,
Quebrar o ceptro á tyranna régia,
Erguer de novo ás gerações— o grito
De Independencia ou Morte !

S. Paulo, 4 de Maio de 1879.

JOSE' LEÃO.

Arómatographia

Se alguma vez tentasse, ó minha doce amada !
Na tela desenhar teu nobre busto hebreu,
Não iria pedir—bucolico Dirceu
A' neve, á rosa, ao lirio, á tinta delicada.

A gazella medrosa, a pomba assetinada,
O ébano, marfim, o sol, o azul do céu,
Nada tinham que dar-me, ó fouveiro escarceu,
Flamma alongada em lago onde minh'alma nada !

Perfumes na palêta, em vez de tintas, pondo,
Derramára o beijoim no teu seio redondo ;
Nos labios a mordente escallonia ; - no olhar

A magnolia, que lembra um antarctico mar ;
E a rajada do sul, impregnada de aromas,
Pintára o turbilhão das tuas negras cômas.

M. DUARTE D'ALMEIDA.

LIVRARIA, PAPELA-

DE

A. L. GAR- S. Paulo--Rua da Impe-

Em principio do anno de 1880, esta casa completará 20 ANNOS de existencia e as suas relações commerciaes adquirem maior extensão de dia para dia. E' um titulo inexcedivel á confiança publica, uma garantia para todos que a ella se dirigem.

O seu sortimento DE LIVROS, em todos os ramos, rivalisa com o maior existente no Brazil.

A papelaria é outra especialidade desta casa. Tem egualmente uma TYPOGRAPHIA perfeitamente montada que a habilita a apromptar todo e qualquer trabalho neste ramo de industria.

Este estabelecimento recommenda-se, pois, a todos que precisarem de

Livros, em linguas patria, franceza, ingleza, latina, hespanhola, italiana, allemã.

PAPEIS e objectos para escriptorio

Papeis para cartas, desenho, officios, jornaes, trabalhos typographicos, cartões em folha e recortados, de todas as qualidades

Papeis pintados, nacionaes e estrangeiros.

RIA E TYPOGRAPHIA

RAUX & C.

matriz, 36 e 38--S. Paulo

BELLAS ARTES

Gravuras, photographias, ricos quadros, molduras ;
todas as tintas para aquarella, pintura, pastel ;
papeis especiaes, tela e outros instrumentos
indispensaveis para esta arte.

Objectos de phantasia

Um incomparavel sortimento de objectos para presentes, que pela sua variedade acha-se ao alcance de todas as classes.

Jogos de salão, xadrez, etc., etc.

VINHOS

Bordeaux em quartolas e caixas—do Rheno, em caixas,—Champagne,—Vermouth,—Cognac—Licores—Xaropes. Tudo das melhores marcas.

Charutos de Havana

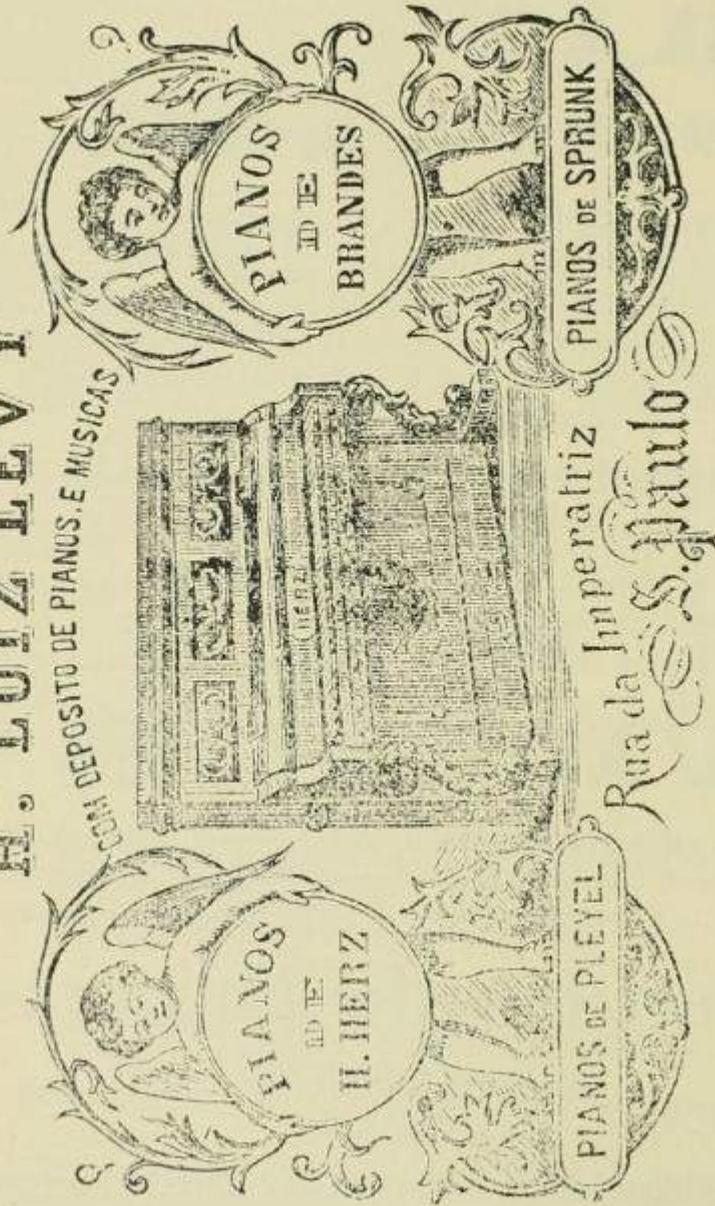
legitimos, garantidos

Os catalogos desta livraria são distribuidos gratuitamente a todos que os pedirem, tanto nesta capital como em qualquer ponto do interior da provincia.

PIANOS DE CHICKEING

H. LUIZ LEVY

DEPOSITO DE PIANOS E MUSICAS



PIANOS DE KAPS

Instrumentos de madeira e metal para banda e orchestra, musicas, objectos á phantasia, perfumaria, charutos de Havana, cachimbos, piteiras, fumo de todas as qualidades, papel de musica pautado de todos os formatos, etc., etc.

Significação dos nomes indigenas das cachoeiras do rio Tieté, desde o Salto de Ytú até a foz

Itu-quassu — *Itu* salto *quassu* grande. Salto grande de Itú.

Atuay—*atud* quer dizer cogote-y-agua. Agua em que lavaram o cogote.

Itâoucú—*Itu* cachoeira *púcú* comprida. Cachoeira comprida.

Arđcucaia—*Arđ* cabello—*cucia* puxado, pela etymologia se deprehende que foi encontrado nessa cachoeira algum corpo preso pelos cabellos.

Acaanguera—quer dizer *caveira* por se terem encontrado esses restos neste logar.

Jeru-merim — *Jeru* significa boa—*merim* pequena. Esta cachoeira tem o canal muito estreito.

Avaré manduava—*Avaré* padre, *manduava* morrer. Ha tradições de ter alli morrido um padre.

Itu nhaem—*Itu* pedra, *nhaem* fular—por existir nesta cachoeira uma especie de éco.

Tiririca ou *yxururuca*. Agua que está fervendo.

Itu gassava—*gassava*, atravessar, por ter neste logar uma cinta de pedra que atravessa o Rio.

Pira pora—*pira* peixe, *pora* salta—logar em que o peixe salta para subir o rio na occasião das secas.

Bujui—é um passaro especie de andorinhas que fazem seus ninhos nas pedras das cachoeiras.

Sapupema é uma especie de figueira que dando grandes raizes fazem dellas, gamelas etc.

Baenharon—*bae* é cousa *nharon* brava. Ha tradições que um bicho marinho, neste logar apparecera a um dos primeiros navegantes, e que desaparecêra fazendo levantar grandes ondas.

Nhapanupá - quer dizer espancado: por se ter dado nessa cachoeira uma luta entre dois indios.

Patunduba—escurecer a vista; por ser este um estirão grande do rio, que com a vista se não alcança bem o fim.

Itapud—*pu* quer dizer redonda. A figura da pedra desta cachoeira, se deve ao seu nome.

Baruery—por esta cachoeira receber as aguas de um ribeiro em que tem o *baruery*—uma especie de cactu, que dá flores vermelhas e a semente é preta.

Sapé—palha com que se cobrem casas.

Vamicanga, ou *Guimicanga*—*Guai* quer dizer velha, *canga* osso: vem a dizer osso de velha.

Avanhandava—quer dizer—*Ava* gente—*nhandava* correr. Ha tradições que um *sucury* de extraordinaria grandeza enlaçou a um indio para o engulir, e que este com a faca que trazia lhe cortou o espinhaço e salvava-se. Então correram todos, e d'ahi tomou o nome o logar.

Escaramuça, é uma cachoeira que pela sua configuração parece um cavallo escaramuçando.

Ytupanema—*Ytu* cachoeira, *panema* mal succedida.—Tomou este nome devido a terem nella naufragado varios navegantes, pela difficuldade de sua passagem.

Araracanguava—*Arara* o passaro arara, *canga* cabeça - *guava* comer ; lugar em que comeram cabeça de arara.

Itupeva — *peva* quer dizer chata. Cachoeira chata.

Vaicurytuba ou *Guaicurytyba*. *Guaicury* é uma especie.

Pirataraca.—*Piza* é peixe, *taraca* estalo. Tomou este nome porque neste lugar os peixes faziam rumor como estalo.

Ytupirú ou *Ytupiry*, quer dizer *pyry* secca.—Cachoeira secca.

Itapura.—*Ita*, pedra—*pura*, ponta : cachoeira de ponta de pedras.

Esta é a ultima cachoeira do Rio Tieté, 3 e meia leguas acima da foz no rio Paraná, cuja foz tem 70 braças de largura.

Os nomes indigenas dados a diversos logares é devido aos primeiros paulistas que andando sempre acompanhados de indios baptisavam os logares com qualquer nome a que um pequeno successo dava causa.

Este trabalho feito com o auxilio das notas do Diario da viagem que fez o dr. Francisco José de Lacerda e Almeida nos annos de 1780 a 1790 pelas capitancias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso e S. Paulo.

Se nos permittir o tempo continuaremos este pequeno trabalho em relação ás cidades, villas, rios, etc., desta provincia.

Salto de Ytú, 14 de Agosto de 1878.

F. I. X. D'ASSIS MOURA.

A poesia

Quando ella appareceu brilhando no horizonte
C'os lindos cachos louros a fluctuar na fronte,
No orbe derramando a luz da inspiração,
O povo levantou-se frenetico, extasiado
Mirando o anjo lucido nas nuvens levantado
Qual bella estrella vestida no seio da amplidão.

Da mão m'oliosa, eburnea pendiam-lhe mil flores
Que além sobre os espaços soltavam seus odores;
Vestia alvas roupagens de gaze e de setim.
Com a fronte reclinada por sobre as nebulosas
A virgem desfolhava as peregrinas rosas
Nascidas no seu seio de candido jasmim.

Volveu os olhos ávidos—a França estava em frente,
Além viu ella a Italia, a Grecia florescente
No seio das montanhas a virgem descobriu.
Cercada pelos mares sorria-lhe a Inglaterra,
E a virgem soberana desceu então á terra
Sagrando os grandes genios que o mundo todo viu.

A Grecia amamentou no seio montanhoso
O celebre poeta—Homero—tão grandioso
Que o mundo admirado os cantos lhe escutou.
E a França reclinada por sobre o mar extenso,
Radiosa de alegria, um Lamartine immenso
Nos braços alvinitentes ao mundo apresentou.

E lá da bella Italia, vagueando em sólo erratico
O Breuta caudaloso contou ao Adriatico
Que Dante, Alfieri e Tasso subiram ao capitolio.
Tambem a Inglaterra qual garça em mar estranho,
Soberba, mas sublime, contou ao mundo immenso,
Que Byron, Milton e Pope nasceram no seu solio.

E a deusa da poesia, esse archanjo sublimado,
Correu a Europa inteira e no vôo arrojado
Transpôz o oceano Atlantico e veio aqui pousar.
Sagrou em Portugal a frente de um Camões,
Depois sublime, eterna, os filhos dos sertões
A deusa soberana aqui veio sagrar.

Depois voou aos ares nas nuvens fez seu throno
Com a frente reclinada em languido abandono
Os olhos alongou per sobre as vastidões.
De lá co'a taça eburnea—a taça inspiradôra
A virgem derramava á frente pensadôra
Milhões de sonhos lindos, sublimes inspirações.

Então sublime a deusa fulgindo nos espaços,
Aos seus predestinados volvia os olhos, os braços
Transpondo a immensidade palpava os corações
Dos grandes pensadores. E a virgem soberana
Sorria-se contente, e Venus outr'ora ufana
Perdia o brilho eburneo aos magicos clarões.

E o mundo admirado ajoelha ante essa estrella,
A terra ao céu pergunta — quem é a virgem bella.
O mar pergunta ao vento—conhece aquelle Deus ? !
E o vento forte é rapido percorrendo a immensidade,
Pergunta á gruta, ao prado, ao ermo e á cidade.
Acaso conheceis a virgem lá dos céus ?

Depois surgem cem lyras cantando a liberdade,
A gloria, a creação e a Deusa—Immensidade—
Que a sua luz divina gravou em cada fronte.
E o mar parado escou a essa harmonia infinda,
E o vento que corria parou e dice—é linda
A deusa da Poesia brilhando no horisonte !

Salve ! tres vezes salve ! archanjo da Poesia,
Que a tua luz sublime, repleta de magia
Gravaste soberana na fronte das nações !
Salve ! tres vezes salve ! archanjo dos espaços
Que alongas magestosa, soberba, os lindos braços
E vem palpar de manso os grandes corações !

Quando ella appareceu brilhando no horisonte
Co'os lindos cachos louros a fluctuar na fronte
No orbe derramando a luz da inspiração,
O povo levantou-se frenetico, exta-iado
Mirando o anjo lucido nas nuvens levantado
Qual bella estrella vesper no seio da ampidão !

Pindamonhangaba, 28 de Junho de 1879.

PAULO OROSIMEO.

Innocencia

Dizia certa *morena*
que ser branca apetecia :
—que desgraca, pois não vês ?...
o café que a mãe bebia,
quando estava em gravidez,
fez-me parda... que *arrelia* !

Frei Gaspar da Madre de Deus

Natural da provincia de S. Paulo, onde nasceu em 1714 na villa depois cidade de Santos, Gaspar, que no claustro tomou o nome religioso de Madre de Deus, foi filho legitimo do coronel Domingos Teixeira de Azevedo e de d. Rosa de Cerqueira Mendonça, de familias nobres e ricas da então capitania.

Orpham de pae ainda em tenra idade, á sua zelosa e digna mãe deveu sollicita educação até que aos dezese e annos, despresando a riqueza e a condição nobre que tantos gosos e grandezas lhe permitiam na terra, recolheu-se ao claustro benedictino, e acompanhando o provincial frei Antonio da Trindade, veio ao Rio de Janeiro e seguiu para a Bahia, onde com outros entrou no noviciado a 4 de Agosto de 1731, sendo abbade no mosteiro frei João Baptista da Cruz, seu tio avô pelo lado materno.

Professou e seguiu severamente os estudos do mosteiro.

A 10 de Agosto de 1743 abriu como lente de theologia a sua aula : distinguiu-se no magisterio, e não menos na tribuna sagrada, pregando muitas vezes de improviso e com admirada erudição e eloquencia.

Renunciando a abbadia em S. Paulo e o logar

de definidor para o qual foi eleito em 20 de fevereiro de 1756.

Abade do mosteiro do Rio de Janeiro dous annos e quatro mezes, governou exemplarmente. Fez guardar exacta observancia do seu instituto, zelou a pompa e esplendor das solemnidades do culto divino, deu todas as segundas feiras jantar aos presos da ilha das Cobras, liberalizou aos pobres avultadas esmolas destribuidas com prudencia e cuidado, para que ellas coubessem aos mais necessitados; enriqueceu a bibliotheca do mosteiro com livros novos, e tomou habil conservador e encadernador para restaurar os livros velhos e estragados pela traça, e administrou habilmente os bens do mosteiro.

Eleito provincial na junta de 5 de Agosto de 1768, a 6 do mesmo mez e anno declarou renunciar o logar, e recolheu-se ao mosteiro de S. Paulo.

Escreveu no Rio de Janeiro, quando era abade, a relação chronologica de todos os documentos do patrimonio do mosteiro.

Em S. Paulo e depois de 1768 escreveu as Memorias para a historia da capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, do Estado do Brazil, publicadas em 1797 de ordem da Academia Real das Sciencias, sendo esta obra de grande e reconhecido merecimento.

(Do Anno Biographico Brasileiro).

A economia, que é filha da ordem e da diligencia, é um grande rendimento, dizia Cicero. Fontenelle accrescentava: A economia, que é uma virtude, é uma necessidade na pobreza, um acto de juizo na mediocridade e na opulencia um vicio.

LIVRARIA POPULAR

DE

ABILIO A. S. MARQUES

Rua da Imperatriz. 35 A

Nesta livraria encontra-se sempre um variado sortimento de livros em lingua portugueza, nacionaes e estrangeiros, francezes, inglezes e hespanhóes, sobre todos os ramos do saber humano.

Tendo correspondentes especiaes em Portugal recebe todas as novidades que alli apparecem, sempre primeiro que outra qualquer casa de S. Paulo ou do Rio de Janeiro.

Encarrega-se de mandar vir da Europa qualquer encomenda mediante pequena commissão.

Tem um completo sortimento de objectos de escriptorio

Bonita e variada colleção de livros de missa encadernados em marroquim, chagrin, marfim e madreperola.

Lousas para escrever

Quadros de gutta-percha, substituindo perfeitamente as lousas

Papel forense, de linho, qualidade superior, proprio para escrivães e advogados

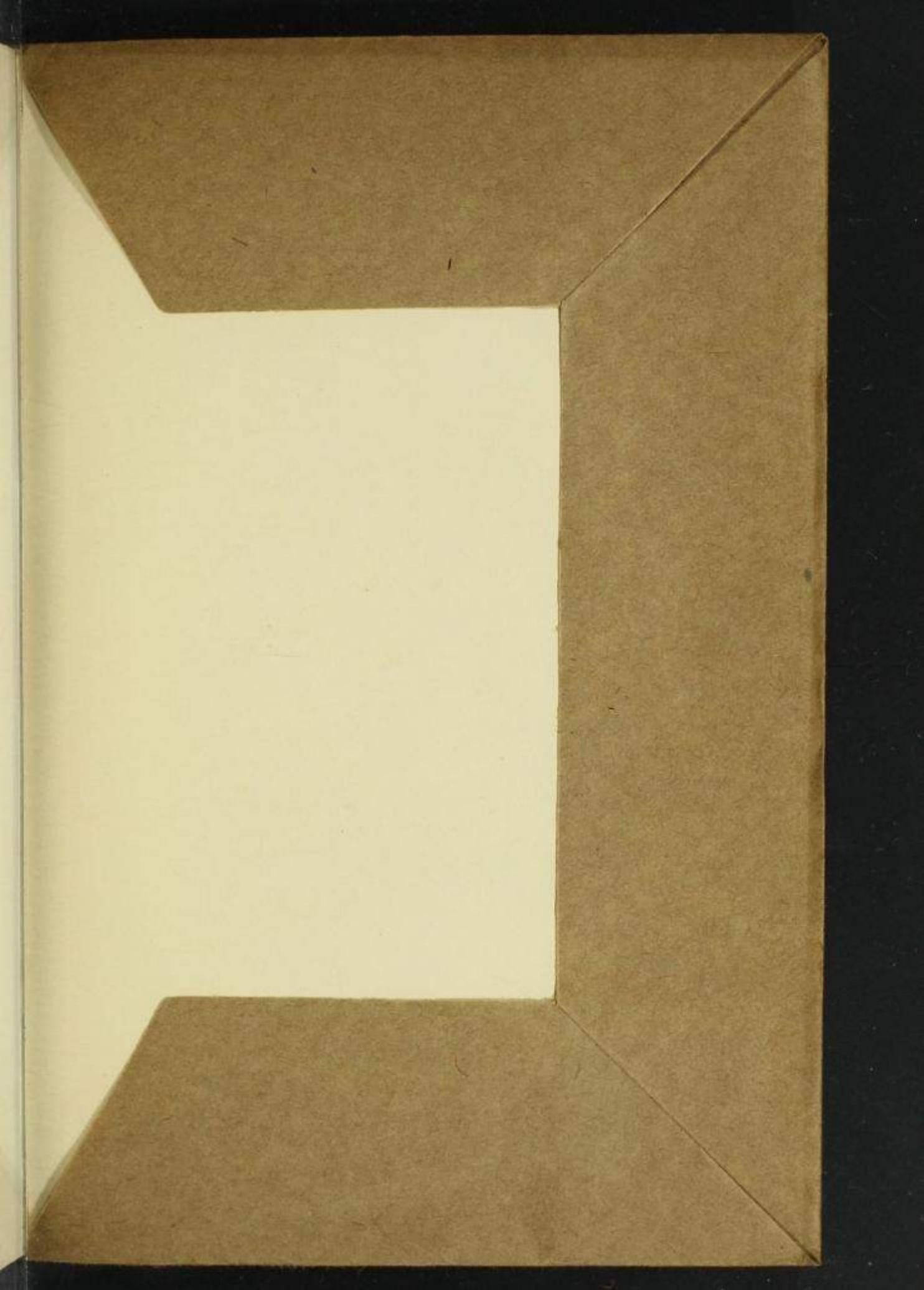
E muitos outros artigos

RUA DA IMPERATRIZ, 35 A

Defronte da «Provincia de São Paulo»

TYP. DA «PROVINCIA»—1879.

011709



Governo do Estado de São Paulo
Governador José Maria Marin

Casa Civil
Secretário Calim Eid
Imprensa Oficial do Estado

Secretaria de Estado da Cultura
João Carlos Martins
Arquivo do Estado

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo